

tern atravessa as propriedades da Usina do km. 23 ao km. 31; entre as estações de Itamaracá e Muricy existem 3 propriedades da Usina cortadas pela via ferrea do km. 55 ao km. 64.

A Usina fabrica assucar Demerara 96 % ou crystal branco 99 %.

As cannas plantadas nos terrenos da Usina são as seguintes: rosa, cayanna, pitú, fita ou imperial, solangor, crystallina.

D'estes qualidades as que têm dado os melhores resultados nas analyses são: a rosa, a cayanna e a pitú.

PRODUÇÃO DE ASSUCAR  
DAS SAFRAS  
DE 1910-11 A 1920-21

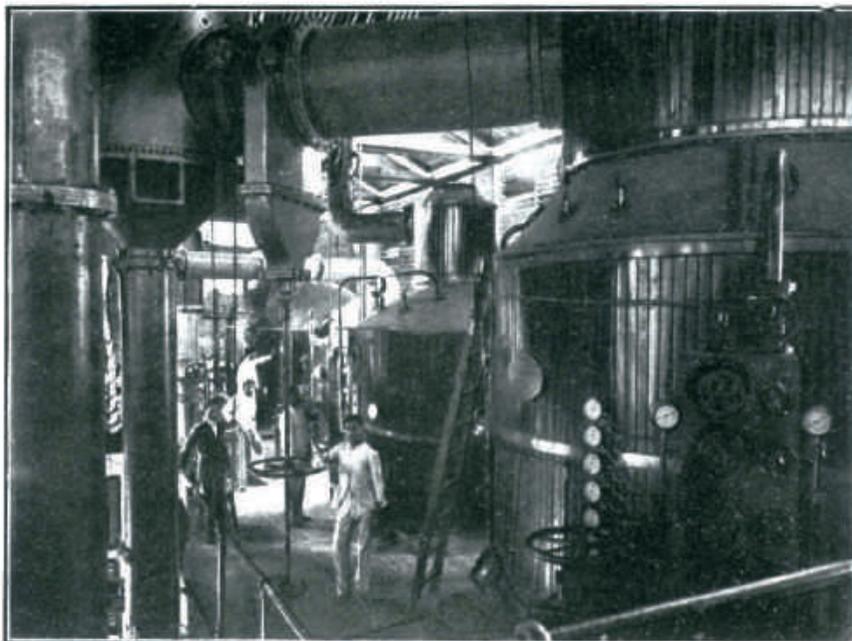
(em saccos de 60 kilos)

Saíra de	1910-11	saccos	55.000
»	1911-12	»	55.000
»	1912-13	»	68.000
»	1913-14	»	68.500
»	1914-15	»	90.000
»	1915-16	»	66.000
»	1916-17	»	116.000
»	1917-18	»	97.000
»	1918-19	»	91.000
»	1919-20	»	63.000
»	1920-21	»	154.000

**Fazenda Valparaiso** do sr. Zacharias Lyra, situada no municipios de S. José da Lage, propria á cultura da canna e criação de gado, com uma extensão de 4 kms. O snr. Zacharias Lyra é um criador meticoloso que observa os methodo racionais aconselhados á sua industria, fazendo selecção do seu gado, pertencente ás raças crioula, zebú e taurina num total de 700 cabeças. Alem desta possui ainda a propriedade S. Roque com a extensão de 63 kilometros.

A média da produção de cannas é de 5.000 toneladas por safra. A fazenda Valpaiso é servida por optimas estradas de rodagem, pela estrada de ferro da Usina Serra Grande e ainda pela Great Western cujas estações Serra Grande e Lage distam apenas 4 kilometros.

**Usina Campo Verde**—E' sem duvida a mais nova das fabricas de assucar montadas no Estado, tambem situada no municipio de Muricy. A firma Maia & C.", especialmente organizada para esta empresa, importou machinismos americanos com capacidade para espremer cerca de 250 toneladas



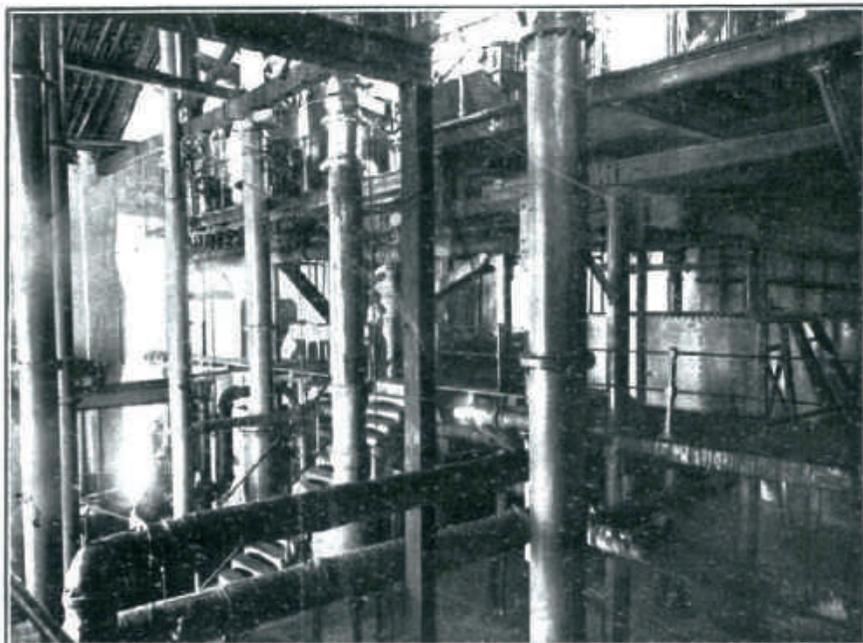
Secção de grandes vacuos da Usina Leão



S. Luzia do Norte - Buffalo obtido na Fazenda da Usina Leão

de canna nas 24 horas, podendo fabricar toda especie de assucar do grã-fina ao mascavo de terceiro jacto. Conjunctamente tratou a firma de montár poderosos alambiques para a fabricaçao de aguardente e alcool. Os productos da Usina Campo Verde são exportados por intermedio da firma Maia Gomes & C.", seus depositarios em Maceió. Escripatorio: Rua Barão de Jaragua 35. End. teleg. *Campo Verde*.

**Usinas Serra Grande e Apollinario** e fazendas annexas a Serra Grande. Esta fabrica de assucar é uma das mais importantes do Estado. Dotada de magníficos aparelhos: moendas, purificador, triplices effeitos, vacuos, etc., está apta a fornecer todos os typos de assucar de 1º, 2º e 3º jactos. Ultimamente o C.<sup>al</sup> Carlos Lyra, seu proprietario,



Outro aspecto interno da Usina Leão

fez aquisição de optimos economisadores *Green* que corrigem de maneira satisfactoria os grandes gastos de combustivel. Alem disto o C.<sup>el</sup> Carlos Lyra fez construir grandes e custosas barragens para um açude que aproveita aguas de varias vertentes inclusive as do riacho Canhoto, montando em seguida um sistema de turbinas hydro-electricas cuja força é destinada a mover a sua fabrica.

A propriedade que serve á usina é bastante vasta e accrescida de algumas outras adquiridas successivamente, representando um modelo de administração a ser imitado.

Alem de 32 kilometros de estrada de ferro com 18 desvios, Serra Grande conta 52 kilometros de estrada de rodagem servidas por varias pontes em madeira e alvenaria e uma em cimento armado;

Estas estradas, põem em communição as diversas propriedades tambem servidas por uma extensa rede telephonica. As propriedades acima referidas são, entre outras, *Camboim, Riachão, Santo Antonio, Giboia, Pombal, Areias, Bom Jesus, Transvaal, Orange, Apollinario, Canivete, Varzea Bonita, Tocos, Guzerat e Mundo Novo*, umas destinadas á cultura da canna, outras á criação de gado.

A capacidade de Usina Serra Grande é de 130 toneladas em 12 horas de trabalho e da Apollinario de 80 no mesmo espaço de tempo. A primeira é tambem dotada de 3 grandes alambiques de sistema moderno, que distillam cerca de 1500 litros de aguardente em 10 horas.

Como já tivemos occasião de alludir, quando tratamos do municipio de Lage, a actividade do C.<sup>el</sup> Carlos Lyra porem, não se limita apenas á industria assucareira, cuja situação elle já em 1919 julgava precaria em futuro muito proximo, como succedeu. A pecuaria tem no illustre industrial um forte, intelligente e apaixonado cultor e propagandista. Effectivamente, ha cerca de 25 annos se mostrava o C.<sup>el</sup> propenso á importação do zebú indiano. Para esse fim preparou nas suas propriedades, accomodações necessarias para iniciar essa industria, dissuadindo-se porem do intento depois da leitura de memoriaes e monographias de Assis Brazil, Travassos Bernardes, Luiz Barretto e outros inimigos da raça Zebú.

Preparou-se entretanto para empreehender a criação do gado crioulo. Isto foi em 1902. Adquiriu pouco depois alguns exemplares de mestiços zebús



S. José da Lage - Residência do C.<sup>el</sup> Carlos Lyra, na Usina Serra Grande, proprietário desta, da Usina Apollinario, fazendas annexas de criação Varzea Bonita, Guzerat e Tocos e tambem do importante organ da imprensa brasileira "Diario de Pernambuco"

procedentes de Bahia e Sergipe que não deram bom resultado como reproductores.

Decorridos 14 annos, em 1916, fazendo uma estação d'aguas em Caxambú, teve oportunidade de relacionar-se com diversos fazendeiros do Triangulo Mineiro que o induziram a visitar aquella região, o que fez, a começar pela feira de Trez Corações, onde poudé observar a preferencia de todos os compradores, representantes de varios frigoriferos e matadouros de S. Paulo e Rio de Janeiro, pelo mestiço zebú.

Em visitas que successivamente fez a outras circumscripções do Triangulo e principalmente a Uberaba, centro daquella zona, hoje rica prospera e feliz devido ao incremento da criação do zebú para alli importado desde 1878, e na presença de tantos factos, cada dia se accentuava no espirito do snr. Carlos Lyra a idéa de tornar aos antigos projectos, deliberando então adquirir 35 especimens das raças Nellore e Guzerat. No anno seguinte



Rebanho de gado zebú (Nellore) em uma solta da Fazenda annecta á Usina Serra Grande

em que as visitamos, cerca de 2.000 cabeças de gado puro sangue e 2500 bovinos com 50% crioulo e 50% de mestiços de Caracú e Hollandez.

A população rural da Usina Serra Grande é de cerca de 2500 almas abrigadas em 500 fogos. A Usina mantem um externato mixto para crianças, uma escola noturna para adultos e um medico assistente, alem de uma capella licenciada onde se celebram os actos religiosos.

#### Fazenda Agua Branca

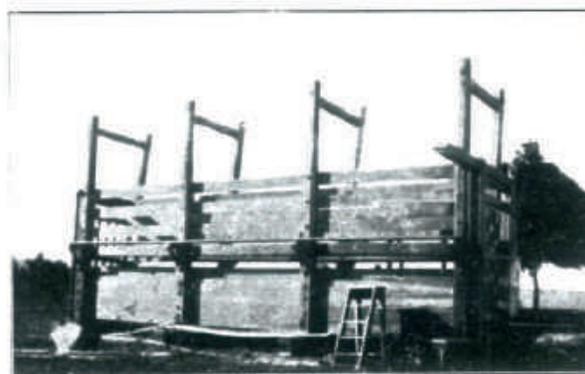
—Esta propriedade pertencente ao sr. José Malta



Edifício da Usina Serra Grande

adquiriu ainda na exposição pecuaria do Rio de Janeiro os dous reproductores *Bijou* (Guzerat), e *Guarany* (Nellore) pela elevada somma de 16 contos de reis, com os quaes vem fazendo uma intelligente e escrupulosa selecção. O que tem sido essa iniciativa demonstra-o evidentemente o interesse despertado em todos quantos se occupam do assumpto no nordeste brasileiro. Oxalá que exemplo tão edificante fosse imitado pelos nossos criadores sertanejos que ainda hoje apegados a um sistema decahido, por absurdo e irracional, sem methodo nem disciplina, continúa o erro varias vezes secular da criação á gandaia nos campos sem limites das caatingas.

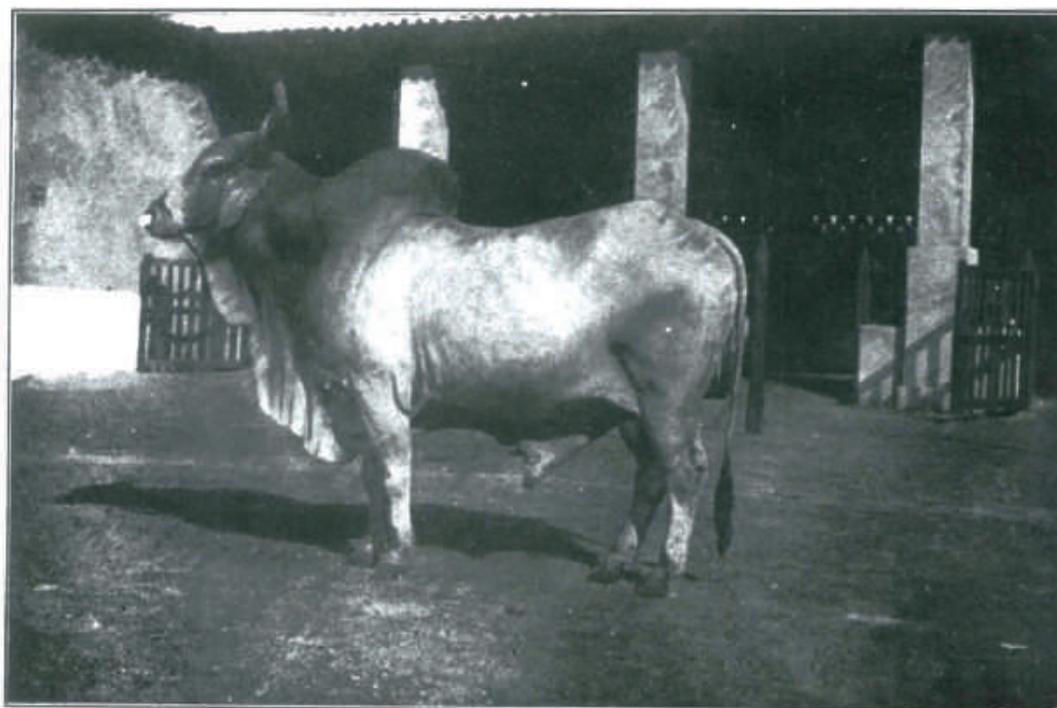
Nas diversas fazendas, annexas á Usina Serra Grande, accumulava o C.<sup>el</sup> Carlos Lyra, ao tempo



Serra Grande - Tronco para amansar bovinos

de Sá Filho, no município de Muricy, merece uma referência especial pois é uma das poucas fazendas

Branca é riquíssima de bom pasto, água potável e madeira.



Serra Grande - Bijou, reproductor puro sangue zebú, campeão do Nordeste conhecido em todos os grandes centros de criação do país. Custou ao seu proprietário C. el Carlos Lyra a somma de 12:000\$000, na primeira exposição pecuária do Rio de Janeiro

onde a criação do gado se faz com todas as medidas adoptadas pelos criadores experientes.

Mantem o proprietario o seu gado seleccionado em soltas absolutamente fechadas ao trafego, sem caminhos nem porteiras ou cancellas, methodo todo pessoal com o qual se satisfaz. A propriedade Agua

O gado é crioulo e mestiço zebú e javanez num total approximado de 800 cabeças.

**Usina Santo Antonio**—Edificada nos terrenos do Engenho Santo Antonio, em 1914, pelo dr. Fernando Sarmento ao qual succedeu o dr. Francisco de Arruda Vieira de Mello em 1920, a



S. José da Lage - Edificio da Usina Apollinario



S. Luiz do Quitunde - Usina Santo Antonio, do dr. Francisco de Arruda



Vivenda da Usina Santo Antonio



S. Luiz do Quitunde - Vista geral da Usina Santo Antonio

Usina Santo Antonio compõe-se dos engenhos Santo Ignacio, S. Diogo, Agua Fria e Conceição Nova ou Pacas. Esses terrenos tem capacidade para 50.000 toneladas de canna.

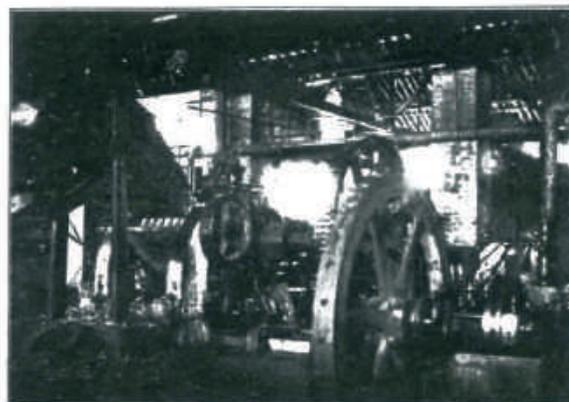
A fabrica começou a trabalhar com aparelhos para 100 saccos diarios mas foi reformada pelo seu actual proprietario, de maneira a fabricar em igual tempo 250 saccos.

O transporte dos productos da Usina se faz pelo porto fluvial de S. Luiz do Quintude do qual dista apenas trez kilometros, com magnifica estrada corroçavel servindo de vehiculos 'carros de bois e autocaminhões. Uma extensa rêde telephonica communica o escriptorio da fabrica com a cidade e com as propriedades Pacas, Santo Ignacio, Castanha Grande, Santa Regina, Pindoba, Quintude, Lagõa Vermelha e Santa Cruz.

Annexa á usina mantem o dr. Arruda uma pequena mas seleccionada creação de gado bovino e equino com reproductores de raça.

Grande parte dos terrenos das propriedades é coberta de mattas ricas de madeira de boa qualidade.

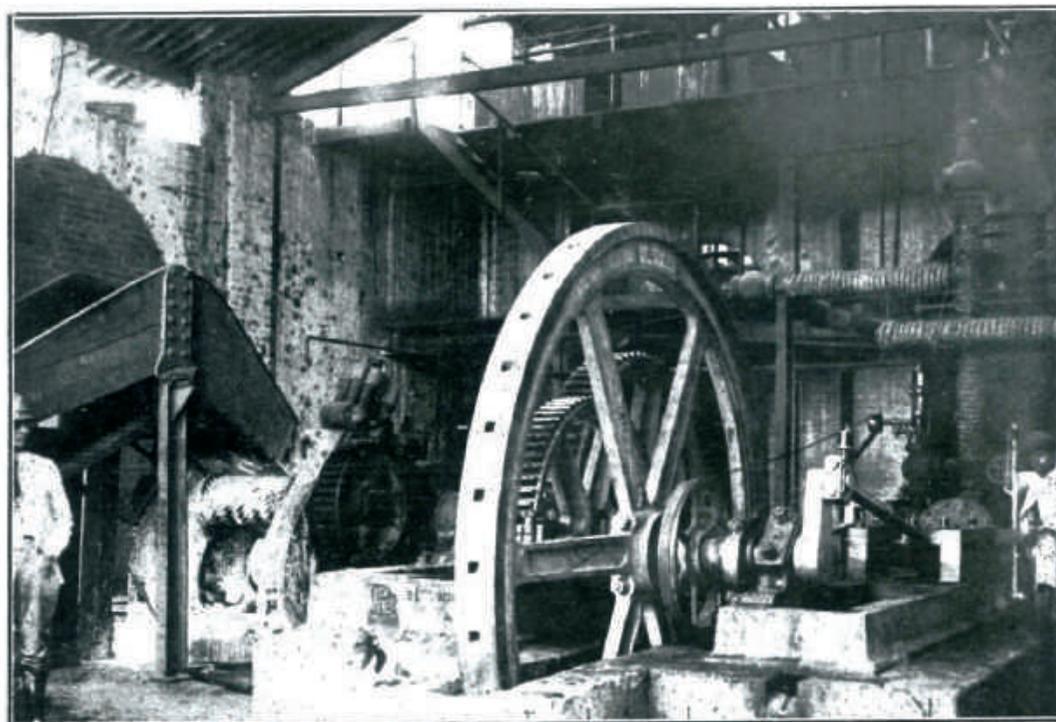
brica cerca de 50 operarios. O proprietario, C.<sup>el</sup> Manoel Lopes Ferreira de Omena pensa em dotar



Muricy - Usina S. Semeão, do C.<sup>el</sup> Omena

a usina de aparelhos capazes de fabricar 150 a 200 saccos em 24 horas.

O Usina São Semeão é servida por um desvio da Great Western. Municipio de Muricy.



União - Interior da Usina Oliveira

**Usina Oliveira** — É uma das mais novas fabricas do Estado, com capacidade para 60 toneladas diarias e bons campos proprios á cultura da canna. Os machinismos são de procedencia americana. Situação: Municipio de União, á margem do Mundahú.

**Usina S. Semeão**—Pequena fabrica com capacidade para 100 saccos diarios, edificada em terrenos proprios, com uma area approximada de 1 legua quadrada. Regula a sua producção por safra, 12.000 saccos, entre crystal e demerara. Machinismos de procedencia americana. Ocupa a fa-

**Engenho Buenos Ayres**—O sr. Alvaro Martins co-proprietario dos engenhos Buenos Ayres e Santa Justina, no Municipio de Camaragibe, é um apaixonado criador, que em pouco mais de 4 annos conseguiu magnificos resultados com a selecção do gado zebú e crioulo estabelecendo naquellas duas propriedade visinhas, no formoso valle do rio Camaragibe, magnifica fazenda. Alem da creação cultiva a canna de assucar que fabrica em aparelho *banguê*.

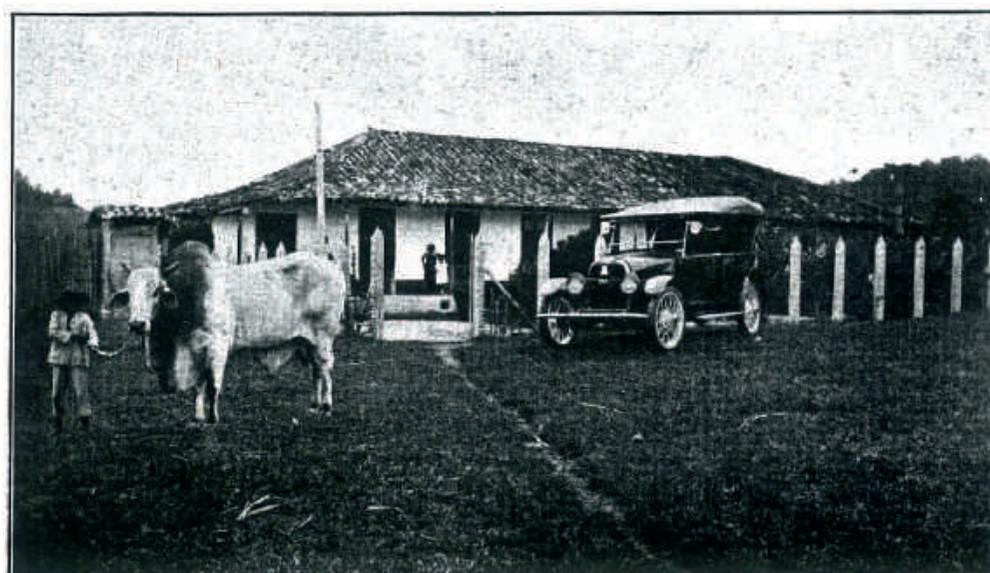
**Usina Santa Regina**—Situada no Municipio de S. Luiz do Quintude exactamente no local



Edifício da Usina Santa Regina, do sr. Aurelio Buarque



S. Luiz do Quitunde - Capella da Usina Santa Regina



Vivenda da Usina Santa Regina e reproductor zebú da fazenda anexa

do antigo engenho Roncador, a Usina Santa Regina foi fundada a cerca de trez annos pelo seu proprietario C.<sup>el</sup> Aurelio Buarque. A sua capacidade é de 100 saccos por dia tendo porem as propriedades annexas capacidade para fornecer cerca 30.000 toneladas de canna.

Os apparatus da usina são de procedencia americana.

O C.<sup>el</sup> Buarque mantem pequena criação de gado da raça zebú e tambem crioulo.

A fabrica é ligada á cidade de S. Luiz por optima estrada de rodagem e tambem por linha telephonica.

**Usina Brasileiro**—A fabrica de assucar denominada Usina Brasileiro de propriedade do snr. Barão Felix Vandesmeth está situada no municipio de Atalaia, em terrenos proprios e foi fundada no anno de 1890 com a capacidade inicial para espremer 150 toneladas de cannas diariamente.

Dessa data para cá soffreu uma reforma, passando a trabalhar 400 toneladas e actualmente o seu proprietario adquiriu novos machinismos em vir-

tude dos quaes a fabrica espremerá cerca de 700 toneladas de canna por dia. Como se vê é uma das maiores usinas do Estado. A area dos seus terrenos é de dez mil hectares, em redor da usina e ao longo da G. W. B. R., terra toda propria ao cultivo da canna.

A Usina Brasileiro começou fabricando cerca de 35.000 saccos de assucar de 60 kilos e tem aumentando progressivamente a producção até... 90.000 saccos de 60 kilos, entre assucar crystal, demerara e mascavado turbinado.

Fabrica tambem cerca de 15 pipas de aguardente ao dia. Alem de servida pela Great Western tem a Usina uma estrada de ferro propria com bitola de 1."00 com 21 kilometros de extensão.

Alem destas, conta Alagôas outros usinas das quaes nada dizemos por nos saltarem os dados necessarios. Dentre ellas a *Usina Peixe*, a *Rio Branco*, a *Santa Alice*, a *Bom Jesus*, a *Pindoba*, a *Sinimbú*, uma dos mais importantes do Estado e a *Peixe*.



ARTES E LETTRAS





Cabeça de índio - Rosalvo Ribeiro

FOTOT. BANDEIRINI - ROMA





ROSALVO RIBEIRO



R. Ribeiro.

A Leitura

O contingente de Alagôas na arte brasileira é diminuto e esteve sempre á mercê de vocações que languecem no meio da indiferença geral.

Sem escolas, sem mestres, sem galerias e mais sem grandes recursos para auxiliar ou antes incentivar essas vocações, o Estado, não fôra a munificência de alguns governos, estaria hoje sem representação neste livro no tocante a assumpto de tão alta significação. Além de que para a maioria da burguezia, preocupada de altos negocios e arraigada na idéa do lucro, a arte é ainda uma profissão sem futuro e para dizer toda a verdade, inferior. Prejuizos que só o tempo e uma intelligente propaganda poderão apagar ou arrefecer, sabe Deus quando poderemos adquirir um ambiente propicio á revelação de tantas e tão innumeraveis bellezas occultas, quando o nosso povo iniciará a sua tardia primavera, para rebentar em flores e aromas, que tanto valem ao intellecto creações de tão refinada espiritualidade, como as que immortalisaram Raphael, Leonardo, Miguel Angelo, Ticiano, Giotto, Canova e milhares de outros artistas que fazem o orgulho da Europa.

Infelizmente até as escolas officiaes da republica que com razão incluem entre as materias do curso a Litteratura, esquecem lamentavelmente a Historia da arte, materia de todo ponto de vista necessaria para despertar o interesse por assumpto quasi que absolutamente ignorado. Esta disciplina é considerada cousa áparte, especialidade necessaria apenas aos que seguem o curso de bellas artes e como tal é ensinada nos institutos respectivos. Que isto succeda na Europa, se comprehende; os museos, as galerias as cathedraes, os palacios e até as pedras das estradas fallam, ensinam, choram e commovem, são documentos vivos. No Brasil porem, no norte do Brasil porem, e em Alagôas particularmente, o ensino, rudimentar embora, dessas cousas comeseinhas se impõe como remedio salutar para supprir mediocremente falhas tão grandes.

Será que não temos capacidade para comprehender as alevantadas bellezas que merecem dos outros povos cultos apaixonados? Não. Somos latinos, temos alma e sentimento latinos como os italianos, hontem como hoje mestres e incomparaveis interpretes do bello. Ahi estão as obras de Pedro Americo, de Rosalvo Ribeiro, Victor Meirelles, e muitos outros, vivos e mortos, que afastam a absurda supposição.

E' que nos falta, a cultura, o incentivo, a boa vontade geraes. Nesse ambiente fenecem todos os surtos, morrem todas as aspirações, apaga-se o fogo das mais nobres ambições artisticas.

A despeito de tudo ha temperamentos fortes que resistem a todos os rigores sobreditos



R. Ribeiro.

O tambor.

e teimam em realizar o seu sonho de arte. Um pequeno grupo conta Alagôas: Moreira e Silva, José Paulino, Miriam Lima, Noemia Duarte, Anna Duarte, Lourenço Peixoto e poucos mais.

Mas os dois grandes artistas de Alagôas são Rosalvo Ribeiro e Virgílio Mauricio. O primeiro, morto ainda moço, era uma afirmação vigorosa, que penetrou, sem força-los, os humbraes do *Salon* de Paris com as suas bellissima telas; o segundo, Virgílio Mauricio, surgiu depois de pequena permanencia



R. Ribeiro.

Cabeça de velho

na França com uma collecção de quadros de valor dentre os quaes o *Après le rêve*, medalhado no *Salon* de Paris, cuja autoria lhe é negada.

De Rosalvo, seu patrono na A. A. de Letras, escreveu Jorge de Lima:

" A grande personalidade de Rosalvo Ribeiro fica desmerecida, coarctada na enquadatura de uma simples noticia biographica, heterogenea que ella é, nas suas manifestações mesmamente cerebrinas, salvante o seu pendor, como revelação pictural, que mereceu a consagração dos juris europeus e o gabo das summidades.

Elle é sobretudo o pintor.

Comquanto não deixasse de ser, acima de toda a mediocridade, o erudito sustancioso, o naturalista entusiasta, o musico, o poeta e o professor pois era cathedratico de desenho na Escola Normal, por concurso a que se submetteu em 19 de Março de 1913.

Para contrabalançar o prejuizo da desnacionalização da sua arte maxima, em voltando ás Alagôas, 30 de março de 1901, depois de longa permanencia em França, onde estivera desde 1888, como sentisse as pulsações da terra que o viu nascer, elle auscultalhe o âmago com o interesse demorado do naturalista. Aqui são por antinomia as bêtas, os vieiros metalliferos, as rochas súcubas, os pequenos fósseis que o attraem: tudo o que vive dentro no coração da Terra, fóra de toda corporolidade á sua visão esthetica.

Por fixar mais a jeito o traço grandioso das suas possibilidades o biographado, duas vezes alagoano, como nascidoço (26 de Novembro de 1867) da hoje decadente cidade das Alagôas, descentralizou-se como assim, ainda duas vezes; 1º, por imposição do meio em que nasceu; 2º, por aquella do que o acolheu em glória, que por amor desta sua segunda patria ainda o vemos deslocado no tempo e no espaço dos motivos picturaes nimiamente historicos. Foi assim, entretanto, que tivemos da sua palheta, no primeiro cyclo, entre outros trabalhos de menor vulto, a tela " Archimedes " e um retrato do então



R. Ribeiro - Sentinella perdida

presidente da provincia de Alagôas, Henrique Magalhães Salles, em traço encomias-tico, segundo o estylo prosopographico dos



S.14 MIRIAN LIMA



Mirian Lima.

Desenho a lapis

que precisam do amparo official. E' pelo menos isso o que devera ser ou parecer, como intenção, o primeiro passo do artista, comquanto se tenha dito que comnosco então ficara neste trabalho "o primeiro attestado solido de suas faculdades não vulgares de execução e desenho".

que gosaram as honras do "Salon" e a consagração da imprensa francesa e portuguesa. Sobre asua technica poder-se-hia dizer o que da sua individualidade.



Mirian Lima.

Paisagem Carioca - Desenho a lapis

Ao segundo cyclo pertencem, chronologicamente "Innocencia", "La Soumission", "La Charge" (1898)

"Foi grande sem ser theatral".  
Nestes dois adjectivos, que se disseram algures,

contigente da sua obra, está sem mais circumloquios, vigorosamente focada a excelsa personalidade do biographado, que ficou na memoria dos seus conterraneos, para a imitação da posteridade, como o para-

disse o artista uma palavra definitiva sobre o assumpto. E' certo que o "onus da prova incumbe a quem allega", mas no campo da arte a cousa muda um pouco de figura e ao artista, tão acerbamente

*José Paulino - Paisagem alagoana*



*José Paulino em seu atelier*



*José Paulino*

*Paisagem alagoana*

digma mais escoreito do desinteresse e da honestidade profissional.

Falleceu a 29 de Abril de 1915.

Do sr. Virgilio Mauricio, a fallar a verdade, não temos um juizo seguro. Accusado de não ser autor dos quadros *Après le Rêve*, ao qual acima nos referimos, e do *L'heure du gouter*, outro nú maravilhoso, de grandes proporções, até hoje não

atacado na sua probidade, cabia esmagar os seus accusadores produzindo no Brasil obras eguaes ás que produziu em Paris. Não o fez ainda e onde quer que chegue se renova de um dia para o outro a costumeira polemica.

Como quer que seja e até que não tenhamos uma prova em contrario, somos obrigados a acceitar como autor dos quadros impugnados aquelle que os assigna.

São estas as notícias que podemos fornecer sobre a arte em Alagoas.

Alguns como Carlos Leão e Joaquim Brígido passaram ignorados ao tumulto, outros que se ensai-

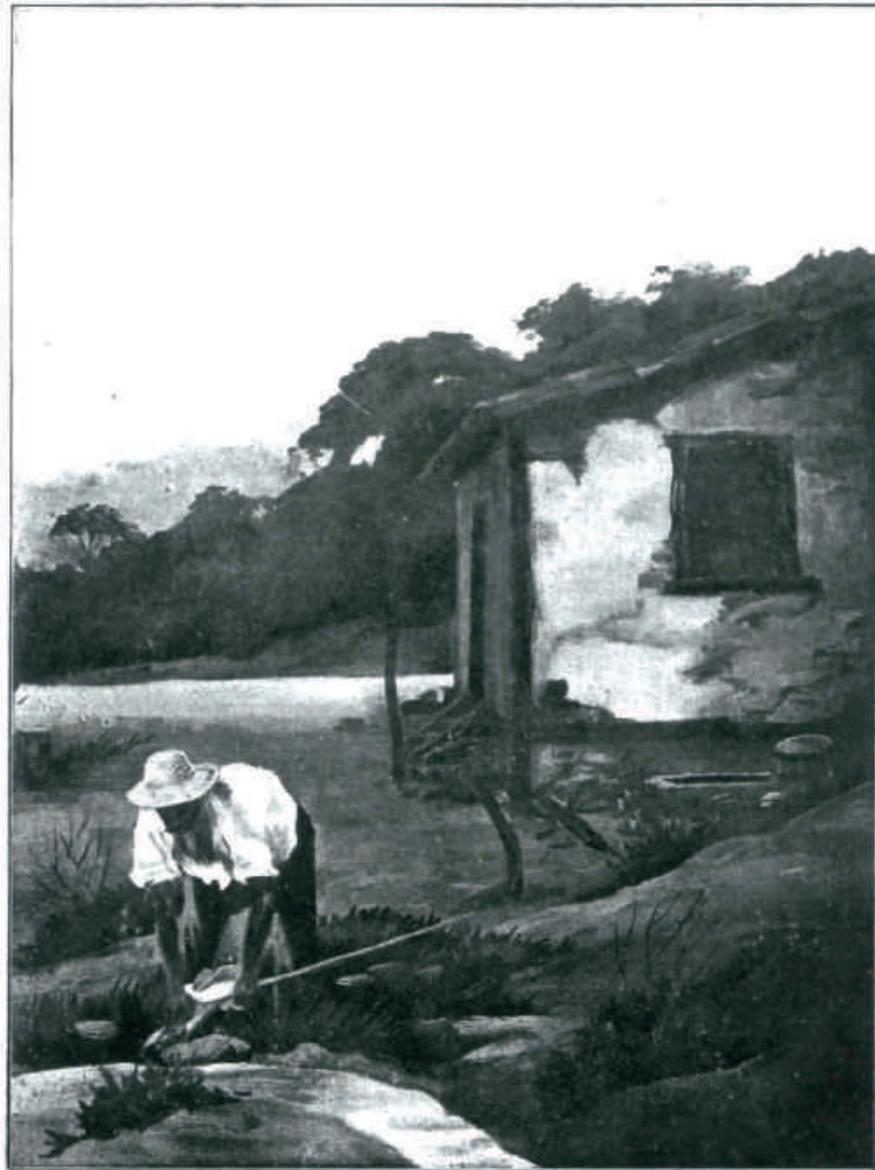
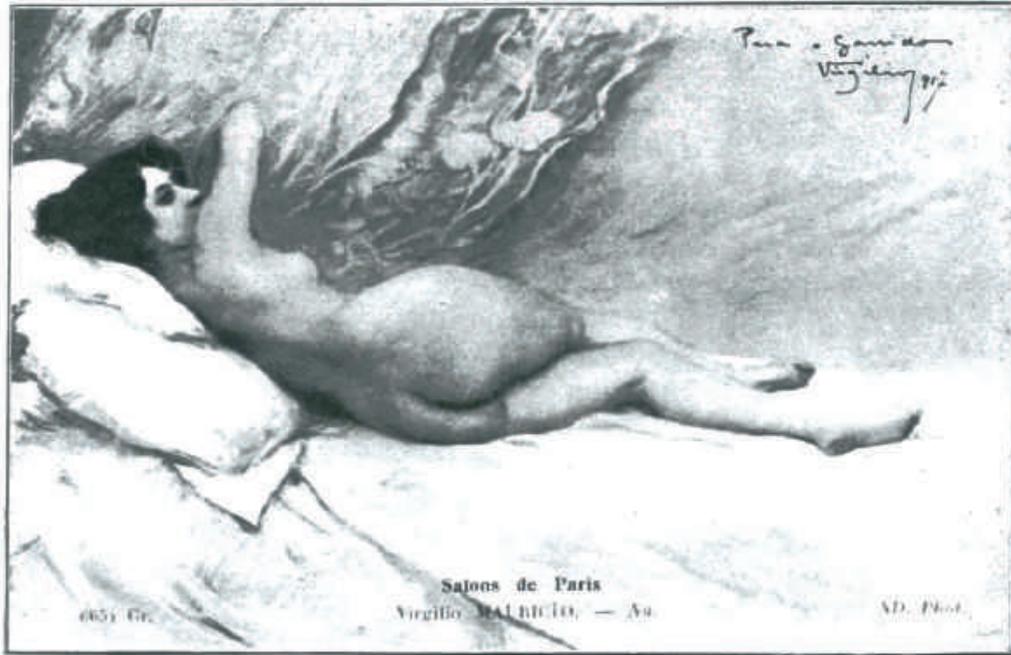
am cheios de fé e entusiasmo, rebentos da nova geração, serão talvez mais felizes e poderão realizar o seu grande sonho, ilustrando o nome alagoano. São votos que sinceramente fazemos.



VIRGILIO MAURICIO



Atelier de Virgílio Maurício no Recife, em 1918



*Virgilio Mauricio.*

*Amolando a foice*



*Virgílio Maurício.*

Estudo de nú



*Virgílio Maurício.*

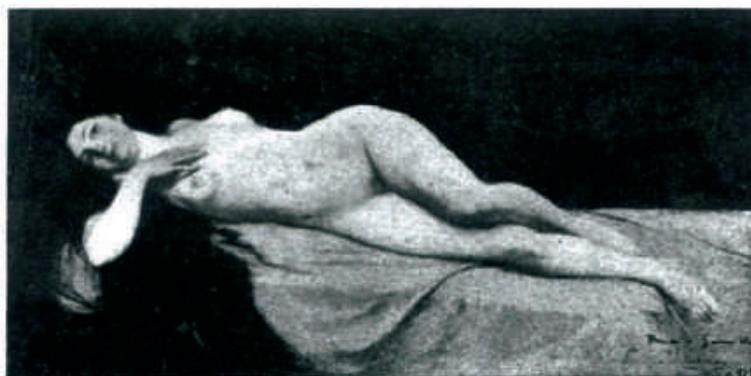
Estudo para "L'heure de Gouter"



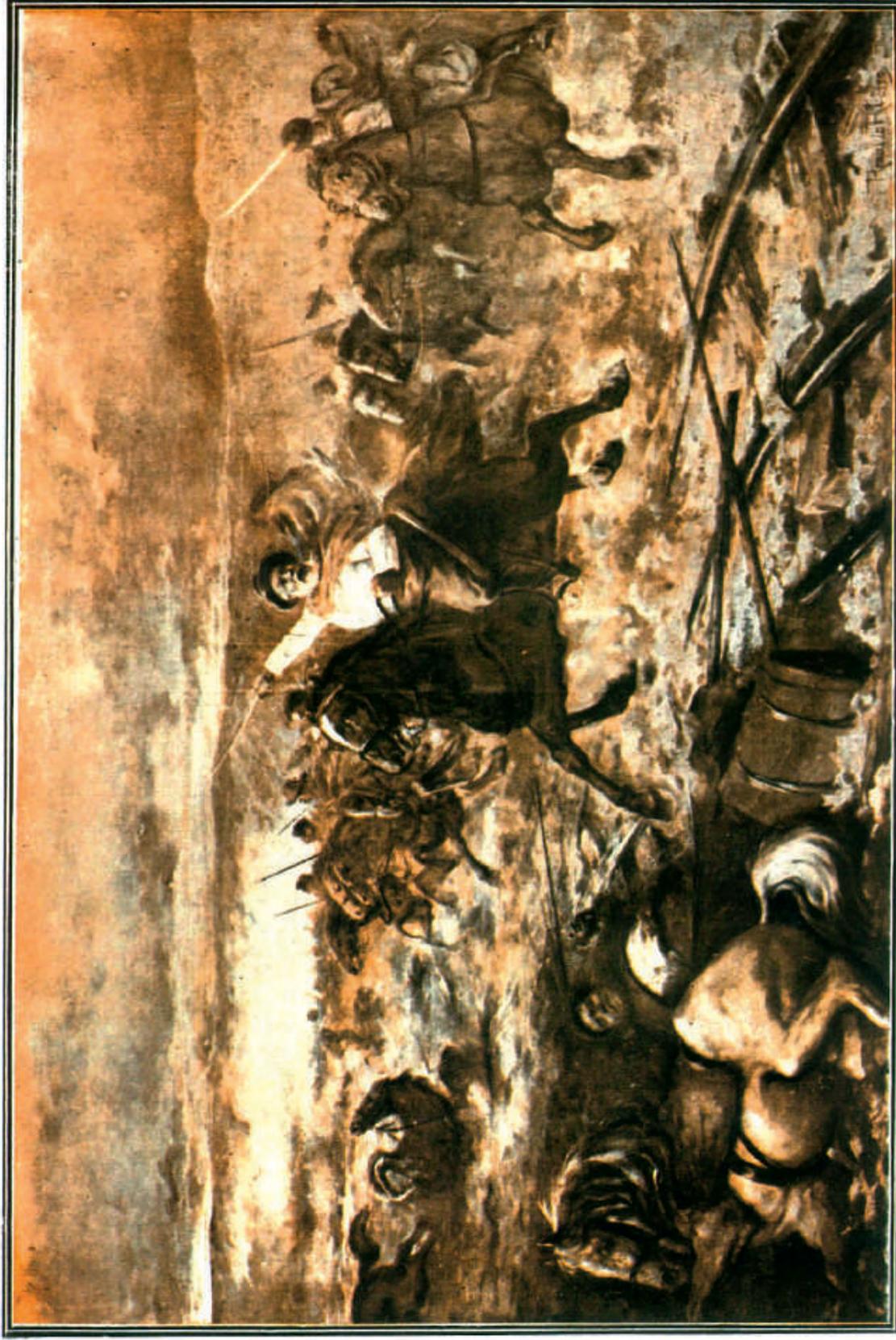
*V. Maurício.* Torso de homem



*V. Maurício.* Medinette mecontente



*V. Maurício.* Estudo de nú



Duplex Sansani - Roma

LA CHARGE - Quadro de Rosalvo Ribeiro - Palacio do Governo



PEQUENA ANTHOLOGIA  
DOS  
POETAS ALAGOANOS

A  
JAYME D'ALTAVILLA  
*uma das poucas pessoas  
que me compreendem.*  
AD. MARROQUIM.





Sebastião Cicero dos GUIMARÃES PASSOS

*nasceu em Maceió a 22 de março de 1869. Antes de completar os vinte annos fugiu para o Rio de Janeiro onde se incorporou á fulgurantissima bohemia de sua geração: Arthur e Aloysio de Azevedo, Bilac, Paula Ney, Emilio de Menezes.*

*Dizem que, precisamente no dia em que chegou ao Rio, o Aloysio furtou-lhe os sapatos para poder sahir de casa.*

*Nos começos da Republica estava Guimarães mais au menos installado quando rebentou a revolta de 6 de setembro. Fez-se revolucionario. Resultado: 18 mezes de exilio na Republica Argentina.*

*Os seus dous livros Versos de um simples e Horas Mortas dão-lhe direito ao titulo de maior poeta alagoano. Foi socio fundador da Academia Brasileira.*

*Morreu em Paris a 10 de setembro de 1909.*

### SABOR DAS LAGRIMAS

As salsas aguas do mar  
As fundas feridas curam.  
Por isso, muitos procuram  
Na praia o corpo lavar.  
Mas dizem que o sal, batendo  
Nas chagas, doe de tal sorte  
Que a creatura mais forte  
Sempre se cura gemendo.

Por isso eu choro, que as bagas  
Do pranto, cahindo n'alma,  
Trazem-me empós doce calma,  
Lavam-me as intimas chagas,  
Mas as lagrimas, que são  
Como a agua do mar, salgadas  
Curam, porem, desgraçadas,  
Causando sempre afflicção.

### GUARDA E PASSA

Figuremos: tu vaes... E' curta a viagem;  
Tu vaes e, de repente, na tortuosa  
Estrada vês, sob arvore frondosa,  
Alguem dormindo á beira da passagem.

Alguem, cuja fadiga angustiosa  
Cedeu ao somno, em meio da ramagem  
Exhausto dorme... Tinhas tu coragem  
De acordal-o? Responde-me, formosa.

Quem dorme, esquece... Póde ser medonho  
O pesadelo que entre o horror nos fecha,  
Mas sofre menos o que sofre em sonho.

Oh! tu que turvas o pallor da neve,  
Tu que as estrellas escureces, deixa  
Meu coração dormir... Passa de leve.

### A CASA BRANCA DA SERRA

Na casa branca da serra,  
Que eu fitava horas inteiras,  
Entre as esbeltas palmeiras  
Ficaste, calma e feliz.  
Ahi, teu peito me deste,  
Quando pisei tua terra,  
Ahi, de mim te esqueceste  
Quando deixei, meu paiz.

Nunca te visse eu, formosa,  
Nunca contigo fallasse!  
Antes nunca te encontrasse  
Na minha vida enganosa!  
Porque não se abriu a terra,  
Porque os ceus não me puniram,  
Quando meus olhos te viram  
Na casa branca da serra?

Olhaste-me um só momento,  
E, desde esse triste instante,  
Tu me ficaste constante  
Na vista e no pensamento.  
E, mesmo, se não te via,  
Eu passava horas inteiras,  
Vendo-te a sombra erradia  
Entre as esbeltas palmeiras...

Falei-te uma vez, e calma,  
Tu me escutaste, mais logo  
Abrazou-se tua alma ao fogo  
Que lavrava na minha alma.  
Transfigurada e feliz,  
«Sou tua!» tu me disseste...  
Depois... de mim te esqueceste,  
Quando deixei meu paiz;

Embora tudo!... Bemdigo  
Essa ditosa lembrança,  
Que, sem me dar esperança,  
Une-me ainda contigo...  
Bemdigo a casa da serra,  
Bemdigo as horas fagueiras,  
Bemdigo aquellas palmeiras,  
Querida, da tua terra!

## LONGE

Longe de mim!... Só a amplidão vasia!  
Sol, em que céu de bronze te escondeste?  
Céu, porque assim tão baixo tu desceste  
E esmagas-me sem dó d'esta agonia?

Nem um adeus, ao menos me disseste;  
Foste-te e eu, cego, já não tenho guia;  
Meus olhos mais nem uma estrella fria  
Verão, pois d'elles desapareceste.

Ah! nunca saibas meu pezar revendo  
Tudo aquillo que vias quando estavas  
Nos meus braços de medo e amor tremendo.

Longe de mim!... Por mais que chame e brade,  
Apenas ouve as minhas vozes cavas  
Esta saudade, esta immortal saudade!

## ESTRELLA D'ALVA

Desmaiavam no azul as ultimas estrellas...  
A terra, silenciosa, ou sonhava ou soffria;  
Palpitavam de amor as flozinhas singelas,  
Tremulas, destoucando as petalas, tão bellas,  
Que, para as não ferir, a propria brisa, ao vel-as  
Passava devagar e as azas encolhia.  
Sómente no horizonte esbranquiçado, presa,  
Lagryma triste e eterna, eternamente acceza,  
A branca estrella d'alva ainda resplandencia.

Como é doce a manhã quando a gente caminha  
Longe dos homens vis, perto do olhar de Deus;  
Quando ainda não corta o espaço uma andorinha,  
Só sobre a terra, só sob a face dos céos!  
A natureza, então, nos parece tão grande  
Que, cremos, sem querer n'uma força maior,  
É a alma dentro de nós abre as azas, se expande  
E acorda o coração engolphado em amor.

Astro saudoso e fiel, estrella peregrina,  
Que fizeste no mundo, antes de seres luz?  
De que corpo immortal tu foste a alma divina,  
Que ao céu subiste, quando elle subiu á cruz?  
Que fizeste na terra, onde brilhaste tanto  
Que, hoje, livre da terra, ainda rutilas mais?  
Bemdito sejas tu, astro saudoso e santo,  
Niveo lyrio de luz, consolo dos mortaes.

Tu, que tão longe estás, que do alto firmamento  
Pêdes mais do que nós interrogar os céos;  
Tu, que da altura vês o humano soffrimento,  
Que, soffreste, talvez, o que ninguém soffreu;  
Abre a garganta de ouro, a voz misteriosa  
Derrama pelo azul, falla d'essa amplidão,  
Diz-nos onde termina a via dolorosa,  
Onde palpitará feliz o coração.

E aos meus olhos de crente, em mais fulgor subindo  
O astro baixou á terra, e eu vi-o, de repente,  
Em fórma de mulher, alvas azas abrindo,  
N'ellas arrebatou-me acceleradamente.  
Subimos... Ninguém pôde imaginar a altura  
Que venci lhe beijando os pequeninos pés;  
Quem pôde imaginar toda a minha ventura,  
Quando a sós me encontrei nos teus braços Claés?

Como é doce viver sabendo-se que existe  
Quem se inquiete por nós e captivo nos traz;  
Quem fica triste ao ver o nosso rosto triste,  
Quem nos ordena, e, alegre, o que ordenamos faz.

Quanto orgulha saber que a nossa alma resume  
Duas almas que tem o mesmissimo ardor;  
Quanto um homem se eleva ao despertar o ciúme  
Dentro do coração que lhe desperta amor!

Claés! que nos importa a vida que perdemos  
Antes do nosso olhar prender-nos desta sorte?  
Nossa vida começa agora, que vivemos  
Sómente pelo amor, sem receio da morte.  
Hoje somos um só; morra no negro olvido  
O tempo da loucura em que eu loucuras fiz;  
Recobremos n'um dia esse tempo perdido,  
Que, por seculos vale um minuto feliz.

E ella em seus braços nós apertava-me ainda  
Mais apertava-a eu, devorando-a de beijos.  
E, rubra de pudor, então ficou mais linda  
E mais vehemente ainda ao fogo dos desejos.  
Voava-lhe a cabelleira, o corpo patenteando  
Aos meus olhos de amante e a minha sêde louca;  
Ella a tremer de amor, minha bocca beijando,  
Eu de amor a tremer, beijando a sua bocca.

Fugiu do nosso olhar o mundo pequenino;  
Fugiu do nosso ouvido o murmuro da inveja  
E eu repetia-lhe-ah! que balsamo divino  
Sana-me as dores, quando o teu labio me beija!  
E de novo collando as nossas boccas, tudo  
Esquecíamos nós, sem receio de amar;  
Mudos... Mas da mudez que divinisa o mundo,  
Que olha com o coração e falla pelo olhar.

E enquanto da paixão no transporte sublime  
Abrazados, a vida esquecemos, abrindo  
Os olhos, vimos nós, como se fosse um crime  
O nosso eterno amor, aos poucos nos cobrindo  
Uma nuvem medonha e negra e carregada...  
Claés! porque dos máos nos fomos distrahir?  
E choraste de horror, ao meu corpo abraçada  
E a nuvem torva e má quasi a nos engulir.

Toda a nossa ventura em magua transformou-se,  
Fechou-se o nosso céu, era tudo amargura.  
Nada mais! Nada mais! Todo o bem eclipsou-se,  
Foi-se de um golpe só nossa vida futura.  
Quem nos mandou julgar a simples apparencia  
De um luzeiro fugaz limpido e claro dia?  
Resignemo-nos pois, sofframos com paciencia,  
Bebamos sem tremer o calix da agonia.

Sofframos sem gemer... Quem neste baixo mundo  
Póde fugir á malha invisivel da intriga?  
Traçoeira e cruel, fere ainda mais fundo  
Quando fere com mão que julgamos amiga  
Aqui nos tens, não vês? mais depressa te chega  
Nuvem da morte, vem, não nos verás tremer.  
Vibra o teu odio e todo o teu veneno emprega;  
Nada temas que, nós — não te podemos ver.

E a tredda escuridão envolveu-nos de todo,  
Tirou-me a luz do olhar e dos labios a voz,  
E eu rolei pelo ar desamparado e doudo,  
E encontrei-me na terra inteiramente a sós.  
Horível pesadelo! Abro os olhos, acordo,  
Firmo os passos no chão, registro em derredor,  
Levo os olhos chorando ao céu e os labios mordo  
Sufocando a mim mesmo a minha eterna dor.

Porque quero possuir-te, ó santa immaculada,  
Que illuminas feliz, o espaço norte a sul!  
Se a minha alma não tem para ter-te guardada,  
Um perfumado altar, tão alto, como o azul?  
Fulge no firmamento, enche de amor profundo  
O triste coração que soluça e não ri:  
Estás alta de mais para baixar ao mundo,  
Estou baixo de mais para chegar a ti.

Perdeu-se a minha voz no barulho dos ninhos;  
 Subia para o céu o perfume das flores;  
 E appareciam já nos ethereos caminhos  
 Do sol os pontuaes e fulvos batedores.  
 E a branca estrella d'alva ante as nuvens de tyro  
 Começa a desmaiar, e ao vibrante arrebol,  
 No mais doce livor, morre, como um suspiro...  
 E foge envergonhada aos amores do sol.

## UM DIA NUM ALFARRABIO

Um dia, n'um alfarrabio  
 Eu li que, um louco vivia,  
 Toda a noite e todo o dia  
 Uma estatua a namorar.

Olhavam todos o misero,  
 Riam de tanta loucura;  
 E o pobre em frente á esculptura  
 Devorava-a com o olhar.

A's vezes se erguendo, tremulo,  
 Cobria a estatua de beijos;  
 Dos seus olhos os lampejos  
 Emprestavam doce luz.

Aos labios mudos e pallidos  
 Da mulher de pedra, e, logo  
 O louco abrazado em fogo,  
 Abrindo os braços em cruz.

Cantava a belleza angelica  
 Do rosto que nunca rira,  
 Do corpo que nunca vira  
 Nem alma, nem coração;

E de novo macambuzio  
 Em frente á estatua jazia  
 Toda a noite e todo o dia  
 Na mais firme adoração.

Eu sei que ris desse ingenuo...  
 Mas elle tinha a certeza  
 De que, a dona da belleza  
 Que o não amava, tambem,

Jamais n'este mundo vario  
 Um só minuto, um momento  
 Teve n'outro o pensamento,  
 E nunca amara ninguem.

Minh'alma paira na duvida,  
 Invejo, filha, esse louco...  
 Quem me dera, dentro em pouco,  
 Ver-te de pedra ficar!

Eu, louco, amara-te, estatua!  
 Teu amor nunca teria,  
 Mas ninguem te possuiria,  
 Nunca podias amar.

## A PELLE DE URSO

### I.

Quando o traido esposo de Zoraida  
 Abandonou-a, e de roaz desgosto  
 Poz termo á vida, em mystica thebaida,  
 Da turca illuminou-se o pulchro rosto,  
 Brilham seus olhos de contentamento,  
 E canta e fala e ri-se com mais gosto.

Tola que o fóra! — qual maior tormento  
 Que ser o encantamento da Turquia,  
 E não gozar o proprio encantamento?

Formosa, decantada noite e dia;  
 Ambicionada, como um pomo de ouro,  
 E a um só amante dando o que valia!

Era-lhe o corpo um oriental thesouro,  
 Cujá guarda quizera só que o fosse  
 O seu cabello, suavemente louro.

Que o mundo visse o que ella ao mundo trouxe:  
 As puras formas do valor mais puro,  
 Os brancos seios, onde o roseo doce

Dos bicos, tenta as boccas, como o furo  
 Com que a ave marca o fructo saboroso  
 E que, por força, deve estar maduro.

Visse-lhe tudo que pertence ao gozo,  
 E por seu turno, ella tambem quizera  
 Não affogar com tanto um só esposo,  
 Mas dar aos outros o que já lhe dera.

### II.

Por isso, quando soube que era morto  
 Quem tanto a amara, e com tamanho ciume,  
 Sentiu no coração novo conforto.

Veio-lhe aos olhos mais ridente lume...  
 Abre as janellas do palacio inteiro,  
 Queima as caçoulas, e ao subtil perfume  
 Que baila no ar com écho do pandeiro  
 E os sons festivos nos salões perdidos,  
 Fica n'um desvario verdadeiro.

Rasga em delirio as roupas, e os despidos  
 Membros palpitam de volupia cheios...  
 Gyra Zoraida em todos os sentidos,

Ebria do vinho que contem nos seios,  
 Ebria do fogo que lhe queima a pelle,  
 E mais bebendo espiritos alheios.

Ao baixo gosto a cujo ardor a impelle,  
 Languida tomba n'um divan luzente,  
 De rubra seda que o velludo excelle.

Sonha e declama versos, onde ardente  
 Namorado invejoso exalta-a e insulta  
 Quem por ella morreu penosamente.

Do morto esposo ao seu olhar avulta,  
 Porque não morre no traiçociro peito  
 Sombra que um'hora n'elle esteve occulta.

### III.

Ella d'antes o amara, e, a seu despeito,  
 Agora o extincto amor vinha surgindo,  
 Reprovando-lhe o mal que houvera feito.

Geme Zoraida a sua historia ouvindo,  
 E a pelle de urso, onde os seus pés pousavam,  
 Pareceu-lhe de leve estar bulindo.

Parecera-lhe mais que se agitavam  
 Da pelle as quatro patas tremulando;  
 Fixando-a, os crueis olhos rutilavam;

Enche-se o corpo e, de repente, arqueando  
 A enorme bocca, erguendo-se de salto,  
 O urso apostropha-a, desta sorte, urrando:

— « Alma damninha, tu bem vês, não falto;  
 Teu crime e teu castigo, n'este instante,  
 Recordar-te e nomeal-o vou bem alto:

Desvairou-te a luxúria, vil baccante,  
E tu, que és tão formosa, não soubeste  
Deixal-a atrás, tendo a virtude adiante.

Tudo provaste, mais somente extranho  
Foi a teu peito o amor, o amor que eleva,  
Que é para as almas o sagrado banho.

Teu coração, amalgama de treva  
É de veneno, quem te amava tanto  
Matou e inda hoje em seu pezar se ceva.

Porém, cada uma baga do seu pranto,  
É um bico adunco de ave de rapina  
Que, mesmo viva e no maior espanto,

Tua alma, alheia á paz que o bem propina,  
Dilacerada, errando pelos ares,  
N'esse bico verás, torpe assassina!

Choras? mas o teu pranto corra a mares,  
Não me abranda... Porque quando o mataste  
Riste dos seus interminos pezares?

Morto, sua memoria ainda insultaste...  
Dos infelizes não se zomba, e, ha pouco,  
Covardemente de um infeliz zombaste

Porque ha de haver um coração tão louco  
Que se entregue ao amor de tal maneira,  
Se da grande affeição é amargo o troco?

Toda a mulher é indigna e traçoeira,  
E lingua feminil não houve ainda,  
Que um só minuto fosse verdadeira.

Os bellos olhos da mulher mais linda,  
São outras fontes de mentira e crime,  
Onde dos homens a ventura finda.

Para ti o perdão, que a alma redime,  
Nunca ha de haver, porque és tão desgraçada  
Que és tu quem mais a tua vida opprime

Amor! Amor! essencia abençoada,  
Gozo, germen de gozos e de dores,  
Descerra os olhos na espinhosa estrada!

Tira essa venda, para que aos horrores  
Possas fugir, e conduzir, ditosos,  
Os teus feridos atravez de flores.

Ah! bemditos os cegos, que, formosos  
Olhos não vendo, tambem nunca n'alma  
Hão de sentir os dentes venenosos.

Da ingratição, que rouba toda a calma,  
Da ingratição que, aos males disputando  
A palma, certo ha-de ganhar a palma.

Vive Zoraida, porque irás provando  
Na propria vida a morte que te espera;  
Verás teu rosto se pergaminhando;

Teus seios — hoje em plena primavera,  
Fructos sem polpa não de ficar um dia,  
Porque a mão de velhiva tudo altera.

Velha, espelho fiel da villania,  
Dos homens desprezada, onde um minuto  
Encontrarás um raio de alegria?

Do teu amor, onde o bemdicto fructo,  
Para dourar-te os ultimos momentos  
Para da tu'alma alliviar o lucto?

Victima, então, de todos os tormentos,  
Implorarás o céu, e o céu esquivo,  
Rirá dos teus interminos lamentos.

Verás o mundo inteiro vingativo,  
Da tua propria sombra terás medo,  
Ver-te-has, Zoraida, espectro morto e vivo».

#### IV.

N'isto calou-se o monstro, e, erecto e quedo,  
Inda fitava a turca de tal sorte,  
Que demonstrava a não deixar tão cedo.

Porém, ao peso de impressão tão forte  
Subito accorda a desgraçada, e, á vida  
Tomando, está mais livida que a morte.

Opressa, suando frio espavorida,  
Ainda escutando o tragico discurso,  
Olha, e no chão está, calma, estendida,  
Como um fulvo tapete, a pelle de urso.





CYRIDIÃO DURVAL

*nasceu em Tutuamunha de Porto de Pedras a 3 de março de 1860. Estudou preparatórios e direito no Recife, vindo a bacharelar-se em 1885.*

*Formou na egregia phalange a que pertenciam Martins Junior, Clovis Bevilacqua, Porto Carreiro, Arthur Orlando e Phaelanthe da Camara, entre os quaes não era por certo o ultimo, tomando parte activa na campanha abolicionista.*

*Bacharel, foi para a Bahia onde se casou e viveu, até que em 1895, acommettido de traiçoeira molestia, passava ao tumulo, ainda muito joven.*

*"Era verdadeiramente um poeta". Esta expressão de seu biographo, Dr. Fernandes Lima, é plenamente confirmada por quem ainda hoje lhe relê os bellos versos.*

*Eu accrescento que Cyridião foi o maior poeta alagoano de seu tempo.*

## ALAGOAS

(POEMETO)

Vem, ó musa querida, vem, risonha,  
Ajudar-me a tanger na pobre lyra  
Doces threnos de amor puro, e sincero  
Desse amor que me prende e que me inspira!  
Quero, ó musa, cantar a minha terra  
Que bellezas tambem no seio encerra!  
Quero, ó musa, levar ao berço amado  
Estrophes sonoras,

Levar áquelle cofre abençoado  
De joias primorosas,  
Os sons da minha lyra, o terno canto  
De meo peito que, pobre, franco, embora,  
Abrasa-se nas chammas de amor santo,  
Recordando-o nest' hora.

A divina poetisa, a natureza,  
Escrevendo o seo poema altiloquente  
Nos mostra muitas paginas sublimes  
Que attestam de seu estro a força ingente.  
E', pois, na minha gleba sempre amavel  
Que vejo lindo quadro, incomparavel:  
A lua é mais serena, o céu mais puro,  
De um azul mais nitente e mais seguro;  
Da brisa o cicciar tem mais encanto;  
Nas immensas campinas  
Desdobram-se a granel os verdes mantos  
Salpicados de flores peregrinas;  
Alli, serpeia a fonte preguiçosa  
Emprestando aos vergéis grata frescura,  
E amena se escondendo  
Nas moitas, onde, á tarde, mui saudosa  
A juryty murmura;  
Mais de um lado um regato, mansamente,  
Nas pedras marulhando,  
Onde as garças pousadas, livremente,  
Quaes pedaços de arminhos,  
Ao longe se nos mostram alvejando:  
Aqui, por entre os montes bem visinhos,  
Passa um rio sombreado de arvorêdos  
Lambendo-lhes dos pés os toscos dêdos;  
Além, verdes outeiros, mil florestas  
E veteranas mattas,  
Acolá, se despenham da pedreira,  
Que é rustica, feiosa e denegrada;  
E mais lá para o sul rugé atrevida  
De Paulo Affonso a immensa cachoeira

\*\*\*

Paulo Affonso!... O feroz urso de pedra  
Que eriçado despede horridos roncões,  
Mostrando as suas presas afiadas  
Nos cabeços pontudos, altos, broncos,  
E' sobre elles que atiram-se de rijo  
Medonhos e tremendos cataclismos  
Que entornam-se na fauce sempre aberta  
Do mais negro e profundo dos abysmos,  
Parece que nos hombros do colosso  
Esfarrapa-se todo o firmamento,  
Ou que todos os mares reunidos  
Veem nelles formar desabamento.  
Os grossos borbotões o monstro, a fera,  
Españeja das fossas de granito...  
No barathro a pancada do elemento  
Parece estremecer té o infinito!  
E alli, oh! sim alli, vê-se o complexo  
Do sublime, do bello, e pavoroso;  
Unidade fatal que não se explica,  
Mas um todo afinal maravilhoso.

E' assim que assombrosa se apresenta  
Paulo Affonso, a imponente cachoeira,  
E Alagôas contempla em suas plagas  
A soberba *Niagara* brasileira...

\*\*\*

E a minha *Tutuamunha*?  
Lá, onde se embalou o infantil berço,  
O meo berço onde um anjo de candura  
Nas faces me depunha,  
Em amplexos febris, os beijos ternos  
Os osculos do amor, da affeição pura,

Os osculos maternos?...  
 A minha *Tatuamunha*?... bem conheço  
 Que é por ella somente  
 Que incessante padeço  
 Nessa ausencia cruel e impertinente!...  
 E' lá onde respiro as doces auras  
 Das mais gratas venturas, onde, erguido,  
 Parece que esvoaço em nuvens de oiro!  
 — Nem de Creso a grandeza, nem de Mido,  
 Invejo para mim, é vil thesoiro  
 Perante a minha terra e o lar querido.

\*\*\*

Expira a madrugada:  
 Lá corre do horizonte aureas cortinas  
 Uma aurora que surge enamorada  
 Daquellas regiões, daquellas plagas  
 Que trajam-se de vestes purpurinas.  
 O panorama então é mais formoso:  
 O Atlantico quebrando as suas vagas  
 Nos dorsos d'alvas praias,  
 Parece erguer um canto sonoro;  
 O lindo pintasilgo preludia;  
 Os bandos de jandaia  
 Lá passam na excessiva gritaria;  
 Em gorgeios prorompem os bicudos;  
 Soltam as arapongas  
 No escuro matagal gritos agudos;  
 Do *Manguaba* naquellas margens longas  
 Os canarios contentes  
 Estalam, saltitando na aroeira,  
 E as florinhas mimosas, rescendentes,  
 Ao cicio da brisa forasteira  
 Se curvam p'ra beijar a face d'agua;  
 Depois, nos palmeiraeas, melodioso  
 O terno sabiá, em tom de magua,  
 Rompe altivo num canto suspiroso.

Cae nas flores e plantas fresco orvalho,  
 E do *Camaragibe* na ribeira,  
 Occulto entre a folhagem sobre o galho  
 Da grossa embiribeira,  
 Gargalha o bom chechéo, grita o tucano  
 E solfeja a compasso o gaturamo

Esplendido painel, o romper d'alva  
 No meu caro torrão! quanta poesia!  
 O rio, o campo, a flor, o passarinho...  
 Tudo encerra acolá doce harmonia!

\*\*\*

Mais tarde surge o sol entre esplendores,  
 Num plaustro todo de ouro reclinado,  
 Mostrando-nos paizagens de mil cores:  
 Pelo campo anilado  
 Elle corre garboso  
 Desmanchando das nuvens os novêllos,  
 Enquanto que, na terra, magestoso,  
 Arrasta os auricrinicos cabellos.  
 Socegado e risonho corre o dia  
 Sempre cheio de graça e de poesia

◆◆◆

Approxima-se a tarde, lentamente,  
 Por traz do calvo pinheiro do outeiro,  
 Cerrando encantadora e resplendente  
 Um roseo reposteiro:  
 Allí o sol esconde a sua frente,  
 Que, ardente e luminosa,  
 Parece-nos, do cimo do alto monte  
 Aos paramos do occaso,  
 A bocca escancarada e horrorosa

Do Vesuvio feroz, quando, chispante,  
 Lança fóra a saliva horripilante!  
 São horas do crepusculo: a tarde expira;  
 Nos seios da amplidão eis que se estira

Um fulguroso manto,  
 Por onde a lua pallida, formosa  
 Caminhando gentil e vagarosa  
 Traduz somente encanto.  
 E' a noite serena que apparece:  
 Na capella da aldeia  
 Eleva-se uma prece,  
 E, semelhando a voz de uma sereia  
 Que alegre cantarola,  
 No terreiro da choça a camponesa  
 Seos repentens entôa, e, com dextreza,  
 Corre o dêdo no tampo da viola;

*Bate o pinho* e a matuta rapariga  
 Requebra a doce voz nesta cantiga:

« Quando se toca na prima  
 Logo acompanha o bordão;  
 Viola que não tem cordas  
 E' peito sem coração.

« Do mundo inteiro as paragens,  
 Digam lá, são todas bôas;  
 Não duvido, não contesto  
 Mas só canto as Alagôas.

« Quem quizer que cante as outras  
 Eu cantarei ella só;  
 Jaraguá e Pajuçara,  
 Bebedouro e Maceió,

« Pioca, Porto de Pedras,  
 Pilar, Traipú, Muricy,  
 Atalaia, Porto Calvo,  
 Piquete, Maragogy,

« Assembléa, Coruripe,  
 Palmeira, Santa Luzia,  
 A Barra de Santo Antão,  
 Quintude, Passo e Anadia.

« São Bento, Lage e Capella,  
 Quebrangulo e São Luiz,  
 Pão de Assucar, Barra Grande,  
 Piranhas, Imperatriz,

« Leopoldina, Soledade,  
 Flecheiras e Jetituba,  
 Matta Grande, Igreja Nova,  
 São Miguel, Japarutuba,

« Olhos d'Agua, Piassabuna,  
 São Braz, Collegio, Mirim,  
 Entre-Montes, Ipanema  
 E os nossos campos sem fim.

« Agua Branca, Limoeiro,  
 As margens do Pratagy,  
 Conceição das Alagôas...  
 São terras todas daqui!

« Do mundo inteiro as paragens,  
 Digam lá, são todas bôas;  
 Não duvido, não contesto,  
 Mas só canto as Alagôas ».

\*\*\*

Agora eis a passagem que arrebatá:  
 Todo revoltado, encapellado e arisco,  
 A soltar o bramir de uma cascata,  
 Despenha-se de longe o *S. Francisco*  
 Qual outro *Briareu* estende os braços,  
 Indo além despejar-se no oceano,  
 Abrindo em sua fóz largos espaços  
 Onde travam combate forte e insano.

Como se um grito echoado lá das vallas  
 Disse: « Passa um monstro! olha a voragem! »  
 Penhascos e montanhas abrem alas  
 Ao terrível *Tritão* dando passagem.  
 Mais abaixo, afastado do fraguêdo,  
 Um quadro se destaca de repente:  
 E' a nova cidade de Penêdo,  
 Formosa, pittoresca e florescente.  
 E corre qual o *Prata* caudaloso  
 O filho da *Canastra*, o grande rio,  
 Dando um gelido beijo, affectuoso,  
 Na dura e hirta fronte do *Navio*.  
 O *Navio!*... a lodosa pedranceira  
 Os diques naturaes, pedras informes,  
 Que parecem de um monstro da caveira  
 Os dentes colossaes... negros e enormes  
 E' alli que, á tardinha, a syricoia  
 Vae alegre pousar para a dormida,  
 Onde enrosca-se a timida giboia,  
 Entra do pela gruta empedernida.  
 Debruçados, além, por sobre as rochas,  
 Stão os maracajás se espreguiçando,  
 Cujos olhos, iguaes a vivas tochas,  
 Num vortice feroz vão se aticando  
 O feio jacaré, qual sentinella,  
 Da margem sobre o musgo eil-o deitado;  
 Ora a rasgada bocca elle escancella,  
 Ora levanta a serra p'ra o costado.  
 Mil quadros naturaes, quadros diversos,  
 Desenrolam-se alli aos nossos olhos:  
 Uns na verde planicie, outros dispersos  
 Nos barrentos montões, sobre os abrolhos.

\*\*\*

E' assim que se apresenta  
 A minha terra que ida,  
 Encanto da minha vida,  
 Imagem dos sonhos meos;  
 As graças, as primazias,  
 De que ella meiga se cobre,  
 Não tem força a lyra pobre  
 De mostrar nos threnos seos  
 Aquelle solo ubertoso  
 Derrama tantas doçuras,  
 Encerra tantas venturas,  
 Que prendem o trovador;  
 A flôr que o prado embalsama,  
 A fonte que rumorêja,  
 Tudo alli traduz amôr.

Sim, é linda a minha terra,  
 Fagueira como a esperança,  
 Saudosa como a lembrança  
 Que della agora me vem!  
 Aceita, oh! cara Alagôas,  
 Esta canção que desfiro;  
 Por ti eu vivo, suspiro,  
 Por ti eu morro também.

## TEOS OLHOS

Os teos olhos formosos e eloquentes,  
 Immersos na luz clara da innocencia,  
 Doces, meigos e cheios de termura,  
 Quasi sempre orvalhados de clemencia;

Esses teos olhos, virgem, tão serenos,  
 Que illuminam-me a terra promettida,  
 São o asylo das minhas esperanças,  
 O esplendente phanal de minha vida,

E' com elles que olhando eu vejo certo,  
 Que choro, durmo, sonho e que desperto  
 Vendo o infinito, vendo o proprio Deus:

Pois, aos raios que delles se disparam,  
 Os meos ha muito tempo que cegaram,  
 E tudo quanto vejo é pelos teos.

## AMOR MATERNO

Isaura, a mais cruel de todas as perdidas  
 Entre os braços de Fausto, o misero rapaz,  
 Disse um dia a sorrir: — Quem ama tudo faz...  
 Exijo deste amôr as provas decididas.

— Pede tudo, mulher, se queres destruidas  
 As duvidas que tens; ordena e então verás  
 Se tenho amôr ou não: de tudo eu sou capaz...  
 Por ti arrancarei milhões, milhões de vidas!

E á Dalila soltou estridula risada...  
 Disse a Fausto: — Pois bem, se tu não temes nada,  
 Quero de tua mãe tragar o coração.

E o louco o foi buscar... De volta, no caminho,  
 Tropeçou e cahiu... disseram-lhe baixinho:  
 « Magoaste-te, meu filho?!... Aceita o meo perdão ».





Heitor ALVES de AMORIM



— o Imbaúba —

*como lhe chamavam os intimos em allusão ao talhe esguio coroadado de uma vasta cabelleira, e ao passo tardo que arrastava, quasi não teve infancia, não teve pois, tempo de sorrir...*

*Nasceu no Pilar a 13 de julho de 1886 e succumbiu em Maceió em Novembro de 1907, á tísica tuberculosa.*

*Homem de letras completo: tipografo, poeta e legalmente miseravel! Pois este rapaz que tinha uma vasta cultura filologica e escrevia versos como os que ao diante vão transcriptos, natural de um paiz que se preocupa com a sorte dos orfãos da guerra européa, quasi morreu de fome!...*

*É o bastante como exemplo.*

### ESPELHO PARTIDO

N'outro tempo, de certo, espelho velho e triste,  
Invejado e feliz foste pelo que viste;  
Por tudo quanto em teu crystal polido e raro  
Se reflectio, talvez no carinhoso amparo  
De uma alcova onde foste o sentinella amigo,  
O constante vigia ao perfumoso abrigo  
De um delicado s'ra, noiva, acaso, de um poeta,  
De quem, vezes sem conta, assististe em secreta  
E muda contricção, todas as rudes crises  
Avivadas empós dos momentos felizes.  
Quantas vezes, de certo, o teu crystal tivera  
A volupia de ver-lhe em franca primavera  
Da carne, o corpo nú, deslumbradoramente,  
Tal de ave presa o goso, ao ver-se de repente,  
Solta em manhã de sol...

Uma noite de sonhos,

Ao despertar exhausta, olhos vagos, tristonhos,  
Ella no alto te viu, tendo o crystal partido!...  
Que horror sentio então, em vendo reflectido  
O rosto!... Deformado a modo tal se achára  
Que não mais consentira allí ficasses; para  
O teo logar um novo espelho era preciso  
Com estes mesmos florões e com este mesmo friso...  
O outro viera... E tu p'r'ahi ficaste a um canto,  
Sem poder nunca mais ver-lhe o rostinho santo;  
E exposto á poeira, a tudo; abandonado, triste,  
Vivendo da illusão do que já reflectiste,  
Até já um'a aranha á poeirenta aresta  
De um dos teus cantos, vejo, a teia urdindo, e presta  
Toda a sua attenção e tambem outra aranha  
Que os seus gestos ligeira e esportamente, apanha,  
Através do crystal, onde saudades, hoje,  
Guardas do tempo extincto, o bom tempo que foge,  
Levando-te o constante e delicioso alfago  
De pequeninas mãos, delicioso e vago  
Em ti, como as visões indistinctas de um louco.  
No mundo, velho espelho, ha de sempre ser pouco  
O bem gosado, sempre; inda que a vida inteira  
Elle nos dure, a nós, uma breve carreira  
Sempre ha de parecer; emquanto houvermos vida,  
Emquanto dentro em nós, embora enfraquecida,  
Vibrar-nos uma arteria, haverá um desejo,  
Palpitante, febril, como o primeiro beijo  
Dado á mulher amada, em nós tambem vibrando.  
Bem maior que o teo mal, de um sei no mundo actuando,  
— Esse dos que na vida a Visão erradia  
Seguem de um sonho — eterna e dolorosa via,  
Vezes num estendal de eterna luz aberta,  
Porem quasi que sempre, entre lianas aperta

De eterno desespero, o ousado caminhante,  
Da tortura maior sob o terrivel guante.  
Sim, destes grande é o mal; é certo que no mundo,  
Ao contrario do bem, é sempre o mal profundo...  
Nao ha negar, porem, que essa tortura enorme  
De viver perseguindo uma visão informe,  
Mortifica inda mais, velho espelho partido,  
Que a saudade que actúa e sangra mais ao olvido:  
Esta é o resabio atroz de um bem que se gosara;  
Aquella, não; aquella, a essencia tem mais tara  
E impalpavel.

Buscal-a é buscar o intangivel.

Surge-nos atravez de alva teia irrompivel  
- Vaga *Turris Eburnea*. - E aos que, antevendo-a um dia  
Se deixaram levar pela escabrosa via  
Que ella aclarando vem, estes, ahi, ao certo  
Em meio á turba-multa estarão num deserto.  
E a sós, ver-se-ão povoando a mundos bons e ignotos...  
Sim, porque desda ahi — nova especie de lotos —  
Elles serão na Terra os Incomprehendidos,  
— Martyrio que não têm os espelhos partidos.

### VOZ REMOTA

Coração meo, porque murmuras  
Em tão longinqua solidão?  
Para que avivas amarguras,  
Quando por si já vivas são?!  
Sempre lembrar, triste, procuras  
— A mal de ti, a mal de nós —  
Esse que ouvi, som de canduras,  
E hoje remoto som de voz!

Chagas, eu sei, agras e duras,  
Em ti pungindo fundo estão —  
Mas proprio é mesmo ás criaturas  
Em tudo haver consolação.  
Se taes os males taes as curas,  
Mata este mal que é tão feroz!  
Da-lhe de fortes ligaduras:  
— Abafa o som áquella voz!

... Mas, ai de mim! digo loucuras,  
Que louco eu sou, tendo razão;  
Coração meo, se me torturas,  
É minha a culpa, coração...  
A causa eu sou das desventuras  
De que padeces... e inda empós,  
Clamo que és tu que te descuras,  
Eu, que te fiz guardar-lhe a voz!

Não direi mais que me amarguras,  
Que eu mal mareço mais atroz...  
— Ai! som que ouvi, todo tremuras,  
E hoje remoto som de voz!...

### BEM DAS LAGRIMAS

Leiam-me agora os que soffrendo amaram,  
Que eu com os males do amor hoje reluto:  
— Ninguem julgue dos males que o magoaram,  
Que mais á prova mais dá gosto o fructo.  
Nescio, cuidei, por magos que passaram,  
Que me o pranto dos olhos fosse enxuto...  
Hoje, e inda ha pouco, os vi que se molharam  
De novo em choro descabido e bruto!  
De alguém eu sei, alguém que já sua alma  
A' minha alma irmanara; carinhosa,  
Estes meos versos ler-me-os-á sem calma...  
Que chore... e as bagas do seu pranto sagre-m'as!  
— Que é fortuna a quem vida houver cuidosa  
Si os males pode inda lenir com as lagrimas.



## SABINO ROMARIZ



*nasceu em Penedo a 25 de março de 1873. Teve fulgurações de genio. A sua poesia não era aquella cousa chilra que ainda hoje distilla da penna de centenas de poetinhas desoccupados.*

*Qualquer coisa de alto, mesmo quando se as-senhoreia de argumentos mediocres.*

*Pena que se tivesse deixado dominar do vicio ao ponto do delirium tremens.*

*Andou um pouco por toda parte com os olhos sempre fixos em Penedo, onde a munificencia dos amigos lhe mantinha a vagabundagem incoercivel, e onde veio a fallecer ainda moço, quasi na miseria.*

*Não morreu, matou-se.*

*Ah! Sabino, quanto mal fizeste a Alagôas mandando-lhe talvez o seu maior poeta ao qual faltou apenas um pouco de visão pratica da vida...*

## O LYRIO

O lyrio era uma flor immaculada,  
Casta como um sorriso de Maria;  
Flor de uma alvura tal que parecia  
Ter sido feita de hostia consagrada.

Em Gethsemani, a face ensanguentada,  
Jesus tragava o calix da agonia  
E uma gotta de sangue luzidia  
Sobre um lyrio cahiu crystalisada.

E nisto a flor, sem mancha concebida,  
Foi-se tornando como que dorida  
Tomando aquelle tom violaceo, frouxo...

E de como era outrora alvinitente  
O lyrio da Judéa, finalmente  
Crepuscular ficou, tornou-se roxo.

## EM ALMA

E' preciso que tudo em materia transmigre,  
Que o Kosmos evolúa;  
Para os olhos da pomba alma negra do tigre  
E a pupilla dos leões para os raios da lua,  
E' mister que a avidéz sanguinea e tenebrosa  
De uma féra qualquer  
Tome a fórma, que envolve o espirito da rosa  
Que o odio vá se aninhar  
Dentro de um beijo em flor,  
Como um segredo azul nos mysterios do mar  
Ou como o sol no chão de um deserto incolôr.  
Porque a morbida acção de uma rôxa gangrena  
Que os tecidos converte em camadas de puz  
A materia envenena,  
Mas nutrem os vegetaes que germinam da luz.  
Quando, aos raios do Sol, uma fecula expira  
E a garra dos tufões despedaça-a pelo ar,  
Sua alma de saphyra  
Continua a vibrar.  
E com ella o perfil inteiro do Ether vibra;  
Tal é a immutação da lei molecular;  
Ha correntes febris dentro de cada fibra  
E mil dynamos ha n'uma restea de olhar.  
Um simples ai mesquinho

Mede, atravez da Esphera, um infinito de dor  
Porque transmigra em flor a alma de cada espinho;  
Como transmigra em ave a alma de cada flor.  
Um soluço traspassa o arco-boço dos mundos  
Como um sorriso accorda a luz em cada veia  
Do Universo e transmite uns effuvios jocundos  
A' seára, que chorando o lavrador semeia.  
A alma bebe saudade e magoas na sombria  
Despedida do sol ao expirar dos crepusculos,  
Mas absorve tambem diluvios d'energia  
Nas auroras que são a substancia dos musculos.

Tudo ha de transmigrar  
Para um polo sem fim  
E (coisa singular!)  
Evoluir sempre assim  
A Eternidade inteira,  
Sempre mais, sempre mais.

Pois não pode caber a alma numa caveira  
E num mero quadrado o fogo dos crystaes.  
E assim, pois se a materia inteira se deforma  
E apresenta esses tons de extensões e de cor,  
Pelas psychicas leis de uma infinita nórma  
Deus attrahe para Si as almas pelo amor.

## AMOR

DO "IGNIS"

## I.

Tinha o artista intuição de si mesmo. Sabia  
(E não era dizer — que por vã phantasia),  
Ter seculos e vir de remotas origens.  
E, assaltado talvez de infinitas vertigens,  
Seu espirito, outr'ora — alma ingenua e latente,  
Que habitou no cazul d'uma simples semente  
Dos trigaes e foi flôr, como o diamante azul  
E, — lufada, varreu plágas de norte a sul;  
Que, nos igneos vulcões, chimificou-se para  
Vir a ser essa gemma azulissima e clara;  
Que, por fim, transmigrou para o arco-boço opaco  
De qualquer aguia-real ou de qualquer macaco,  
E, depois d'essas mil transformações airosas,  
Veio a ser o cantor das verbenas e rosas;  
Seu espirito assim educado sentia,  
Em segrêdo, uma falta afinal de ... alegria,  
Sem motivo siquer

Não lhe bastava agora  
A tonificação virgem — da luz da auróra,  
A' su'alma a scismar n'uma dúvida, presa  
De uns anhôlos fataes.

A propria Natureza,  
Com seus multiplos tons de harmonias e cores,  
— Ella que dynamisa a alma dos sonhadôres,  
E que lhes deita á frente um diadema de sóes,  
A Natureza, — a mãe loura dos rouxinôes,  
— Mãe da noute e do luar, dos granitos e arbustos,  
— Mãe das invocações e dos psalmos vetustos,  
A Natureza já não tinha quem lhe dêsse  
Algo que lhe faltava.

Expandia uma prece  
— Filha do coração.

Era, para elle, o Mundo  
Um oceano de azar todo escuro e iracundo;  
Incutia-lhe horror um sorriso de criança.  
Elle, que sempre foi uma cousa tão mansa  
Como um beijo de paz,

Misantropo, hoje em dia.  
Já nêo vibra e parece uma estatua sombria  
No dezerto a sonhar um silencio de esphinge.  
Cilicia-lhe os rins essa angustia que o cinge  
Irremediavelmente e que a vida lhe esmaga.  
Elle traz, no sorriso, um lampejo de chaga

Chronica e a germinar frouxamente ás occultas;  
 Batem-lhe o craneo sons de dez mil catapultas;  
 Dão-lhe assaltos ao olhar as miragens famintas  
 De rabidas legiões pintadas a igneas tintas  
 Pelas mysticas mãos de seu triste Destino.  
 Via, dentro do sol, o agoiro purpurino,  
 Bicauncado, atroz, a ameaçal-o, a ameaçal-o  
 Como de uma vergasta o sacrilego estalo,  
 Hyperbolicamente. O magro corpo esguio  
 Sem pletóra de sangue, ora a tremer de ... frio  
 Oscillava aos vai-vens inconstantes do vento.  
 E, — automato a vagar, o artista macilento  
 Não sabia explicar que demonio era aquillo!  
 Nem podia dormir como outr'ora, tranquillo  
 Ao pé de sua mãe, no regaço materno,  
 Quando cria no *papa* e nas penas do inferno  
 E acreditava enfim que este azul era os Céos,  
 Que escondiam do olhar humano, o olhar de Deus!  
 Que lhe faltava pois?

Mas algo lhe faltava.  
 E, perguntando ao sol, — luz incombusta e flava,  
 Disse-lhe o sol de lá certo dia a se pôr:  
 — Falta-te unicamente, unicamente o « Amor! ».

## II.

E *elle* chegou a crer — que, para viver bem,  
 Era-lhe, na verdade, urgente amar alguém;  
 Esse alguém (compreendeu) certamente existia  
 Tanto n'uma canção, como n'uma agonia  
 De mendigo harpejando a surdina da esmola;  
 Era o orvalho que alenta e o perfume que evolva  
 Da patena do val; irmão do olhar do cego  
 E, ou Zenith ou Nadir, era o Ether e era o Pégo,  
 (Meditou, meditou muito tempo sozinho):  
 Era o calis do lyrio e era a ponta do espinho;  
 Ou licôr que extazia ou um'unção que envenena.  
 — O amor seria o olhar de Magdala ou de Helena;  
 Riso para matar, lagrima revivente,  
 O amor, o amor (concluiu) é ... tudo finalmente! —

## III.

E amou. Para tecer a plumagem do ninho,  
 Bebeu luz. E de então seu'espírito, mesquinho,  
 Mais sotúrno que o Káos e mais êrmo que um vacuo,  
 Que, vivia sem luz, como si fôra opaco,  
 Nessa trasmutação subitissima e doce,  
 Como que exorbitou, como que dilatou-se  
 Desenvolvendo assim todo um grande interesse,  
 Afim de achar algum coração que o entendesse.  
 Vio que *elle*, como tudo o que vive disperso  
 São apenas porções da — alma exul do Universo,  
 Diffundindo-se n'um perespirito a arder;  
 — Atomos do mesmo Ar, moleculas de um ser,  
 Que não tem dimensões e limites ao menos,  
 Desde a materia immensa aos microns mais pequenos  
 Sem principio nem fim, essa alma indefinida,  
 Que na Vida começa e que acaba na Vida.

## IV.

Amou com todo o amor.  
 Sua noiva era o lotus  
 Do valle do prazer.  
 Já dos tempos remotos  
 Não se lembrava mais. Este amor infinito  
 Abafou-lhe o pezar, como se abafa um grito  
 Dentro da solidão no silencio da noute.

*Ella* disse-lhe a rir: — Meu espirito dou-te:  
 \* Toma conta de mim, ama espiritualmente  
 \* Este amor que eu te dou, lúcido e omnipotente.  
 \* A carne é o conductor da animica effusão.  
 \* Unificar-se, vê, os nossos fluidos vão  
 \* N'um só fluido, n'um só complemento indistincto,  
 \* N'um único sentir; sentirás o que eu sinto,  
 \* Amarás como eu amo essas cousas propensas  
 \* Ao Bem; eu pensarei tal e qual como pensas.  
 \* Nada nos poderá desligar a amalgama,  
 \* Porque amor nos attrahe e um par'outro nos chama.  
 \* Eu sou a mariposa e a adejar-te me puz:  
 \* Devóra-me, *volcão*; incendie-me, luz.  
 \* E' dessa transfusão que ha de nascer, verás,  
 \* O verdadeiro Deus na lapinha da Paz! ».

## V.

A açucena calou-se.  
 O poeta entreisonho  
 Murmurou como quem monolôga n'um sonho:  
 — E's a estrella de meu coração de precito;  
 — Deixa-me idolatrar teu semblante bemdito,  
 — Teu olhar, que invadio meu secreto desgosto,  
 — Vindo salvar-me, quando eu já estava disposto  
 — A acabar, de uma vez, com essa angustia infinita.  
 — Alma de anjo que és tu, santa, de onde palpita  
 — Para mim o fulgor d'alvorada nascente,  
 — De joelhos a teus pés, beijo-te ardentemente  
 — Essas esguias mãos, essas mãos pequeninas,  
 — Que têm a alvura ideal do lyrio das campinas,  
 — Mãe—e—espoza do sol, que o meu craneo contem  
 — Amo-te, como se ama a Deus e a mais ninguém.  
 — *Vendaval*, eu me fiz para amar-te uma *briza*  
 — Tu és o lago azul, por onde *ella* desliza;  
 — Meu complemento és tu e eu sou teu complemento  
 — A minha inspiração mais subtil do que o vento  
 — Rolará sem parar, aromatica e leve,  
 — Edelwiss nevi-côr, filha do sol da Neve.  
 — Eu saberei tornar tua vida feliz  
 — Com versos que são teus, só teus, edelewiss;  
 — E, que eu faço com tudo o que existe de ingenuo  
 — Um sorriso de noiva, uma palavra, um aceno.

## VI

— Eu te quero mostrar os segredos de um'arte  
 — Santa, que Deus me deu de uma vez.  
 Para amar-te,  
 — Crê, não trepidarei em fazer das estrellas,  
 Nossos ninhos em flôr. Irás de perto vê-las,  
 — Nos meus braços que são azas illuminadas,  
 — Atravez da amplidão cheia das alvoradas!

## VII

— A Poesia calou-se e a Belleza calou-se;  
 Mas, na concha do Espaço, a harmonia mais doce  
 Germinava a boiar, entre nuvens de incenso;  
 O ceu fez-se mais ceu e ficou mais immenso;  
 O sol fez-se mais sol, mais fogo, e (sonhos meus!)  
 E Deus, dentro de tudo e em Si, fez-se mais Deus!

## VIII.

Depois entre-mirando este encanto, uma vez  
 Um sabiá começou a cantar: — Deus os fez! —  
 E escutou-se bradar, como a voz do Sinai:  
 Abrazai-vos no amor, ó corações . . . amai.



Manoel ARISTHEO Goulart DE ANDRADE

*nasceu em Maceió a 3 de setembro de 1878 e formou-se em direito no Recife, depois de experimentar o commercio e a medicina, em 1900.*

*Conheci-o então na companhia desses fidalgos bohemios que foram Julio Auto, Araujo Jorge, Carlos Pontes, Matheus de Albuquerque, Augusto de Oliveira, e tantos outros...*

*Fadado a ser o maior poeta de Alagoas foi entretanto um grande desventurado pois que falleceu em pleno vigor da mocidade a 8 de junho de 1905.*

*Aristheo deixou publicados uma serie de perfis regionaes, o poemeto Noivado, muitas poesias esparsas, e inedito o 1º acto do drama Jesus acabado por seu irmão J. M. Goulart de Andrade.*

### UMA SCENA DO "JESUS"

MAGDALENA só, ouvem-se no aposento contiguo sons do kinnors, de citharas e nablíos. O crepusculo chega.

O crepusculo vem cinereo e somnolento  
Em crepes envolver o azul do firmamento!  
Já por traz da montanha a luz se esbate agora  
E o violaceo do poente aos poucos descolora.  
A noite vae chegar negra, profunda e calma,  
Casando a sua treva, á treva de minh'alma...

*(Os nablíos, as citharas e os kinnors amortecem num deliquio de sons).*

Sempre triste! E por que? No meu solio floresce  
Tudo, tudo talvez que o meu sonho appetitece:  
A purpura de Tyro, o leito aureo e macio,  
Joias e pompas reaes, escravos, senhorio...  
Para de orgulho encher os olhos de um tetrarcha.  
O que meu sonho audaz na phantasia abarca,  
Como aos pequenos pés de uma filha de deuses  
Precipite me traz, pela estrada de Eleusis,  
A minha côrte vil de reis e potentados,  
Servos do meu amor, submissos e humilhados!

*(As tocadoras param de tocar por um instante e recommçam numa melodia quasi imperceptível)*

A tristeza, porem, a minh'alma conturba  
Desde o instante em que vi a esfarrapada turba,  
Serenos como um Deus, em voz pausada e triste,  
Brandamente dizer: « O eterno bem consiste  
No reino de meu Pae... Si o desejaes, amae-vos... »  
Pelos cabellos de ouro o sol dava-lhe uns laivos  
De uma aurcola real! Seus olhos se embebiaram  
Em extase nos céos, e seus labios sorriam,  
Como devem sorrir na gloria os do Senhor!

*(Erguendo-se do leito e levando a mão ao coração)*

Senti-me transformada e o meu febreto amor,  
Torvo como um chacal, tornou-se um cordeirinho,  
Um anho virginal mais puro do que o linho,  
Que as donzellas de Sião desfiavam em seus teares  
Para vestir de branco a pedra dos altares.

*(Com melancolia)*

Em scismas rebentou a aridez de meu peito,  
Dantes escampo e nú, como esteril deserto,  
E esse tempo que foi, vi de novo bem perto,  
Numa ressurreição risonha do passado,  
A transportar-me em sonho, ao periodo alado  
De outra idade feliz, quando, formosa e pura,  
Eu era a mais querida e ingenua creatura  
Do meu lindo paiz, de minha Galliléa!

*(As escravas deixam de tocar)*

Minha terra natal, tu me trazes á idéa,  
Antes, ao coração, a mais doce lembrança  
Do paterno casal onde eu folgava em creança...

*(Scisma. As escravas tocam em surdina)*

Elle é tambem de lá, de Nazareth... Quem sabe?  
Bem pode ser talvez que a nossa vida acabe,  
Juntos, nesse logar onde nascemos...

*(Com arrebatamento, como que a repellir um sonho importuno)*

Basta!  
Estás louca? mulher. Estes sonhos affasta...

*(Para as escravas desabridamente)*

Enoe, Zeres, Esther, vamos, quereis tocar  
Mais alto?

*(Os instrumentos soam com força)*

Assim! Assim! Quero me atordoar...

*(As notas vão aos poucos morrendo numa ftebilidade de sons. A noite cae por completo)*

O velario affastae, quero ver as estrellas  
Pontilhando de luz a noite...

*(Jesus. 1º acto. Scena II).*

## " NOIVADO "

Quando chegar a neve da velhice  
para nós, tu lerás, na doce calma  
desse hynverno da vida, o que minh'alma  
na mocidade garrula te disse.

E de teus olhos que tão bellos foram,  
desses, que hoje as estrellas enamoram,  
ha-de rolar a fulgida orvalhada  
do doloroso pranto,  
por mim, que te amei tanto,  
ó minha doce amada!

\*\*\*

O meu velho relogio,  
numa ironia lenta e zombeteira,  
toda noite recita á cabeceira  
de meu leito o seguinte necrologio:

— Nesse vae-vem, nessa melancholia,  
tudo immerge no pelago profundo  
do Esquecimento: magoas e alegrias,  
juras de anno, promessas de um segundo...

Tudo acompanha o tempo fugidio  
na celere corrida  
para o tumulto frio,  
para o somno da paz indefinida!

Nem tudo, velha pendula. Mentiste! —  
O meu amor ardente,  
inda que o tempo mude  
em cinza fria o que no mundo existe,  
ha de viver, cantar eternamente  
pelo meo verso rude!

\*\*\*

Voemos ao céo, querida,  
se nos separar a sorte;  
nosso amor, grande na vida,  
bem maior sarà na morte.

O vil planeta terreno  
abandonemos, ó flor;  
o mundo é muito pequeno  
para conter nosso amor!

\*\*\*

O meo espelho, esse sincero amigo,  
Que tão fiel minhas feições retrata,  
no meo cabello cor de bronze antigo  
fez-me entrever um fio cor de prata.

E' a velhice aos vinte e um annos! Velho  
vaes-te tornando dia a dia, ausente  
dessa a quem amas... (segredou-me o espelho  
cujo crystal não mentel)

Minha cabeça seja argenteo vélo  
ao regressar, amada creatura,  
e o meo cabelo junto ao teo cabelo  
um prateado luar em noite escura!

\*\*\*

Si eu fosse um millionario,  
O Aladino da lampada encantada,  
talvez te dêsse um dia  
por diadema um rutilo estellario  
que irradiasse mais do que irradia  
á noite, esse da abodada azulada!

Ao centro como um sol,  
offuscando-se á luz do teo olhar,  
eu faria brilhar  
um diamante maior que o Grão-Mogol!

Mas, pobresito, nada tenho eu,  
alem do dia que illumina a terra,  
alem da noite que constella o ceo...

Arranquei de minh'alma o que ella encerra  
de mais casto e mais santo,  
e, orgulhoso te dei,  
enfeixado num canto,  
como si fosse a dadiva de um rei!

## SONETO

Tem-te ahi negro mar, de lagrimas amargas,  
Desesperança, oh! mãe dos naufragos da vida,  
Destende sem temor as tuas azas largas  
Sobre esta alma sem fé, tão mal comprehendida!

Já não posso lutar: - Succumbi ás descargas  
De raivoso Aquilão! Como uma não perdida  
Alijo do meu bordo as mais preciosas cargas:  
— O riso, o sonho, o amor, a delicia da vida...

Alegria, outro rumo! Esperança, outro norte!  
Que a bussola endoideça e outro paiz aponte!  
— A paragem glacial e lugubre da morte!

Coragem! Nem sequer se contraia um só musculo:  
— Quero ver apontar no sombrio horizonte  
O tristonho lilaz do ultimo crepusculo.





Manoel AUGUSTO de OLIVEIRA

*nasceu no Taboleiro do Pinto, município de Santa Luzia do Norte, no dia 6 de setembro de 1879.*

*Soffreu horríveis dificuldades na vida, e a conquista da carta de bacharel foi-lhe uma tragédia sangrenta. Para estudar direito ensinava até o que não sabia. Desta disciplina fui eu seu aluno no Instituto Ayres Gama.*

*No fim do curso apaixonou-se. Interveio o pai da moça para desmanchar o idílio.*

*A resistencia paterna escandecceu a imaginação do poeta que se armou até aos dentes disposto ao embate. Venceu na primeira escaramuça.*

*Rumou para o Ceará onde chegou a juiz de direito de S. Bernardo das Russas. Ahi, o traíçoero punhal de um sicario arrebatou-lhe a vida em 1919, antes que completasse os 40 annos.*

### SONHO VERMELHO

Era o céu desta vez bronze em fogo lavrado  
Na sangrenta explanada aos fúlgidos recamos;  
E o fogo, o fogo ardera o campo amortalhado  
Dos cadaveres nús das rosas e dos ramos.

Verão. Ardera o sol toda a explanada accesa...  
E amortalhara em pó todo o trigal visinho:  
E a cinza, esta cortara em cinza a real deveza  
Como em cinza deixara as urzes do caminho.

O rosal que enciumara os olhos duma dama,  
Os teus olhos talvez, bellos e peccadores,  
Hoje rubra fornalha accende em cada rama,  
De onde outr'ora brotára a seara de mil flores.

O cinabrio da luz que o pó vestira em brazza,  
E o teu vestido branco accendera em vermelho,  
Da fonte - um claro espelho - em purpura extravasa  
E faz da clara fonte um phantastico espelho:

Por onde então verás pennachos amarelllos,  
Rubros, passarem, flor, tingindo a agua de prata:  
De guerreiros guardando ameias de castellos,  
De gentis castellás, que a agua de ouro retrata!

E tiremes ao som d'uma flauta encantada,  
Repicando de fogo as espumas e as vagas,  
Irem, das illusões em louca debandada,  
As nossas illusões, aportar n'outras plagas!...

E exercitos morrendo ao som das catapultas;  
E trompas de ouro no ar conclamando a derrota:  
Tudo verás passar sobre o espelho ás occultas,  
N'agua, como quem vem de uma visão remota.

Generaes, na peleja ingrata, a rude aljava  
De ouro, vibrando ao sol e á luz, irem vibrando...  
Como por claro campo em flor de seara flava,  
Uma lamina de ouro em se desenrolando.

Capacetes ao chão, plumas varando o espaço...  
O espaço ouve essa voz, que voz ella recorda?  
Quantas vezes contaste o rythmo e o compasso,  
O compasso da voz e o rythmo da corda

Que uma dama vibrava á séda dos seus dedos  
Espalmada nas mãos em lubrico abandono,  
E tinha este rumor que têm os arvoredos  
Sob a rude algidez das nevoas, pelo outomno?

Morre o ultimo som. « Que exercito vencera? »  
Inda ouço a tua voz interrogando o espelho!  
E emfim passo tambem - fria estatua de cêra,  
Sob o incendio infernal do teu sonho vermelho!

### CONQUISTA

Amarelllos torreões, esguias columnatas,  
Bellos parques em flôr, flammivomos thesoiros,  
Foi todo este paiz de ameias e cascatas  
Que eu sonhei, pela fé, reconquistar aos moiros.

Povoei todo o mar de homens de longes terras,  
Gelvas lancei ao mar de flores e de espumas...  
Mas oh! desde o oceano ás mais remotas serras  
Homens quero que brilhe o aureo pendor das plumas!

E ao doido retinir de estridulas fanfarras  
Toda a terra tremeu dos valles aos penhascos,  
Emquanto sobre o mar, ao sol, as cimitarras  
Repuchavam das náos as velas de damasco.

Na terra, das legiões a amplissima columna  
De homens se desenrola e o céu foge abrasado...  
No mar, o vento em chôro os velames enfuna  
Das náos, que todo mar enchem de lado a lado.

Ora rebrilha no ar o oiro dos capacetes,  
Ora o céu treme e fulge e inflamma-se de lavas;  
Hei de, ou vencer em terra ao tinir dos floretes,  
Ou de, vencer no mar, ao golpe das aljavas.

Trompas rudes entõem a minha rude fama,  
Poetas celebrem della as lyricas derrotas...  
No mar, desde a Oceania aos dominios de Brahma,  
Na terra, da cidade ás plagas mais remotas.

Quando resurge e brilha a ampla via lactea accesa  
Das estrellas, no mar, todo eu de orgulho tremo;  
Conte, se houver quem conte estrellas, a grandeza  
Das náos, que todo o mar enchem de extremo a extremo.

Um dia á aza do vento e ao som das trompas roucas  
(De mil trompas reboando) as náos todas partiram;  
Com que adeus applaquei a febre de mil boccas  
Que outras mil a outras mil saudosas repetiram!

E de velas ao ar - aguas novas singrando  
Todos os bergantins e náos levara o vento;  
Mas um dia outro céo, sobre outro mar mais brando  
De mais luz e mais sol, surge no firmamento...

E um castello apparece e após outro ao seu flanco...  
Guerra! o sangue a pender das laminas de prata!  
Emquanto sobre o mar milhões de vida arranco,  
Em terra ha quem por mim mil vidas arrebatá!

Mirantes e torreões, armas e fortalezas,  
Da maura gente ao longe em fogo rebrilhavam;  
Mas oh! quantas das náos moiras nas profundezas  
Naufragaram do mar onde outras triumphavam!

Quantos bellos galeões de oiro sulcando as vagas,  
Ás vagas, se fizeram, em fôgo, ás velas soltas...  
E outros quantos, que o mar dando por outras plagas  
lam de mar em fóra achal-as mais revoltas!

No mar, na terra, em tudo, ao rumor das trombetas,  
Mil vezes o meu nome os campos devastara...  
Cidades conquistei... mas que de ondas infectas  
Essa moirama vil, de sangue, me custara!

Baluartes derrui, muros e cidadellas  
Amortalhei de cinza e densos nevoeiros,  
No mar batia as náos e em terra as sentinellas...  
E na terra e no mar... milhões de prisioneiros...

A revolta venci, milhões de escravos moiros  
Dama, para teus pés com que ancia se atiraram!  
Tudo enfim conquistei: palacios e thesoiros  
E o mais que só por ti meus olhos desejaram...

## LYRICAS

Brilha o poema immortal dos teus olhos serenos  
Quando, atravez da Forma, erro saudoso e immerso;  
E em vão desdenharás, argilla, dos meus trenos,  
Porque em vão fugirás, divina, do meu verso!...

Elle te arrastará a abrasadas esphas  
Pelo som da sua voz enamorada e louca;  
E nunca saberás a razão d'essas feras  
Rugirem-te nos pés, morderem-te na bocca.

Da algidez outomnal, das nevoas e dos gélos  
Zombará, claramente, a imagem d'oiro fina;  
Pois outra, que não tú, sublime de desvelos,  
Engastará, radiosa, a perola divina...

Em redor do clamor onde passar seu vulto  
O teu se deluirá n'asa do brando vento...  
Para outra verás descer dos ceus, occulto,  
Sob a forma immortal, meu mortal pensamento.

Trará nas asas d'oiro, emballada a procella  
E o perfume subtil da selva densa e brava;  
E a rolar nos seus pés, tão tragica e tão bella,  
Rugirá a multidão das sylabas, escrava.

Teu nome morrerá na acclamação, no ruido,  
Como sobre um lagedo um som gracioso e breve,  
Ou como n'um crystal translucido e polido  
Sem rumor, brandamente, uma gotta de neve.

Mas, um dia virá que, d'outra, fatigado  
Aos teus beijos, amor, voltarei, sem receio,  
E das odes, a rir o esquadrão perfumado,  
Contente, á minha voz, irá lamber-te o seio...

Cem valentes dragões varrerão os espaços  
Para te dar á carne a essencia capitosa,  
E a subirem, febris, a curva dos teus braços,  
Galgarão, sem querer, a Thebas d'oiro e rosa!...

Então, na lympha ondeante, á sombra da deveza,  
Amor espalharás, saudades espalhando...  
E eu, morto de saudade e morto de tristeza  
Para ti volverei o olhar piedoso e brando...

Só assim saberás (se houver quem tal te conte!)  
Com que amor eu te amei na louca mocidade;  
E então, em vez de amor, na lyrica da fonte,  
Tu, louca de saudade, espalharás saudade...

## FIM

Nubla-se o céo, cerram-se as nuvens, desce  
Das nuvens torvas um rumor profundo!  
E a natureza é como se dissesse:  
—Vae-se acabar o mundo!

Calam-se as aves, chora no ar tristonho,  
Como um rumor de prece na agonia  
De quem morre, meu derradeiro sonho...  
—Vae-se findar o dia!

Os arvoredos despem-se de vida!...  
O' que tortura e magua a vida encerra!  
—Assim como estas arvores, despida  
—Vae ficar toda a terra!

Fecha-se o céo! embalde o homem chora!  
—Porque fecha-se o céo ás suas dores?  
—Homens foi hoje a derradeira aurora...  
—Vão-se acabar as flores!

Engrossam-se as correntes, sôbe o monte  
Chorando, o mar em tremulos carinhos,  
Enegrecem-se as torres, o horizonte!  
Vão-se acabar os ninhos!

Morrem no alto as estrellas, sobre os rastros  
Dellas num rubro cataclysmo;  
Vão-se afundar, que dor, homens e astros  
Dentro do mesmo abysmo!

Canta do alto das torres, no ar tranquillo  
Um velho sino, a voz enchendo ás naves:  
Homens, abri o ouvido para ouvil-o!  
Vão-se acabar as aves!

Vão-se acabar os beijos, chorem noivos,  
Vão-se acabar as noivas bem amadas,  
Vereis apenas quando muito os goivos  
Por cima das ossadas!



**MATHEUS de ALBUQUERQUE**

*é de Porto Calvo onde nasceu a 21 de setembro de 1880. Pervagou algum tempo em Maceió emigrando depois para o Recife onde se fez guarda-livros de uma loja de louças.*

*Habitei na mesma casa com o poeta, mas não o conheci intimamente. Sei entretanto que fazia sua bohemiassinha de principio de mez de volta da qual costumava dizer: eu hoje seria capaz de escrever a "Divina comedia".*

*Escreveu o "Visionario", versos, e mais alguns livros de prosa. Rio Branco despachou-o consul do Brasil em Cadiz.*

*E' um grande coração. Calculem que este homem interdissse com o seu veto a estampa de um livro de versos que nem os meus dezeseis annos exculpariam.*

*Matheus, eleito dos homens e das musas, se te causo algum dissabor com estas revelações, queixa-te do Valente de Lima.*

## BOHEMIO

Este, que aos labios prende um riso crystalino  
E nos olhos, em febre, as lagrimas estanca,  
E' da humana comedia o artista superfino,  
Que deslumbra e domina e aclamações arranca.

Rindo, numa expansão de eterna zombaria,  
Pela graça do riso a satyra derrama  
- Filigranas subtis, soltas em pleno dia,  
Ou dos astros á luz que o céu de ouro recama.

Peregrino do sonho, a errar de plaga em plaga,  
Qual da humana ventura a imagem suave e bella  
E' do mar da existencia a mais graciosa vaga  
Que á flor do mar ascende, aos uivos da procella.

No beijo que lhe furta uma formosa bocca  
- Ou seja virginal ou seja peccadora.  
Elle mata o fremir dessa bravura louca,  
Que os desejos accende, intensa e abrazadora.

Nas taças de crystal, translucidas e finas,  
Onde o vinho espumeja, e effervesce a loucura,  
Elle afoga da vida as maguas assassinas,  
Elle as dôres da vida em risos transfigura.

Póde o mundo gemer, nas trevas encoberto,  
Póde o mundo cantar cercado de esplendores;  
Clamem, chorem legiões de párias no deserto,  
Estalem beijos no ar, celebrem-se os amores...

Ao verão, que de fogo as portas escancara,  
Succeda o brando outomno, em que a fartura impera;  
Cesse o pranto do inverno e rompa, núa e clara,  
E o céu e a terra inflamme a luz da primavera...

Estandartes de heroes, aos ventos estendidos,  
Passem, levando o mundo á furia dos combates;  
E, aos hymos de victoria e ás pragas dos vencidos,  
Corra o sangue, a ferver, em rios escarlates...

Aqui troveje a guerra e o sangue em rios corra,  
Alli floresça a paz nos ramos de oliveira;  
Viva um sonho a cantar sempre que um sonho morra,  
E na treva e na luz palpita a vida inteira;

Aos rumores do mundo, assim, na febre insana  
Que o devora, de rir, allucinada e brava,  
Elle tranca a su'alma, essa alma que se ufana  
Do amor que a desespera - alma do amor escrava!

Fino artista do Riso estridulo e nervoso,  
Riso claro rosal aberto a um sol festivo,  
E por onde, a cantar, vôam de pouso em pouso  
Aves de plumas de ouro e olhar risonho e vivo:

Fino artista do Riso, afoga a dôr nefanda  
- Inferno em que se agita e morre pouco a pouco!  
E o mundo, que o vê rir, ah! não sabe que elle anda  
Como um poeta a cantar e a chorar como um louco!

## EXODO

Azas angelicaes, abertas ao infinito,  
Numa palpação de tristeza sonora,  
Leves, sem um tremor, uma lagrima, um grito,  
Meus sonhos e meus ais unidos vão-se embora.

Castellos côr do céu, verdes pomares, fito  
O turbilhão da noite amortalhando agora...  
Azas mansas, buscae outro ramo bemdito,  
Que é findo o vosso idyllo entre os hymnos da aurora.

Claros dias de sol, noites brancas de estio,  
Alma que tanto amei, beijos soltos em chamma,  
Levados pelo vento a serenar procellas!

Adeus! A sombra desce, e na sombra erradio,  
Meu olhar, vosso rastro, em lagrimas acclama,  
Sob o limpido olhar saudoso das estrellas...

## NO CAMPO

Nesta florea região da patria amada e bella,  
Onde cessa o fervor da gloria appetecida,  
A existencia parece uma aurea caravella,  
Que beija á agua de rosa a face adormecida.

A alma que vem de longe, e a barbara procella  
De odio e o clarão do amor, numa incessante lida,  
Traz no seio revoltado aqui se lhe revela  
A verdade, a belleza, a paz, o amor, a vida.  
A imagem da concordia em tudo resplandece,  
O puro coração dos simples adormece  
E na morte não tem sequer um vão lamento.  
Só o occulto clamor de um peito miserando  
Aqui se não acalma, embalde suplicando  
O silencio, o repouso, o somno, o esquecimento...

### AS PORTEIRAS

Solitarios perfis de esquecidas porteiras,  
Pelas estradas reaes rudemente plantados!  
Quantas vezes não sois visões alviçareiras  
Aos que, buscando um bem, correm malditos fados!  
Quantas pesadas mãos, quer alvas, quer trigueiras,  
Vos não fazem soffrer nesses asperos brados,  
Donde, a gemer talvez, por bosques e clareiras  
Uma alma se desprenda aos ventos assustados!  
Abri o vosso seio ás almas erradias,  
Que, em paga, arrancam delle essas pragas sombrias,  
Deixando-vos a s'ós nas tristes solidões.  
Das gentes vos maltrata o orgulho soberano,  
Mas não clameis jamais contra o desprezo humano,  
Porque, de igual destino, ha muitos corações.

### NUPCIAS

#### II

Tu foste um anjo de misericordia,  
Alvissimo pendão da minha paz,  
Sorriso, beijo e abraço de concordia,  
Num conflicto voraz.  
Que latego feroz me flagellava  
Na treva e no silencio da prisão,  
A alma, que a propria fé tornara escrava,  
Na ansia de perfeição!  
E um gesto só bastou! fez que florisssem  
Rochas - e dessas rochas veiu a flor  
Para que em suas petalas se vissem  
Somente elos de amor...  
Salve, libertadora! Salve essencia  
Da oliveira symbolica da paz,  
Ha tanto reclamada na inclemencia  
De um conflicto voraz!

#### VIII

Essa formosa e senhoril varanda,  
Onde teu vulto pallido se inclina,  
Lembra-me sempre a antiga e veneranda  
Lenda de amor que os seculos domina.  
Quando, á nocturna claridade branda,  
Ella de lado a lado se illumina,  
Alma por quem minha alma em sonhos anda!  
Completa-se a illusão que me fascina.  
Do rouxinol repete-se a ballada  
No poema dos teus olhos eloquente,  
A que me elevo em luminosa escada.  
Nós dois, sem mais ninguem, na noite fria,  
Somos a encarnação daquelles entes  
Que o luar de Verona protegia...

### TRANSFIGURAÇÃO

Eu era nesta vida uma arvore isolada,  
Da terra culta e bella um selvagem producto,  
Uma arvore bravia, entre arvores plantada,  
Que tinham - ai de mim! - na esplendida ramada  
O perfume da flor e a seducção do fructo.

Só do rude perfil de antiga prisioneira,  
Não sei que maldição baixara sobre mim!  
Encerrava, talvez, na paz da vida inteira,  
O castigo fatal da culpa derradeira,  
Como um veneno esparso em taças de um festim.  
Só no meu desamparo, indifferente á gloria  
Ao brilho universal da vida ardente e bella,  
Eu, da vida perenne a sobra transitoria,  
Era, talvez, em tudo a macula irrisoria,  
Como da eterna dor a negra sentinella.  
A' minha sombra infausta, um balsamo ás fadigas  
Das jornadas ninguem fóra pedir jamais;  
Nem das aves eu tinha os ninhos e as cantigas  
- A alma ingenua que anima as arvores amigas,  
Quando o sol lhes aquece os seios maternas.  
Nas noites de luar de lyricos rumores,  
Se o vento me roçava a densa ramaria,  
Não lhe achava a doçura errante dos amores  
Que elle, em beijos, revela ao coração das flores,  
Como um sonho a correr do valle á serra.  
E de longe me vinha a musica serena  
Dos pastores galgando os cimos do alcantil  
- A decantada voz de sonora avena,  
Quando a terra ficava em grande paz amena,  
Na paz espiritual dos occasos de abril.  
Tudo, em redor de mim, como num sonho andava;  
Dos homens a canção, dos passaros o idyllio,  
A terra em flor, o mar sem furia, o céu sem lava...  
E a luz original, que em tudo palpitava,  
Só não via o negror do meu tão longo exilio.  
Quanta vida, entretanto, enchia-me as entranhas!  
Que ansia de abrir ao sol meu seio virginal!  
Que s'ede de vibrar, sentir fortes e estranhas  
Emoções, e de unir, da altura das montanhas,  
A esse poema de luz meu hymno triumphal!  
A's vezes, desvairada, os ares imprecando,  
Se o mundo da procella uivava pela bocca,  
Queria que de um raio a colera, baixando,  
Em cinzas me tornasse o vulto miserando,  
Na febre de exterminio, allucinada e louca,  
De resto, era loucura ephemera. Calmada,  
Sentia-me ditosa, enfim, na solidão...  
E, altiva, indifferente, immovel, socegada,  
Se me não desfolhava o gelo da ivernada  
Tambem me não queimava o fogo do verão.  
Mas o teu grande amor, o amor dos meus amores,  
Como benção do céu, transfigurou-me, um dia!  
Andava a Primavera esparsa nos fulgores,  
Nas azas, nas canções, nas essencias, nas cores,  
Como um sopro de Deusa em taças de ambrosia.  
E dessa embriaguez dos elementos suaves,  
Do limpido frescor dessa festa pagã,  
Uma parcella errante e alada como as aves  
- Um raio de sol no crepusculo das naves -  
Fez-me da muda treva idyllica manhá.  
Fecundada do cimo ás intimas raizes  
Pelo pollen de luz eschido no meu seio,  
Flores deram-me logo os mais finos matizes  
E fructos do sabor de remotos paizes,  
Cuja recordação produz fecundo enleio...  
O' passaros que attraio! O' noivos que abençoão!  
Vêde esta pompa de ouro em fructos virginaes,  
Esta fronde opulenta, aberta ao vosso vôo  
Esta sombra aromal com que vos galardão  
Para a celebração dos vossos esponsaes!  
Peregrinos, que andaes num secular transvio!  
Almas que o mundo encheis de pragas e reclamão!  
A mim! que de mim corre um luminoso rio  
- O pão dos que têm fome, o sol dos que têm frio -  
Nos fructos deste amor, na gloria destes ramos!



J. M. GOULART DE ANDRADE

*nasceu a 6 de abril de 1881.*

*Affirma-se que ao ensaiar os primeiros versos, seu irmão Aristheo de Andrade, muitas vezes procurou dissuadi-lo: o mano não tinha jeito praquillo! Enganou-se o desventurado Aristheo porque, muito ao invéz, José Maria é actualmente um dos maiores poetas brasileiros.*

*Aqui ha tempos, o poeta scismou que em Alagoas não o supportam e prohibiu a representação de suas peças nos theatros de Maceió. Coisas de poeta...*

*José Maria occupa uma cadeira na Academia Brasileira de Lettras.*

## SOROR CLARA

Na abobada ogival de austero claustro escuso  
O derradeiro som dos passos se propaga.  
De uma lampada sáe um clarao circumfuso,  
Que ora vivo fulgura, ora quase se apaga.  
Tal como uma lucerna em escuro aposento.  
Borbulha a fonte no adro, e a agua a correr, parece  
Exhalar um queixume, um sentido lamento,  
Um cimo balbuciar de fervorosa prece.  
Quando a chamma se alteia, incende-se o dourado  
Dos sagrados painéis que apparecem, luzindo;  
No grande candelabro a embalar-se, pesado,  
Pingentes de crystal scintillam rebolindo!  
Depois que Helio chegar no seu purpureo plaustro,  
Acordando no valle as candidas boninas,  
As noivas de Jesus, retornarão ao claustro,  
Em symetrico bando a cantar as matinas!  
Agora, a escuridão de espalmada aza enorme

Cobre tudo! Um respiro ouve-se em cada cela...  
Mandaram n'as dormir... pois toda monja dorme,  
Excepto Soror Clara...

Ella, sosinha, vela,  
Que o somno bemfazejo, ai, fechar-lhe não veio  
As palpebras de neve: Um calefrio corre  
Pelo corpo de ebur, celere ondula o seio,  
Um soluço reprezo á garganta lhe morre...  
Estorce-se, convulsa, arqueia-se, fremente;  
Rompe com as hirtas mãos, os habitos talaes!  
Sacode-os para longe, e, núa inteiramente,  
Surge, tão alva como a toalha dos altares!  
O seu mystico olhar que espargia um escasso,  
Amortecido brilho, ha pouco, ora scintilla  
Num bellico fulgor de uma lamina de aço,  
Cortando a treva; assim lhe flammeja a pupilla  
Ja corre pela nave... Inflammada em desejos,  
Vae, penetra o sanctuario... Um tremor nunca visto  
Crispa-lhe o corpo todo... E um rosario de beijos  
Desfia pelo rosto exanime do Christo,  
Branco, pregado á cruz, em marmore esculpido!  
« — Jesus! Volve esse brando olhar para meu lado:  
« Que te importa este Céu? Meu corpo estarecido  
« De amor, é teu, é teu! Jesus, meu bem-amado,  
« Assim como te cinjo, assim como te aperto,  
« Aperta-me tambem e cinge-me a cintura...  
« Abandona essa cruz... Tudo dorme e é deserto,  
« Desprega os braços, vem... » A misera murmura.  
E Jesus olha o Céu! Triste rictus lhe paira  
A' bocca; e se calor possúe, é que lh'o empresta  
A carne que o jugúla e blasphema e desvaira  
Em desejos febris... Implexa como a giesta,  
Recurvada, em delirio, o olhar semi-cerrado  
Soror Clara o acarinha e o fita e arde e suspira,  
Sacriliga e feroz, tentando o inanimado,  
Pétreo corpo mover!... Embalde o beija e o mira,  
Que Elle é de pedra e é Deus! A louca impenitente  
Salta e recua e cae sobre o frio lagêdo  
A torcer-se gritando: « — Impotente! Impotente!... »  
E queda-se a tremer... e tem febre... e tem medo...  
Hirta, estira-se e... morre...

O Sol entra dourando  
A claraboia iriada! As noviças, aos pares,  
Eis, entram em tropel, ante um corpo estacando  
— Alvo, tão alvo como a toalha dos altares!

## BALLADA DE PIERROT

Um, dois, tres, quatro? Ou mais? Procura,  
Sem vacillar, dizer ao vil,  
Que anda, por ti, nesta loucura...  
Quem sabe? Acaso, ascende a mil?  
Conta, no riso mais gentil,  
Fala, do modo mais agreste,  
Ou por desprezo, ou por ardil,  
Quantos amores tu tiveste?  
Toda a verdade atróz apura,  
Que lhe não falte um traço, um til:  
Não temas fique mais escura  
A escuridão deste covil!...  
Sob os teus pés me vês servil,  
Dirás, portanto, sem que reste  
Um só, por vivo, ou por subtil,  
Quantos amores tu tiveste.  
Néga, entretanto! Ai, néga! Jura,  
Jura por este céo de anil,  
Que nunca humana creatura  
Curvou teu vulto senhoril!...  
Chimera vã, sonho infantil,  
Vêde que, contra vós investe,  
Duvida tanta, agra e febril,  
Quantos amores tu tiveste!

## OFFERTA

Monstro de esplendido perfil,  
Alma infernal, corpo celeste,  
No meu peito grava a buril  
Quanto amores tu tiveste.

## VILLANCETE

Zagala que pastoreaes  
O rebanho das lembranças  
Amar-vos não posso mais.

## VOLTAS

Desde a alva ao sol fenecer,  
Desde a noite á madrugada,  
Das penas ando a pascer  
A numerosa manada.  
Zagala, causa dos males  
Que eu soffro, sem esquivanças,  
Trazei-me por estes valles  
O rebanho das lembranças.

Não temaes a confusão  
Nem as provaveis misturas:  
Si as lembranças brancas são  
As penas serão escuras...  
Penas de vos não olhar!  
Lembranças que me guardaes!  
Tanto é o penar lembrar,  
Que amar-vos não posso mais.

Nestes olhos — duas fontes —  
Meu rebanho dessedento;  
E vou por valles e montes  
Num profundo desalento...  
Alguem dirá deste pranto,  
Destas saudades mortaes:  
Que eu vos amando assim tanto...  
Amar-vos não posso mais.

A' MEMORIA  
DE ARISTHEO DE ANDRADE

O teu querido poema inacabado  
Ao fim chegou em paz e salvamento:  
Releva pois um tal commettimento  
De uma saudade intermina gerado.

Fez-nos a sorte irmãos, mas quiz o Fado  
Existissimos juntos um momento:  
Porque na vida cabe um só contento,  
De mim foste bem presto desatado.

Desde este passo o meu suspiro echôa,  
Que eu de fundas tristezas me mantenho,  
Nem dôr eu sentirei que mais me dôa!

Dei a este livro tudo quanto tenho:  
— Si é pouco, muito pouco, irmão, perdôa,  
Sobra a vontade onde fallece o engenho.

## VILLANCETE

Entre o querer e o poder,  
Senhora de meu enleio,  
Vem o dever de permeio.

## VOLTAS

Quero dizer tanta couza!  
Couzas que posso dizer...  
Si posso, e fico a tremer  
E' que o coração não ouza:  
Coração, pensa e repouza,  
Já que a falar tu te atreves.  
Queres falar, mas tu deves?

Eu quero e posso, isto é exacto;  
Mas é tamanho o receio,  
Que de taes duvidas cheio  
Já não ato nem desato.  
Ai, coração insensato,  
Fica-te quedo a penar,  
Pois tu não deves falar.

« Confessa! — diz a vontade.  
— Cala! diz a obrigação »  
Soffres assim, coração,  
Pois cada qual te persuade,  
Tolhendo-te a liberdade:  
Eis porque agir não me atrevo:  
Posso, quero; mas não devo...

Senhora, os astros no alem,  
Num desejo vivo e ardente,  
Attraem-se eternamente,  
Mas poder forte os retém.  
Vivamos assim tambem,  
Soltando sentidos ais,  
E... Não devo dizer mais...

## POMO DE SODOMA

Entre estereis sarçaes, urzes, cardos damnhinhos,  
Por um chão de calhãos, avança o pegureiro:  
Ponta de aza não vê nos asperos caminhos!  
Rarissimo serpeia o curso de um ribeiro!

Nega-lhe o solo em braza os pequenos carinhos  
Da relva e dos moitães de viridente olmeiro...  
E elle busca, através de saibros e de espinhos,  
Num oasis risonho, um pouso hospitaleiro.

Tem fome, e, pomos vendo á mão, bellos, rosados,  
Vae colhel-os; porem, mal os alcança e os toca,  
Elles em negro pó, prestes, são transformados...

— De dôres, Poeta, o fado a tua estrada junca:  
Celebra teu Ideal! Exalta-o, váe, evoca  
Sempre teu grande amor, mas não n'ô toques nunca!



Julio Auto CRUZ OLIVEIRA

*viu a luz do dia na velha cidade do Pilar a 5 de dezembro de 1880 e, comquanto aos vinte annos ja fosse dono de todo o seu discernimento, deu em ser bacharel e foi mesmo. Isto lhe succedeu em 1904.*

*Tornou então a Maceió com o canudo e a corôa de louros que lhe deram entrada na Camara dos deputados estadoaes. O poeta não gostou; achou á politica uns resaibos exquisitos e, na primeira sessão, largou o mandado.*

*Foi juiz substituido federal de 1905 a 1911 e, não tendo sido reconduzido, pensou doidamente no El-Dorado — O Rio; mas certas, razões ponderosas do velho commerciante José Auto, seu pae, calaram-lhe no animo. Fez elle o que devia: — mettu-se na casa commercial de que é hoje socio.*

*Todavia é... (perdão) foi um gran de poeta.*

### AMOR! AMOR!

Fatal amor por quem de tudo o mais desdenho!  
Como agora o esconder, se em tudo ando a mostral-o,  
se elle é tudo, esse amor, se é tanto que eu não tenho  
outra idéa, se penso, outro assumpto, se fallo!...

E ando tão cheio d'elle, o meu amor, tão cheio  
d'elle, que nada mais na minha vida inteira  
poderá me arrancar d'esse meu devaneio  
em que eu vivo a esperar que ella um dia me queira.

Um só olhar dos seus, o seu vulto que passa,  
alguem que esteve allí perto d'ella fallando,  
escutando-lhe a voz de inexcedivel graça,  
vendo-lhe o collo branco ao de leve ondeando...

— a lembrança mais vaga, e ephemera, e singela,  
o objecto que eu previ que a sua mão tocasse,  
uma cousa que eu sei que me viesse d'ella,  
o que um outro qualquer apenas visse e olhasse...

— ah! tudo isso e, o que é mais, o que eu penso e não vejo  
— o seu corpo de estatua, o seu collo de arminho,  
tudo me accorda n'alma esse immenso desejo  
que eu tenho de beijal-a, esse immenso carinho.

Vezez chego a pensar que endoideci, que um dia,  
em me pondo a sonhar uns castellos commigo,  
surgiu no pensamento aquella sombra esguia  
de mulher, e que desde aquelle dia a sigo.

Outras, penso que a vi, mas que não foi n'um sonho,  
— que a encontrei realmente em plena vida e apenas,  
vivo agora a sonhar porque eu proprio supponho  
que nunca hei de tocar aquellas mãos pequenas!

Amor que ha de perder-me e ainda ha de perdê-la,  
que aos meus olhos me eleva e aos seus pés me alquebranta  
que me ergueu, pobre verme! aos olhos de uma estrella  
e me deu que aspirasse o affecto de uma santa.

Porque, enfim, quero crer que, se ainda me queres,  
não m'o diz como outr'ora esse olhar que me fitas,  
e amo o bello, a poesia, amo o vicio e as mulheres,  
pondo acima de tudo as mulheres bonitas.

Comtudo ainda não pude habituar-me á vida  
que hoje vivo, arrastando insolente grilheta,  
e até sinto a minh'alma estremecer ferida  
quando acaso recordo a tua trança preta...

E agora, ultimamente, ha trez dias, se tanto,  
vivo só de pensar, tal e qual como um frade,  
na maneira melhor de me fazer um santo,  
apezar do meu genio a da minha maldade.

### ORGULHOSA

Não é que sejas mais do que o és realmente,  
nem de tantas que amei sejas a mais perfeita.  
O orgulho é que te empresta esse ar indifferente  
de alma superior que de tudo suspeita.

Vales tanto quanto eu, que a tua carne sente  
a delicia de andar aos peccados sujeita.  
Mas o instincto nos fez o batrachio indolente  
que da lama em que vive as estrellas espreita.

E olha, minha fatal e orgulhosa rainha,  
as paixões não são más, nós podemos contel-as,  
somos do mesmo barro, a tua carne é a minha.

Quantas vezes contigo a sós não te condemnas?  
Um verme, porque sonha e se eleva ás estrellas,  
não será, porventura, um pobre verme apenas?

### RELIQUIA

As cartas? Olha, ouve-me bem: rompi-as  
e queimei-as depois. Se um dia fores  
de novo ao nosso ninho, as cinzas frias  
das tua cartas nem verás, Dolores.

Somente as flores que me deste, as flores  
que entre um beijo e um olhar me offerencias  
são tudo o que me resta dos amores  
cujo mel eu bebi por tantos dias.

O teu retrato mesmo, o teu retrato  
perdi-o, anda talvez em mãos alheias...  
Somente as flores guardo-as com recato

E assim mesmo tão pallidas, tao feias,  
que hoje, lembrando o teu olhar ingrato,  
nem sei como de raiva não queimei-as.

## CANÇÃO DE UM MENESTREL

Que outro labio não beije a tua trança loura,  
Que outra lyra não cante os teus olhos, senhora.  
E hei-de sempre, adorando a graça que possues,  
cantar o nosso amor e os teus olhos azues.  
No desterro onde estive, a par de outros poetas  
cantei sobre o balcão de innumeradas Julietas.  
E assim, por desfastio, o meu amor jurei  
a tantas, meu amor, a tantas que nem sei.  
Mas bem longe a voar meu pensamento andava,  
— que ha muito desse amor tenho a minh'alma escrava.  
E as saudades de ti, longe do teu olhar,  
davam-me que outro amor eu vivesse a cantar.  
Muita mão pequenina eu beijei de joelhos,  
fallaram-me de amor, quantos labios vermelhos!  
Mas nas outras não vendo a graça que possues,  
— que saudade ao lembrar os teus olhos azues!  
E hoje, enfim, que voltei como quem vem de um sonho,  
novamente aos teus pés minha lyra deponho.

## NUM POSTAL

A saudade? Eu não sei bem...  
Nasceu-me desse desejo  
que eu tenho de ver alguém  
que ha muito tempo não vejo.  
E a saudade é quasi nada,  
é somente uma dôrzinha  
delicada  
que nos dóe tão subtilmente,  
mas tão de subtil que a gente  
ainda mais advinha  
do que sente  
E ella assim, tão devagar  
a nossa vida nos rôe  
que a gente chega a pensar  
que não dóe.

## AGUAS PASSADAS

## I.

Vai-te, fuge de mim, não quero ver-te.. Agora  
passo alegre e feliz pela existencia afora,  
sou bohemio e cantor. Os meus novos amores  
tenho-os ao gosto meu como um bouquet de flores...  
Eu nem quero illudir-te e nem quero illudir-me,  
que ao teu lado, bem vês, sou maior, sou mais firme  
sou grande como um Deus, forte como um carvalho,  
e a luz do meu perdão sobre o teu rastro espalho.  
Em ti vejo somente a mulher moça e bella,  
na apparencia, a visão de outra que amei, singella  
de uma que sempre amei, da que tenho a lembrança,  
como a de um sonho bom que bem longe descança.  
E' tudo. Nada mais. O que resta é o presente:  
— a mulher, a poesia, o vinho bom... Somente.

## II.

E adeus, fuge de mim, vai-te, segue o teu rumo,  
— o que foste eu sonhei, nosso passado é o fumo  
que a lufada varreu; tu não foste mais nada  
do que a fria visão de uma noite gelada...  
Veiu o dia — accordei, da visão nada resta,  
hoje é a luz, o trabalho. A natureza em festa  
canta um hymno triumphal, glorificando a vida...  
Nem a nodoa siquer de uma nuvem perdida...  
E por isso bem vês que seria loucura  
repousares ainda a tua frente pura  
um minuto siquer. nm segundo, um momento,  
sobre o meu coração mais voluvel que o vento...

## III.

Eu não venho exprobar o teu amor, nem tenho  
a minima intenção de te ser agradável:  
tu bem sabes de mim que tudo isso desdenho,  
— quanto a farça ao meu ver sempre me foi odiavel.

— Consequencias talvez de um cabellinho branco  
que hontem, mirando o espelho, encontrei na cabeça;  
hoje muito mudei, sinto-me até mais franco,  
de tudo fallo mal, mereça ou não mereça.

Gosto menos de Deus que da litteratura,  
leio as Flores do Mal e desprezo o Evangelho,  
e em Direito eu bem sei que a minha compostura  
nem siquer teve o olhar de um magistrado velho.

Tenho momentos máos — fructos da experiencia,  
e o meu senso commum é tão fiel e é tanto  
que, embora viva a crer na tua complacencia,  
fujo do teu olhar todo mysterio e encanto.

## APOSTASIA

Eu nunca lhe mandei versos  
sem que vossê m'os pedisse,  
porque tenho a poesia  
na conta de uma tolice.

Que um rapaz na minha idade  
com vinte e tantos por cima,  
deve amar coisas mais uteis  
do que pode ser a rima.

Não quero dizer que o verso,  
quando elle seja bem feito,  
não me toque o sentimento,  
nem me inspire um bom conceito.

Mas hoje em dia que os annos  
já me deram mais bom senso,  
faço versos por fazel-os  
e já não fico suspenso

como outr'ora, o olhar sombrio  
numa contricção devota,  
— o que me dava, estou certo,  
apparencias de idiota.

Eu fui poeta e o ter sido  
hoje me doe como um crime,  
porque o poeta é sempre um doido,  
embora um doido sublime.

Sonha-se rei, vê-se rico,  
mais rico do que um nababo,  
e entretanto, as mais das vezes,  
não passa de um pobre diabo.

Tem coisas deliciosas,  
falla de amor, de illusão,  
mas ou soffre da cabeça,  
ou soffre da coração,

Por conseguinte é imperfeito,  
sem lhe fallar na mania  
que elle tem, de apparecer  
de cabelleira e myopia.

Luiza, quer um conselho?  
Jura tomal-o? Pois bem:  
não perca nunca o seu tempo  
lendo versos de ninguém.



JORGE de LIMA

*nasceu no municipio de União a 23 de abril de 1893, e quando abriu o olho estava na escola de medicina da Bahia. D'ahi se passou para o Rio de Janeiro onde se doutorou em 1914, dando-nos quasi conjunctamente uma these sobre o lixo e os XIV alexandrinos.*

*Devendo agradecer ao medico a tão escrupolosa biographia traçada na these, a malandragem com-provinciana andou respigando umas vagas incorrecções e plagios imaginarios na obra do poeta. In-grata gente!*

*E' medico da guarda civil, cathedratico de Historia natural da Escola Normal, e membro da Academia alagoana de letras.*

*Prepara actualmente um compendio de Biologia, um livro de chronicas scientificas sob a rubrica geral de Metamorfozes e um livro definitivo de poeias. Que não fará o Jorge, querendo?*

## O ACCENDEDOR DE LAMPEÕES

Lá vem o accendedor de lampeões da rua!  
Este mesmo que vem infatigavelmente,  
Parodiar o sol e associar-se á lua  
Quando a sombra da noite ennegrece o poente!

Um, dois, tres lampeões, accende e continúa  
Outros mais a accender imperturbavelmente,  
A' medida que a noite aos poucos se accentúa  
E a pallidez do luar apenas se presente.

Triste ironia atroz que ao senso humano irrita: —  
Elle que doma a noite e illumina a cidade,  
Talvez não tenha luz na choupana que habita...

Tanta gente tambem nos outros insinua  
Crenças, religiões, amor, felicidade,  
Como este accendedor de lampeões da rua!

## O CACHIMBO DE BARRO

Elle tinha consigo, um capricho bizarro...  
Prometheu, anjo ou demo, eil-o um dia que amassa  
Um bocado de argila.  
Molda-o... Sonha, vacilla:  
Pois devendo de um deus modelar a figura  
A' sua semelhança,  
Modelou um cachimbo! Um cachimbo de barro!  
De barro: — de chymera, de esperanza  
Transubstanciadas na creatura  
E um pouco de cinza e de fumaça!  
E fumou... E fumou:  
As suas apprehensões, os seus sonhos—seus mundos,  
E tudo: scismas, tedios, maguas, dôres  
Extasis, delirios, duvidas amôres...  
Tudo passou,  
Espiralandando, na farandolagem  
Dos segundos...

Acontece, porem,  
Que numa noite calida de estio,  
De moina e lubrica bafagem,  
Afim de conciliar o somno  
E povoar a tristeza do abandono,  
Com a saudade de alguem,  
Fuma!

Era o eleito das gentes,  
Do povo que elle outrora viu  
Enchendo ruas, praças, ás estradas  
Avultando, crescendo, delirando,  
Ameaçando as basilhas,  
Apupando os heroes  
E aureolando a frente dos bandidos,  
Com razão  
E sem razão nenhuma...  
E viu mais olympiadas e jogos,  
Torneios, exercicios acrobaticos,  
Pyramides humanas esplendentes,  
Equilibradas, tremulas de esforço:  
Cem atlantes sustendo outros tantos ao torso!

Passaram militares destemidos  
Com espadas mortaes e com dragonas,  
Erectos, façanhudos e pragmaticos...  
Escolas, atheneus, orpheons contando  
Patrioticas canções alevantadas...  
Discursos, ovações e maravilhas  
Pyrotechnicas, sem par...

Fogos...  
Balões, ignivomos pharões  
Myriades de lampadas no ar!...

Os hospitaes, hospicios, leprosarios,  
As dostoievskianas e dantescas  
Habitações dos morbidos vencidos  
Acorrentados á miseria humana,  
Foram ornadas de folhagens frescas  
E lampadas electricas!...  
Não se ouviriam por ali gemidos  
E nem lamentações lugubres, tetricas,  
Que fossem perturbar la fóra as arias,  
Esse infrene vozear da multidão  
Insana!...

Subito, compungindo a alma da cidade,  
Ouve-se um epinício,  
Diferente do orpheon da mocidade:  
Era o canto immortal de cem madonas  
Com os pimpolhos nos braços!  
Seiva da Patria! Thalamo fecundo  
Que seu beijo de glorias fecundara!  
Era mais do que tudo: Santo Officio  
Do Amôr, da Vida, Trigo da Seara  
Que Deus plantou  
Para a Gloria do Mundo!

Porem como não fôsse  
Occasião para vãs philosophias,  
O Mago do cachimbo, se ficou,  
Embevecido a olhar,  
Os rojões espoucaem nos espaços  
E uma banda de musioa passar,  
Proclamando bem alto a victoria da grita,  
Comovendo a farandola bohemia  
Das ruas...

Oh! o martyrio do bronze!  
Ser Joanna d'Arc ou ser Luiz Onze!  
Ser sino!

— A cantiga das naves...  
E lá um dia... acabou-se!  
E' um bombardino,  
Um fagote, um trombone, um pistom,  
Assalariados das vaquetas tonantes,  
Tezas e troantes e irritantes  
Dos bombos!...

O martyrio do Som!...  
Que o Som começa e acaba por um dó!...  
E pela noite afóra a função inaudita  
Continuou,  
Com as proporções de um publico arraial  
De orgias,  
Em que andaram Fra-Diavolos zumbentes  
Glozando as transfigurações da femea  
E a bebedeira com bacchantes núas...  
Mas tamdem houve paginas suaves:  
O clarim auroral de mil creanças,  
As vozes frescas da innocencia, e o côro  
Das moças dos collegios religiosos  
Todas de branco como pombas mansas!

Mas o Homem do Cachimbo foi notando,  
Que uma nuvem toldava as gallas e o ouro:  
— O pó  
— O caruncho dos tempos e dos gózos!

E uma outra nuvem cálida, infernal,  
Fazia-o andar aos tombos  
E perceber os musculos doentes!

Foi decendo no mundo uma calma infinita:  
Era o dia raiando!

Então o sonhador, tresnoitado e abatido,  
Sob o peso interior da vigilia, ouve um ruido,  
Um ruido, e nada mais!  
Olha em redor: quem será a horas taes?  
Algum bohemio erradio? Algum tardo conviva?  
E procura fumar... O' miragem furtiva!  
Rebentara o cachimbo! O cachimbo de barro!...  
E sentindo no labio a amargura do sarro,  
O travôr da illusão, do sonho, da chymera,  
Concentrou-se na dôr,  
A lendaria velhinha, a velhinha paciente,  
Dôr! Mãe! Decerto mãe! Esta mulher que sente  
As desgraças do filho e envia onde elle fôr  
A caricia e o perdão! Se elle tarda, ella o espera...  
Atiça o fogo, aquece a vianda, abraça-o, cobre-o  
De meiguices, no jubilo e no oprobrio...  
O prodigo dissipa em orgias as horas,

Horas negras, sem clarão, sem auroras,  
E na tarde da vida elle regressa então  
Ao conhego da Dôr, á mansão sempre aberta  
Para aquelles que vêm da alegria fugace  
Com a esperança desfeita, a alma triste e deserta,  
O desgosto no peito, a canceira na face  
E ninguem sabe o que lia no coração...

Foi assim que findou esse sonho bizarro:  
Multidão e chymera! Expressões! São a inglorta  
Espiral da illusão, de um cachimbo de barro  
Com que o Homen se libra á miragem da Gloria!

## A PERFEIÇÃO

Porque singularissima razão  
Busca-se a perfeição no inacessivel?  
Sisypho sobe a alta montanha horrivel  
Sisypho rola para o mesmo chão.

Donde as aguias aligeras estão  
Desce ao oceano, muito alem do nivel  
Onde as informes mónadas não vao.  
Mas na sua labuta imperecivel

Galga as alturas donde instantes veio.  
Sobe de novo para os nuveus, corre  
A escala inteira dessa Exaltação!

E nessa febre, nesse doido aneio  
Faltam-lhe as forças, pelejando, morre:  
E' quando sobe para a Perfeição.

## RICORDO DELLA MIA GIOVENTU'

E' o que me lembra: minha mãe dizia  
Quando eu apenas meus seis annos tinha:  
Nossa Senhora, do Oratorio havia  
Sido quando nasci minha madrinha.

Depois... inda me lembra, que alegria  
Esta Santa nos olhos entretinha:  
Uns olhos verdes como verde eu via  
Minha esperança que surgido vinha.

22 annos passam e os desenganos  
Afloram com a perfidia dos abrolhos  
Que as naus aventureosas desarvoram

E eu me recordo então dos meus seis annos  
E noto que no lucto dos meus olhos  
Os olhos verdes de esperança choram.

## SONHO DE PHARAO'

« Trezentos e sessenta e seis mil braços  
Erigem as pyramide do Egypto,  
Para que eu, Pharaó, vença os espaços,  
E atravez dos espaços, o Infinito...

E, terminando o meu labor, medito:  
Gravei de mim perpetuadores traços.  
Hão de cem povos repetir meu grito,  
E o Mundo inteiro eternizar meus passos.

E quando em Thebas renascer, Ammon,  
Dobra as cem portas nos sagrados quicios. »

Feliz quem tem o transcendente dom

De ter um sonho, — nem que seja um só, —  
Pois tem a chave de ancestraes auspicios,  
Que abre cem portas como Pharaó!



THEOPHILO de ALBUQUERQUE

*nasceu em Porto Calvo a 4 de fevereiro de 1885. E' de uma familia de poetas. Nos começos deste seculo, ainda rapazinho, abalou para o Recife onde se fez disciplinador de crianças, entrando para o Ayres Gama.*

*Nada conseguiu: que a arte de amansar meninos é uma só e os meninos se contam por milhares, cada um peor que o outro.*

*Do Recife foi para o Rio onde está ha alguns annos agarrado aos misteres da imprensa para que nasceu.*

*E' bem possível que o Theophilo pense ainda com saudades nos nossas descuidosas noites de improviso ao violão no horrendo gradil do dormitório da rua do Hospício. Si não pensa, mostra ser peor que os meninos do Ayres Gama.*

## IN EXTREMIS

Ha de um dia este sol negar-me a luz, a terra  
Ha de um dia exigir que eu volte ao seu pomar  
Ha de querer-me o valle, ha de chamar-me a serra,  
E a propria essencia que dentro de mim se encerra  
Ha de exigir que eu torne ao Sol, á terra, ao mar.

Homem, toda a ambição de pairar sobre os seres  
Como um mais alto ser, de consciencia e virtude;  
E os instinctos do bem — meus unicos haveres,  
Desejos, sensações, todos os meus prazeres,  
Tudo hei de vir tornar do inicio á plenitude.

Que ha de ser da intenção, doce intenção tranquilla,  
De bem querer, de bem sentir, de bem gosar,  
Quando esta alma febril — sangue, crystal, argilla,  
Que no cerebro é luz e que é luz na pupilla,  
Outro corpo buscando o meu corpo deixar?

Sonhador, com que magua a pairar-me nos olhos  
Já sem brilho e calor, não verei destecido  
O meu sonho, a girar da morte nos escolhos,  
Sonho que amor me dera onde eu só vira abrolhos  
E o bem me concedeu onde o mal foi nascido?

Quem poderá dizer a funda reticencia  
Da lagrima final, da lagrima incendida  
Que ha de aos meus olhos vir quando eu fôr á existencia  
Da disseminação no Universo? Que sciencia  
Dirá dessa expressão da saudade da vida?

Amante, que poder de que em mim não disponho,  
Virá, que do abandono o meu nome resguarde?  
Que ha de ser deste amor, cujo poema componho,  
Quando o Angelus chegar do derradeiro sonho  
E o crepusculo vier da derradeira tarde?

Quando em meus olhos fôr toda a vida spagada  
E aos meus labios chegar a frieza da louza,  
Quem é que irá colher, ao calor da alvorada,  
As camélias de luz — beijos de minha amada,  
E as roas em botão — beijos de minha esposa?

Quando um dia este sol negar-me a luz, de certo  
Ha de a terra florir de uma maneira estranha,  
Ha de tudo brilhar como de sões coberto,  
Ha de o vasto encher-se, ha de encher-se o deserto,  
Terá mais luz o céu, mais belleza a montanha.

Agua, de valle em valle não de descer, cantando  
Como nunca se ouvira alma de agua cantar,  
E esse canto ha de o vento ir no Azul derramando,  
Para que eu venha a crer, para que vá pensando,  
Que morrer é dormir, que dormir é sonhar!

Com que pesar, no entanto, hei de o olhar dirigir  
Para o mundo a vibrar, para o céu a esplender,  
Para a existencia em que vou deixar de existir  
E em que a doce emoção de sonhar e sentir  
Compensa, dentro em mim, toda a magua de ser!

Numa planta viver sei que será mais doce,  
Mais risonho sonhar na agua, na luz, na flor.  
Entretanto, eu quizera eterna vida fosse  
Esta vida que aos meus cinco sentidos trouxe  
Tudo o que a vida tem, tudo o que vem do amor.

Que celebrem na terra os hymnos que disperso  
Este anhelto immortal, ancia de eternidade.  
E a gemer e a carpir e a vibrar no meu verso,  
Fique na terra e céu, por todo este Universo,  
A apothéose final do meu sonho á saudade.

Saudade, que a vagar com o vento nos espaços,  
E a gemer na agua clara e a chorar no gorgeio,  
Hei de sentir, ao fim dos meus dias escassos,  
De ter sonhado aqui, meu amor, nos teu braços,  
De ter dormido aqui, minha mãe, no teu seio.

## DESTINOS

Buscando o sol, lá pelos céus vagueia  
 Como nos mares eternal falúa  
 A lua triste, a branca lua cheia,  
 Dizendo aos mundos a tristeza sua.

Depois se extingue a lyrial colmeia  
 Dos astros vistos e a manhã fluctúa,  
 E abrindo as rosas e doirando a areia  
 O sol desponta procurando a lua.

Vês que destino a desses namorados.  
 Sonham do amor o desejado pomo,  
 Buscam-se e vivem sempre separados.

A nossa sorte é mesmo assim agora,  
 Pois que vagamos nesta vida como  
 O Sol e a Lua pelos ceus afora.

## NA FLORESTA

No peito — a luz do amor, na mente ufana  
 O esplendor da visão que inda me resta,  
 Symbolo e corpo da consciencia humana,  
 Eis-me chegado ás portas da floresta.

Não me exalta o sentir o som que emana  
 Da terra em hymnos, do ambiente em festa.  
 Não me entenece o olhar a soberana  
 Belleza que aos paineis o occaso empresta.

O que me agita o peito, o que me encanta,  
 E' dos troncos senis o vago anseio,  
 O gemido que vem de cada planta...

Saudade incerta de um perdido enleio,  
 Mystério alado que se desencanta,  
 Que busca o eterno, que do eterno veio.

## CONCENTRAÇÃO

Quando do céu de chumbo a noite se descerra,  
 E aos mysterios da vida o pensamento desce,  
 Os instinctos me accorda e a consciencia me aterra,  
 Tudo que dentro em mim gorgoeja e resplandece.

Ora um vivo clarão nunca visto na terra,  
 Ora uma estranha voz, mixto de arroubo e prece;  
 Si a luz scintilla, a voz no silencio se encerra,  
 Si a voz murmura, a luz se afasta e se amortece.

E na luz e no som tudo apavora e encanta.  
 São doçuras de ninho e uivos de fera bruta,  
 Refulgencias de sões e gemidos de planta.

E a consciencia, por fim, descobre, embevecida,  
 Toda a concentração da materia impolluta,  
 Rolando na fecunda evolução da vida.



M. B. CORREIA de OLIVEIRA



*nasceu em União a 26 de dezembro de 1881 e morreu em Matto Grosso a 24 de março de 1920.*

*Coisa que eu nunca suspeitara, era poeta e muito eloquente.*

*A politica nos separou definitivamente antes que nos encontrassemos em Maceió onde elle viveu parte da vida como funcionario e advogado.*

*Dizem os que o conheceram de perto que era um temperamento de grande sensibilidade.*

*Seus versos, poucos aliás, são uma verdadeira revelação.*

## CARTA ABERTA

Miss Mabel : depois que a senhora partiu  
 Torva, em torno de mim, funda saudade erra.  
 E creia, desde então minha alma se cobriu  
 De mais sombra talvez do que o céu da Inglaterra.

Nunca ausencia de alguém alguém como eu sentiu!  
 Na memoria em revel-a o meu viver se encerra;  
 E a miss nem sequer pensará que me viu  
 N'algum canto remoto e escondido da terra.

Entretanto eu conservo a vivida lembrança  
 Desse tempo que a amei, mesmo sem esperança,  
 Como a concha conserva o sussurro do mar.

E vivo desse amor que me encheu toda a vida,  
 Embora seja a miss a Terra Terra Prometida  
 Onde eu — novo Moysés, nunca possa chegar.

## HERESIAS

Donde vim? Onde vou? Não indago e nem quero  
 Saber depois de morto o que serei então.  
 Morrer tenho a certeza; apodrecer espero  
 Ou em cima da terra, ou debaixo do chão.

Até hoje não fui nem tão máo como Nero  
 Nem tampouco fui bom como o grego Platão;  
 Tenho tido o valor deste algarismo: — o Zero —  
 Cifra sempre precisa em qualquer solução.

Que me importa o passado! E, duvida, o futuro,  
 Só me resta o presente. E' gosa-lo, Epicuro  
 Assim recommendou. O resto são banaes.

Crenças, superstições. Homem sê forte, espera  
 A morte, essa não é nenhuma vã chimera  
 E não queiras saber donde vens e aonde vaes!

## ESTRANHO DESEJO

Na luminoza paz d'uma tarde de Agosto  
 Quero morrer contente e baixar satisfeito  
 A's entranhas da terra — esse macio leito  
 Que me espera. E ninguem notará no meu rosto

Nem por sombras sequer a sombra d'um desgosto,  
 Nem a magua cruel d'algum sonho desfeito.  
 E descerei, assim, ao meu sepulchro estreito  
 Quando a tarde tombar ás horas do sol posto.

Depois por sobre mim a escuridão da noite  
 Ha de cahir, eu sei, e a musica sagrada  
 Nos cyprestes terei dos ventos pelo açoite:

Ou então lá do azul, muito longe e sem cumulos  
 A lua prateará minha santa morada  
 Illuminando a terra e a brancura dos tumulos.



JAYME d'ALTAVILLA

*é filho de Maceió onde nasceu a 16 de outubro de 1895, segundo me afirmou sob palavra d'honra.*

*A principio encarreou pelo commercio mas, cedo torceu caminho seduzido, ao que parece, pelo diabo azul da politica, e foi bater com o costado na direcção da Imprensa Official do Estado. Alli aproveitou as horas vagas para dar cumprimento ao seu programma de nacionalista convencido: estuda direito.*

*Publicou aqui ha annos, um livreto de versos - Crepusculos de ouro e sangue - dos quaes se arrepende amargamente, sem razão.*

*De lá p'ra cá tem feito consideravel progresso, assim na poesia como na prosa. Seus ultimos livros, Da vida e do sonho e Mil e duas noites, foram recebidos condignamente.*

*Esqueciam-me tres coisas importantes: o poeta é membro da Academia alagoana de letras, tem alguns livros promptinhos para o prelo, e nada tem de hespanhol; que seu verdadeiro nome é... Amphilobio de Oliveira Mello.*

### TÊA DE OIRO

Imperturbavel, cauta, entre os ramos, a aranha  
Attentamente vai a fina têa urdindo...  
Têa enorme que o sol, em cheio, de ouro banha  
E que se ostenta no alto, ao sol tremeluzindo...

E nesse vão labor que paciência tamanha!  
Fio por fio e, em cada fio, um tempo infindo!  
Mas após, que prodigio! Em rendas da Bretanha  
Nada se viu mais delicado e nem mais lindo!

Em redor, nada vê. No aranhol trabalhando,  
Póde tudo ser triste ou ser tudo risonho,  
Ella, o fio subtil, continúa enredando...

O' poeta, indifferente á vida humana, estranha,  
Perfeita, urdes tambem uma trama de sonho,  
Mas tão fragil, talvês, como a têa da aranha!

### PALAVRAS

E eu disse ao mar: — O meu amor profundo  
Em profundeza e magua te passou,  
Onde um consolo hei-de encontrar no mundo?  
— E o mar chorou...

E eu disse á rosa: — O' doce irmã daquella  
Que sendo o céu no inferno me atirou,  
Porque não chega o bem que esta alma enhela?  
— E a rosa se esfolhou...

E eu disse ao sol: — Debalde me illuminas,  
Pois minha vida em trevas se afundou.  
Porque tão differentes são as sinas?  
— E o sol crepusculou...

Mas, rosa e sol, prantearam-me a ansiedade  
Ao teu ouvido, então, maguado e triste,  
Eu disse: — Eu te amo muito; tem piedade!  
— E tu sorriste...

### REINO DO SOM

Mozart lembra uma rosa a esfolhar-se, tocada.  
Beethoven é o soffrer; é a grande dôr humana.  
Shubert evoca o amor, beijos, luz, alvorada.  
Paderewski o minuete, a gavota e a pavana.

Wagner é o turbilhão do rythmo e a rajada.  
Liszt é a eloquencia, o ardor, a paixão soberana.  
Chopin é uma saudade; é a magua musicada.  
Bach é o incenso christão que a alma ao passado irmana.

Bellini é o céu da Italia encantada e florida.  
Strauss é Salomé que, entre perfumes, dança.  
Shumann é um pôr de sol; a ansia extrema da vida.

Cada um nos acorda uma estranha lembrança...  
Carlos Gomes, porém, é a voz estremeçada  
Da patria e evoca o sol, a alegria e a esperança.

### INTANGIVEL

A alma triste de Arvers, de ha muito, anda commigo,  
Seu monologo eterno murmurando.  
Eu affago tambem um sonho antigo:  
Alguem vive estes versos inspirando.

Certo a miragem que desejo e não persigo  
Anda bem longe do meu céu pairando.  
Mas o espinho da duvida bemdigo,  
Que elle evoca uma flôr de aroma brando.

Que o segredo de Arvers nunca ao meu labio afflore.  
Não me compreenda alguem um só momento  
E nunca pense em mim, nem soffra e chore.

Nunca, ó minha illusão, nunca possa eu tocar-te,  
Para tortura do meu pensamento,  
Para felicidade da minha arte.



*nasceu em Penedo, quando, não se sabe. Pois se até os netos lhe ignoram a paternidade?!  
Era professor, mas teve "o bom senso de não dar a ler aos discípulos" os fructos da veia bocagiana de que fazia praça.*

*Erotico até alli! Tinha uma familia legitima mas andava sempre de comborças para as quaes certamente distillava a hydrorheia da musa fescinnina.*

*Morreu em 1879 deixando uma vasta producção, reunida em edição posthuma que não conheço.*

*Muitos dos seus versos andam ahi como patrimonio da lyra popular.*

### O PEBA

O' gratas plagas do fecundo Peba,  
Tão bellas, tão felizes, qual na mente  
Do grande rei dos magos se afigura  
A mansão delectante, fructo e pasmo  
Do engenho oriental! Mundo encantado,  
De Flora e de Pomona abrigo eterno!  
Immensos bosques de verdura e sombra,  
De brisas perfumadas, sussurrantes,  
Por onde, inda innocente e livre ainda  
Dos cuidados que á vida me nasceram,  
Os gosos desfructei da tenta idade!

Aqui por toda parte os cajueiros  
De folhas verde-loiras, as piassavas  
De palmas gigantescas e flexiveis,  
Cheiroso camboim, murta vermelha  
O doce gravatá, a tatajuba,  
A almecega aromatica, a pirunga,  
O bom bacupary, gigante airoso,  
Coqueiros indianos, e mil outros  
Formosos vegetaes lédos prosperam;  
E uns depois dos outros produzindo  
Agora a flor cheirosa, agora o fructo,  
Um constante hymeneu em todo o anno  
De outono e primavera eis vão mostrando.

Relvosas varzeas se espreguiçam longas,  
Clareiras tortuosas, que mil formas  
Vão dando áquelles mattos prasenteiros.  
Paisagens naturaes, ora risonhas,  
As vezes melancolicas, mas gratas;  
Um painel variado aonde sempre  
Os olhos vão gozando um quadro novo!

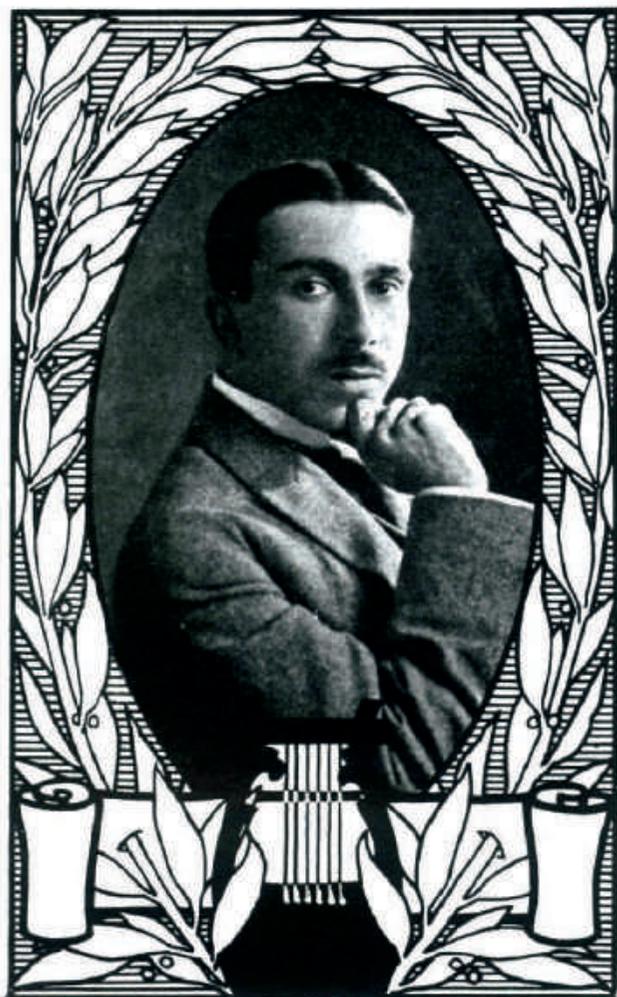
Limites deste eden, as fulvas dunas  
Em altas cordilheiras se dilatam,  
E as praias do oceano vão bordando.  
Aqui, e só aqui, é que o philosopho,  
O remanso da paz fruindo á farta,  
Mais livre, mais sublime, o pensamento  
Distancia da terra, ao céo remonta;  
Nas asas do saber percorre o espaço,  
E as obras do Senhor contempla e estuda;  
Da vasta região numera os mundos;  
Seguindo a cada um, descreve emtanto  
De compasso na mão a marcha ousada!

Mil vezes mais feliz que o sabio, o vate,  
Tal qual a loira abelha, que das flores  
O succo precioso extrahе do calix,  
Torrentes de harmonia esgota, aprende  
Da rola que na sombra da espessura  
Arrulha maviosa, da fontinha  
Que corre, sussurrando, o prado ameno;  
Da brisa folgasa que doida brinca  
Do copado arvoredado nas folhagens.  
Aos sons da natureza os sons da Lyra,  
Inspirado, combina; une seu canto  
Ao canto universal, e qual um anjo  
Ao Pae da creação hymnos entôa.

Aquelle a quem da sorte o peso opprime,  
O triste que enfermou bem dentro n' alma  
E cujos labios não floream risos;  
Que tem seu peito de esperanças ermo,  
Só n'estas plagas paradeiro encontra  
A's duras maguas que o viver lhe ralam,  
O amante desditoso, o que inda adora,  
Apezar de trahido, a bella ingrata;  
Aquelle a quem por ser correspondido  
Da mesma que o captiva os paes privaram;  
O pintor de paisagens; o que foge  
Dos tropeços do mundo; o que procura  
Nas scenas naturaes prazeres simples  
Suaves emoções ou paz tranquillã;  
Aqui e só aqui, deitado á sombra  
Da verde ramaria, ou n'estes bosques,  
Sosinho passejando, ouvindo apenas  
Das aves o cantar doce, mimoso,  
Do cajueiro em flor sorvendo aromas,  
Co' as brisas conversando; ou já no cimo  
Da mais alta das dunas, abrangendo  
Com a vista alçada e solta um panorama  
Vastissimo, formoso, e bello, e vario;  
Aqui e só aqui seu mundo encontra,  
Aqui e só aqui desterra d' alma  
Cruéis apprehensoes, imagens torvas  
Que a mente do infeliz povôam sempre,  
E dos jardins da vida desviando-a,  
Só broncas penedias e ermas brenhas,  
Desertos escalvados lhe apresentam.

Terra de minha infancia, oh! no teu seio  
Recebe-me outra vez... quero em teus bosques,  
Como outr'ora vagar... quero os meus dias,  
O resto dos meus dias que languecem,  
Findar no teu regaço ameno e caro!

Concede-me, meu Deus, que eu veja ainda  
As varzeas tortuosas, as collinas  
De areia que o oceano vão bordando,  
Os bastos matagaes, por onde outr'ora,  
Na quadra juvenil, brinquei contente!  
Que os dias vá findar serenos, calmos,  
Do cajueiro em flor sorvendo aromas,  
Deitar-me á sombra dos coqueiros altos,  
Com as brisas conversar e ouvir apenas  
Das aves o cantar doce e mimoso.  
Com as fontes discorrer em segredinhos!...  
Terra de minha infancia, eu te pertenco;  
Recebe-me outra vez, e para sempre  
Repousem no teu seio as minhas cinzas!



Alfredo de Barros LIMA JUNIOR

*nasceu no município de Camaragibe a 24 de fevereiro de 1893. Como todo poeta que se preza, mostrou desde muito cedo decidida vocação para as letras, abrindo o bico a cantar aos 14 anos, se me não engano.*

*Com talento para ser um bom poeta, emancipado de todo preconceito de escola, fez-se discípulo de Alberto de Oliveira, conforme confessa no portico de seu livro Canções da idade de ouro, publicado em 1920, dando-nos, talvez por isto, muito menos do que se esperava.*

*Deve ter conquistado a essas horas o canudo de bacharel em direito na Faculdade do Recife. Que lhe preste o canudo.*

*E' funcionario do município de Maceió e anuncia mais dous livros: Seara, versos, e Moedas correntes, prosa.*

*Aqui vão transcriptos alguns dos seus melhores versos.*

### RAIZ

Semente que um acaso, um dia, á flor da terra  
Deixou da terra á flor a seiva forte haurindo,  
Na ancia de germinar, do solo a face abrindo,  
Pouco a pouco a descer, solo a dentro se enterra.

Breve como fugiu della, um dia, rebenta,  
Mal a se descobrir uma planta e apparece,  
E, com o tempo, se eleva e sobe e ascende e cresce  
E folhas, ramos, flor o arbusto em breve ostenta...

Vê-lo é ver o valor da terra forte e quanta  
Seiva na terra existe e nella desabrocha,  
E pensa a alma inquerir porque, podendo a rocha  
Buscar, solo buscou o grão que se fez planta?

E a arvore crescee, engrossa e a fronde, em cima,  
Verde rebenta em flor, os ninhos acolhendo,  
E os galhos pedem luar, braços ao céu erguendo,  
O que os possa vencer e, vencendo, os opprima...

Nesse extranho vigor ella, o simples producto  
De um grão feliz que a terra ampla acolheu, bemdita,  
Vive sempre a ascender, nella a seiva palpita  
Na folha e em cada flor, no galho e em cada fructo!

Mas enquanto para o alto a arvore verde estende  
Os braços, num fervor, numa sêde de altura,  
Solo abaixo a raiz, que a sustem, se procura  
Subir, cede a descer e a terra, embaixo, a prende.

E a luta desigual della que em vão deseja  
Supplantar o poder que occulto a doma e, embora  
Sinta que anda a tombar, pensa que se avigora  
Para um dia vencer e se esforça e pelega...

Assim do solo á flor chega e logo a reclama  
O solo embaixo e foge e assoma, após, e ancia:  
Rasga aqui, fere alli, adiante a ancia soffreia  
E a terra desce e a terra vence e a terra a chama.

Toda em braços se esfaz e a cada braço um hymno  
Canta: que o solo rasgue e suba, emfim, um dia!  
Mas a gloria não vem no final da porfia  
Porque occulta viver é o seu triste destino!

E' o poema da raiz a tortura de ver  
Sempre a arvore a subir, querer subir, no emtanto  
Viver sempre a descer, como por um encanto,  
Sem nunca descançar e sem nunca ascender!

### PRIMAVERA

Primavera, chegaste! Escuto, hoje, resoando,  
Um coro universal de alegres risos bons,  
Porque vieste, a florir, ouvem-se no ar vibrando  
Epopéas de luz, apothéoses de sons.

Murmuram-te canções, hymnos de ouro e velludo  
A terra, o céu, o mar, numa orgia de cores,  
E sente-se pairar uma alegria em tudo...  
Das folhas no rumor, no perfume das flores...

Vieste, alegre e triumphal, e, notando que vinhas,  
Eis que tudo, a sorrir, palpita e se renova:  
Dansam ledas no espaço alegres andorinhas,  
Annunciando o fulgor de uma existencia nova!

Anda um forte perfume embriagador e ardente  
No supremo verdor das altas ingazeiras,  
E de noivas parece um bando, alegremente,  
Desabrochando em flor as verdes lorangeiras...

Os campos proclamando a universal mudança  
Que contigo chegou, de flores recamados,  
Lembram ao nosso olhar uns riachos de esperanza,  
Acenando a beber aos desesperançados!

Vieste, e ouvindo o rumor do teu carro, as florestas  
Vestiram-se de novo em rapidos minutos  
Quem nellas entra agora encontra tudo em festas,  
As aves a cantar, a rescender os fructos.

O luar que desce agora, albente luar de prata,  
Parece almas beijar, oscular corações,  
E, apenas apparece, aos da terra desata  
Bençãos, hostias, amor, beijos, resurreições...

As estrellas, no azul, á noite illuminando,  
Como a contradansar, umas entre outras passam,  
E o olhar que sobe ao céu descobre, deslumbrado,  
Que em connubio de amor alvas nuvens se abraçam

Dia e noite se escuta, hoje a doce harmonia  
De harpas e de violões e sons de stradivários:  
São dos ternos sabiás a dulcida poesia  
E o festivo concerto alacre dos canários.

Em tudo que o olhar busca o olhar vivas scentelhas  
De alegrias encontra, as mais francas e suaves,  
Das flores ao redor pairam grupos de abelhas,  
Celebram-se pelo ar nupcias risonhas de aves!

Primavera triumphal! dentro de ti se encerra  
A ventura do campo e todo se resume  
Em ti esse vigor que anda agora na terra,  
Seiva e frescura e cor e musica e perfume!

Tudo, tudo mudou, tudo, hoje, a magestade  
De luz, aroma e cor mostra forte e esplendente,  
Pois, primavera, és tu como a felicidade  
Quando chega, a florir, ao coração da gente!

### PULCHRA

Para que o meu destino te entregasse  
Na ancia com que a alma o affecto bom procura,  
Bastava que eu te visse nobre e pura  
E o meu amor o teu amor buscasse.

Mister não fôra que essa formusura  
Minha paixão serena captivasse,  
Nem que vivesse sempre em tua face  
Esse encanto, essa graça, essa ternura...

Mas se nasceste para mim somente  
Não te bastou o encanto da pureza  
E me surgiste linda de repente.

E trouxeste, na tua suavidade,  
Para esplendor supremo da Belleza  
A suprema doçura da bondade!

### MENINO

Era eu menino (a meninice  
Bate-me á porta da saudade)  
Alguem, um dia, a rir me disse:  
Ah! quanto invejo a tua idade!

E eu, dentro em mim, secretamente,  
Fiz meu protesto, sem demora...  
Aborreci-me claramente,  
Zanguei-me mesmo, lembro agora.

Ah! que tolice desejar  
A infancia, a quadra em que eu me via!  
Não ter dinheiro, não fumar,  
Viver na escola todo dia!

Que cousa estúpida ir á escola,  
Fria, terrível, antipathica:  
A lousa ainda hoje me desola,  
Que cousa lugubre a grammatica!

Maldita vida, eu murmurava,  
Cheio de tedio e de terror,  
Se a dura ferula me olhava,  
Se me fitava o professor...

Aos ceos pedi, mais de uma vez,  
O estalo subito e violento  
Que a Antonio Vieira um dia fez  
Passar a sabio, num momento.

Ouvi depois a velha historia  
De um que ficou depressa instruido  
E apenas foi (suprema gloria.)  
Pelos cabellos sacudido....

Os planos que eu então tivesse  
Era impossivel escondel-os:  
Andei buscando quem quizesse  
Dar um puxão nos meus cabellos.

Se me não fôra dado tanto,  
Se glorias taes não me chegassem,  
Dessem-me ao menos este encanto:  
Daquella escola me tirassem.

Pois eu não via pela rua  
Gente deixando apparecer  
Tanto prazer na vida sua  
E que jamais soubera ler?

Desconhecendo totalmente  
Quantas maldades tem o amor,  
Eu me dizia, intimamente:  
Muito hei de amar quando homem for.

O meu desejo mais intenso  
Era possuir mais grossa a falla,  
Andar de flor, aroma ao lenço,  
Um cigarrinho e uma bengala.

Depois já tanto não bastava  
Porque a ambição na infancia roda,  
E eu muitas vezes me sonhava  
De frack, luvas e cartola...

De pouco tempo era o meu sonho  
(Em cada canto havia espelhos)  
E eis-me, de subito, tristonho,  
Olhando as calças sobre os joelhos.

Espirito fiel tu nada furtas,  
Isto narrando, á fantasia:  
Muito chorei ao ver tão curtas  
As calças curtas que eu vestia.

Mas corre o tempo e, na carreira,  
Muda ou destrõe nossa existencia,  
Por isso veio bem ligeira  
A quadra azul da adolescencia.

E como a infancia, a linda idade,  
A adolescencia me fugiu,  
E, em logar della, a mocidade,  
Florida e alacre me sorriu.

Tudo que a mente desejava  
Quando na infancia me encontrei,  
Tudo chegou-me aos poucos, para  
Entrar no mundo como entrei.

Homem, fiquei, livre na vida,  
Amei, gosei, soffri tambem,  
Tudo provou a alma illudida,  
Tanto do mal como do bem.

E ao ter chegado, hoje, homem feito,  
Ao que me trouxe o meu destino,  
Tudo daria, satisfeito,  
Pelos meus tempos de menino!



AUGUSTO ANDRADE

*nascu no Pilar a 3 de julho de 1888 e doutorou-se em 1910, soffrendo no intermedio desse vinte e dois annos todos os horrores da dentiçãõ, da escola primaria, do Lyceu, e da Academia.*

*E' este um dos raros medicos que apresentam todos os symptomas do bacharel formado: poeta, jornalista, comediographo e um tanto que de sceptico a respeito dos processos therapeuticos vigentes.*

*Sua receitas de fim de anno, de que se reproduz um exemplar nesta Anthologia, tornam-no benemerito da gratidãõ de muitos doentes imaginarios que infestam os consultorios e aborrecem o medico.*

*Após a these deu-nos o Pan, versos. O nome não merece o sufixo de certa planta milagrosa que hoje designa a praga contemporanea dos remedios em ol.*

*E' preciso não confundir: o poeta não é da Academia Alagoana mas, sim, clinico em Goyana.*

## PROPHYLAXIA DA VELHICE

*(Conselhos para se chegar a Mathusalém)*

## OUVERTURE

Ser conselheiro quem tenta,  
Sem saber que é vão mister?  
Pois conselhos e agua benta  
Toma somente quem quer.

## VERMES

Guerra á verminose! Guerra!  
O Brasil quer homens são...  
Nunca defeques na terra,  
Agua nos fructos, nas mãos.

## TYPHO

Em dizer-te eu não vacillo  
Esta expressãõ que ora grypho:  
*E' um portador de bacillo  
Quem foi doente de typho*

## PALUDISMO E FEBRE AMARELLA

Com quinino (a sciencia diz-m'o)  
E de arame estreita téla  
Evita-se o paludismo,  
Mesmo até febre amarella.

## BACILLOSE

A bacillose tem cura,  
E' melhor a prevençãõ.  
Pois não ha droga segura  
Para esse mal do pulmão.

## GRIPPE

Um aviso serio e douto  
Nestes conselhos se encrave  
— Disse o sabio Miguel Conto:  
*O grippado é um doente grave.*

## ARTHRITISMO

Tu, arthritico sem cura,  
Se não queres soffrer mais,  
Bebe somente agua pura,  
Vive só de vegetaes.

## FUMO

Ha um vicio que dá pigarro  
E que nocivo eu reputo,  
Tal o vicio do cigarro,  
Do cachimbo e do charuto.

## ALCOOL

Evita sempre as bebidas:  
Vinho, licor ou cachaça;  
O alcool faz homicidas,  
Degenera e mata a raça.

## SYPHILIS

Se te excita Amor, ao menos,  
Homem sadio e viril,  
Usa, ao contacto de Venus,  
Um tubo do *Preventyl*.

## CASAMENTO

Mas... se queres viver com  
Muita paz em teu redor,  
Não casar é muito bom,  
Mas... casar inda é melhor.

## HYGIENE DA HABITAÇÃO

Eis da tua casa em prol  
Um conselho, uma sentença:  
*Se nela não entra o sol,  
Entra por certo a doença.*

## DENTISTA

Entre os avisos prudentes  
Poe este na tua lista:  
« Se queres ficar sem dentes,  
Dá tua bocca ao dentista ».

## AUTOMOVEL

Se o corpo ter machucado  
 Não queres, leitor incauto,  
 Olha para um e outro lado,  
 Vê se vem perto algum auto.

## BELLEZA ARTIFICIAL

Oh! gentil *mademoiselle*  
 Que com crême e pó de arroz  
 Estragas a tua pelle!  
 As rugas virão depois.

## ZELO E NÃO CIUME

Quando casares, sentido!  
 A vida é sem azedume,  
 Quando se agrada ao marido,  
 Sem delle se ter ciume.

## BEM COM DEUS E COM O DIABO

Fara que não te deem cabo  
 Da vida, faz-se mister  
 Agradar a Deus e ao Diabo,  
*A tout le monde et son père.*

## GASTRONOMIA

Teme o repasto excessivo...  
 Um sabio russo nos disse:  
 « Pelo tubo digestivo  
 E' que se chega á velhice ».

## LONGEVIDADE

Se os conselhos, mocidade,  
 Que aqui dou, seguides bem,  
 Has de chegar, pela idade,  
 A Vovô Mathusalém.

## PORTUGAL

Filho de portuguez, brasileiro do norte,  
 De alma emotiva e sangue ardente e forte,  
 Canto no verso que em tua honra espalho,  
 Por cuja forma de arte ardo e trabalho,  
 Na mais sonora lingua do universo,  
 Em nome de meu pai, de onde o meu ser promana,  
 (Já que meu pai não sabe fazer verso)  
 O aureo esplendor da Terra Luzitana.

Como em busca de um sonho, ao partirem de Sagres,  
 O' terra das maritimas conquistas!  
 Realizam teus heroes verdadeiros milagres,  
 Ao furor das procellas imprevistas.  
 Tuas victorias, o meu verso guinde-as  
 A' altura de esplendor:  
 Vasco da Gama, abrindo o caminho das Indias!  
 Padro Alvares Cabral - o desvirginador  
 Do Brasil - verde flor da terra americana!  
 Affonso de Albuquerque, o general valente,  
 A bravura espartana,  
 Com a tomada de Ormuz, de Goa e de Malaca,  
 O imperio portuguez estende pelo Oriente.  
 Na Africa, na Oceania e na Asia se destaca  
 A grandeza de um povo, o valor de uma frota,  
 Contra o rei de Castella,  
 Contra a força de quem não se esfacela  
 A tua força, gritaste a liberdade  
 Na batalha triumphal de Aljubarrota,  
 A horda feroz dos barbaros invade  
 Teu solo - Suevos, Vandalos e Alanos.

Expulsaste-a. Venceste os Mussulmanos,  
 Arabes e Romanos destroçaste,  
 Gregos, Phenicios e Carthaginezes,  
 Castelhanos e Godos e Leonezes...  
 E do Alemejo os Moiros expulsaste.  
 E quanta gente houvesse que invadissem  
 O teu solo sagrado e te inflingisse  
 A liberdade, havias de expulsal-a,  
 Derrotando-a na luta, a braço, a ferro e á bala.

Tua gloria vibrou á flor da tena,  
 A' flor do mar, no céu, nas mais singellas  
 Almas, nos corações, no pinçaro de serra  
 E na flammula real das tuas caravelas.  
 E, ao fim de tanta luta e ao fim de tanto horror,  
 Renasceu, como um bem, o teu fecundo amor  
 Ao progresso, á cultura, á vida intensa e á paz.  
 E, terra libertada - El-Dorado, onde jaz  
 O thesoiro da Gloria Universal,  
 Surgiste á flor da Historia, como terra,  
 Cujo amplo seio encerra  
 Uma raça de peso e de grandeza real.

Ergo a taça do verso, onde, como em cadinho,  
 Apuro a rima de oiro, sonora,  
 Que em tua gloria e em teu louvor requinto,  
 E brindo os teus heroes, a um hausto do teu vinho,  
 Feito da uva de polpa saborosa,  
 De que gozo o sabor, de que o perfume sinto  
 - Vinho melhor que o vinho de Mendoza  
 - Uva melhor que as uvas de Corintho.

## AMOR

Sol que na treva espessa tem fulgores,  
 Treva que apaga o sol... Base da vida...  
 Degrau de espinhos, ingreme subida,  
 Que nos conduz a um Golgotha de dores!

Escada de Jacob, em sonho, erguida,  
 Para attingir do céu os esplendores,  
 Rosal da vida, rebentando em flores  
 E, em flor de sangue, abrindo-nos ferida!

Dor e conforto. Céu e inferno. Vello  
 De oiro á espera que o encontre o seu Jasão...  
 Desdemona a morrer por mão de Othello...

Amor — Supremo Ideal — meu sonho vão,  
 Que procuro, que anseio, aspiro e anhele,  
 Como se fosse a propria Perfeição...

## A FONTE

Minha fonte de Lourdes, que por valles  
 Corres n'um fio d'agua crystallina,  
 Cura o meu grande mal, fonte divina,  
 Pois delle é que me vêm todos os males!

Soffro do mal de amor... E' minha sina  
 Soffrer, carpir, tragar o negro calix  
 Da amargura. Sonora fonte, vales  
 O remedio melhor da medicina!

Ha numa gota d'agua do teu veio  
 Vida e saude. Quem se cura, creio,  
 De gratas flores o teu leite junca...

E' vão pedir-te um balsamo. Perdôa...  
 O mal de amor que o coração magôa,  
 Não se conhece, nem se cura nunca.



### João COELHO CAVALCANTE

— o Barafunda —  
*é natural de S. Luiz do Quitunde e filho do poeta e musicista Joaquim Cavalcante. Nasceu quando, não sei, e formou-se em direito no Recifeem... não sei quando.*

*Seus versos mem por sonho parecem ter sahido da mesma cachola de onde chispam os formidaveis pamphletos que lhe têm acarretado tantos odios.*

*Foi certamente um destes que determinou a imprevista operação cirurgica dum kisto que trazia á face: um engenheiro, no Amazonas, arrancou-lho com oito tiros de pistola.*

*Podendo ser muita coisa neste paiz, nada é porque não se resolveu ser.*

*Agora mesmo anda no Rio de Janeiro, de desaforo em punho com endereço em branco.*

*Se desta vez o Barafunda não me partir a cara, fico de parabens.*

### POUSO FINAL

Peregrino do Amor venço a jornada...  
 Sem ter affagos e sem ter carinho,  
 Eu caminhei, nostálgico e sósinho.  
 Por uma longa e tenebrosa estrada.

Longe de teu olhar, longe de ti,  
 Querida; onde deixei meu pensamento,  
 Ninguém póde contar o meu tormento,  
 Ninguém póde soffrer o que eu soffri.

Como é triste viver longe daquella  
 Que nos adora, que é por nós guerida,  
 Cujos olhos de piedade é nossa estrella,  
 Cujos braços de amor é nossa vida!

Ai, Genúria do céu, tu que és tão bôa,  
 Que tens no coração tanto carinho,  
 Tu, que ficaste triste e só, perdôa,  
 Aquella que partio triste e sosinho...

Perdôa aquelle coração que tanto  
 Te amara e tanto juramento fez,  
 E um dia foi-se te deixando em pranto,  
 Para não ver-te nunca mais talvez...

Tu que soffreste tanta desventura,  
 Só por me dares sonhos de alegria,  
 Perdôa aquelle que partio, Genúria,  
 Em procura da sorte fugidia...

Perdôa aquelle que na magestosa  
 Terra dos sonhos e da liberdade  
 Vive, mas vive cheio de saudade  
 Da mulher mais amada e mais formosa...

Peregrino do Amor eis-me a teus pés,  
 Jacira, filha do paiz dos sonhos  
 Venho de longe, e triste como vês,  
 Faze meus dias floridos, risonhos...

Tu, que possues de certo a mais humana  
 Alma, e possues um coração divino,  
 Ouve-me: a alma deste peregrino  
 Te pertence, formosa castelhana.

Elle te vota o mesmo amor que ha dado  
 A'quella que deixou na terra odiosa,  
 Que era formosa como tu és formosa,  
 Que fel-o o homem mais feliz e amado...

Peregrino do Amor-venço a jornada...  
 Quanta ventura e quanta desventura:  
 Perto, tão perto de Jacira amada,  
 Mas tão longe da pallida Genúria!

### A GRASSETA

Nasce em Julho nos campos a grasseta,  
 A flor mimosa, a perfumada flor,  
 Que de manhã possui do lyrio a cor  
 E tem de tarde a cor da violeta.

Entre as puras florinhas dos desertos  
 Campos tem ella o porte de princeza;  
 Belleza não tem mais os entreabertos  
 Lyrios e as rosas não têm mais belleza.

Quem passa e a vê, não deixa de colhel-a,  
 Quem a colhe, não deixa de beijal-a;  
 Pois não ha flor como essa flor tão bella,  
 Nem ha perfume igual ao que ella exhala.

Dizem, porém, que quando a borboleta  
 Que pelos campos esvoaça, a emso,  
 Beija essa flor ideal, morre ali mesmo,  
 Na setinea corolla da grasseta...

Flor de meus sonhos, pallida e singella,  
 Que a minha vida enches de tanto amor,  
 Como essa flor, tu és querida e bella,  
 Mas possues o veneno dessa flor!

### JOÃO! JOÃO!

Vive a saudade a me dizer baixinho:  
 « João! regressa á terra onde nasceste,  
 « Onde o primeiro e puro amôr tiveste...  
 « Vamos, bardo da dôr, põe-te a caminho! »

E mais cruel que traçoeiro espinho:  
 Diz-me o Remorso: « João! tu que fizeste  
 « Das tuas juras? Volve ao patrio ninho,  
 « Ave que um vôo eterno despredeste! »

Ouço um anjo dizer-me quando sonho:  
 « João! a mais formosa entre as formosas,  
 Se não voltares, morrerá; supponho ».

Porem diz-me a bater o coração,  
 Depois de tantas supplicas sáudosas:  
 « Se tu queres penar - volta, João! ».

### GENURA

Genura, talvez supponhas,  
 Na ausencia que nos separa,  
 Que o labio, que te beijara  
 Talvez não te beije mais...  
 Que coias terríveis julgas!..  
 Por este que deu-te a vida  
 Tu não serás esquecida,  
 Genura, jamais, jamais!...

Vivemos tão separados,  
 Tão separados, é certo,  
 Mas eu te vejo tão perto,  
 Tão perto de mim te vejo...  
 Parece que, descuidados,  
 Nós vivemos como outrora  
 Tão pertos da mesma aurora  
 Tão pertos do mesmo beijo.

A sorte quer de vencida  
 Levar-nos, minha Genura,  
 A nós que fizemos jura  
 De só vencer-nos a morte,  
 A nós que de uma só vida  
 As nossas vidas fizemos,  
 Genura querida, havemos  
 Levar de vencida a sorte.

### O COQUEIRO DE PAJUSSARA

Erecto e solitario, a dominar a praia  
 eil-o, alli, sobranceiro,  
 qual sublime, e altaneira e vetusta atalaia,  
 esse bello, esse immenso, esse antigo coqueiro.

Bandos de gerações amaram-no. Que tem  
 uns cem annos escuto.  
 São todos a dizer que não nega a ninguem  
 a agua do fructo seu e a polpa de seu fructo.

Nas noites estivaes; nessas noites de calma,  
 nessas noites de luar  
 chora soluços d'alma  
 com saudades da lua e ciumes do mar.

Erecto e solitario. Impavido leão  
 sacudir a juba auri-verde e ondeante:  
 quando estou diante delle eu penso que estou diante  
 da estatua colossal de um velho deus pagão.

### ALMA VIUVA

Não parece da terra essa creatura  
 Franzina e de evangelica bondade:  
 Ha no seu rosto a muda suavidade  
 Infinita do amor e da ternura.

Chóra, constricta, a alheia desventura,  
 Bemdiz dos outros a felicidade;  
 Ella que tem a graça e a mocidade  
 Eais que a sombria solidão procura.

Os poetas n'um côro triumphante,  
 Chamam-lhe santa e pintam-na tão bella  
 Como a rosa, e tão triste como o goivo.

Dizem que ao despontar de um sól brilhante  
 De maio, suspirando o nome della,  
 Serenamente lhe morrera o noivo.

### SONETO

Velo pensando em ti, mulher amada,  
 Que certamente estás em mim pensando.  
 Ao som de uma guitarra apaixonada  
 Um bohemio feliz passa cantando:

« Era uma noute assim, bella, estrellada.  
 Tu me abraçavas pallida, chorando.  
 Ah! que distancia nos separa! Quando  
 Eu te verei, oh doce desgraçada! »

Trovador, tu não sentes o que dizes!  
 Serás acaso um ente venturoso  
 Que a triste e alheia desventura narra?

Si és tu feliz tem dó dos infelizes,  
 Foge, deixa-me em paz no meu repouso,  
 Vai bem longe tanger tua guitarra.



### OCTAVIO GOMES



*nasceu*  
 no municipio de S. Braz a 16 de julho de 1885.

*Trouxe do berço o virus da litteratice, pois ainda em Penedo, preparatoriano, fundava jornaes e expluia em versos, chegando á temeridade da impressão em volume.*

*Passou á Bahia com as mesmas tendencias, ampliadas. Fundou sociedades litterarias (societas sceleris!) e publicou mais volumes de poesias, ao todo 5: « Relicario, Novilunios, Paginas Antigas, Collar de rimas e Florações ».*

*Apesar de perder tanto tempo com coisas inuteis fez o curso de direito quasi todo distincto, bacharelado-se em 1911.*

*Tem sido juiz de Triumpho, S. José da Lage, Parahyba e é actualmente promotor publico do Pilar e um dos 40 immortaes da Alagoana.*

### PELO AMOR

Tu que nunca sentiste, em desvairado aneio,  
 Teu seio palpitar unido a um outro seio;

Que jamais entendeste a linguagem divina  
 De um olhar de mulher, que arrebatava e fascina;

Tu que jamais passaste uma noite velando  
 Num scismar de saudade evocativo e brando;

Que nas ondas de luz de um sereno luar  
 Jamais viste tua alma ir boiando, a sonhar,

Oh! tu nunca viveste, infeliz creatura,  
 Pois somente no amor é que a vida fulgura.

Não tens sido senão, alma turva e descrida,  
 Um atomo de pó no turbilhão da vida.

Olha os astros no céu, olha as flores na terra.,  
 Porque ha nos astros luz, e porque se descerra

Das flores a corolla, exalando no val  
 O perfume, que é como um lirio virginal

A subir para o azul, a esfolhar no infinito  
 Antiphonas de luz, num hymnario bemdito?

É que os astros no céu, é que, na terra, as flores  
 Se entrelaçam febris, em fremitos de amores



Olha também o mar: vê como elle desmaia,  
De volupia a gemer, no alvo seio da praia.  
E, de goso ideal dessedentado, após,  
Ergue cantando, ao sol, a triunphante voz.  
Elle ama e é só o amor que os seus cantos inspira,  
Que lhe dá vibração de ternuras á lyra.  
E os insectos que vêm enlaçados na gramma;  
O pyrilampo azul que a negra treva inflamma;  
Os passaros gazis, nos conchegos dos ninhos,  
Uma aza a outra aza unindo em ardentes carinhos;  
Tudo que vive, enfim, tudo, seja o que for,  
Tudo palpita e geme e delira de amor.  
E só tú pobre ser, e só tu no Universo,  
No Mar Morto fatal da indiferença immerso,  
Vês fugirem assim inuteis os teus dias,  
Como de murcha flor as petalas doentias  
Que o tufão arrebatava impiedosamente  
E leva a sepultar nas aguas da corrente.  
E somente no teu escuro coração  
Não scintilla do amor o limpido clarão.  
E's um barco sem leme e sem vela, encalhado  
Nos escolhos da vida. O oceano agitado  
Que escachôa e retumba e se quebra aos teus flancos  
Golfando sobre ti os seus vomitos brancos,  
Ha de um dia, por fim, alçando o pulso forte,  
Os teus restos jogar sobre as plagas da morte.  
Ama, triste mortal, se queres ser feliz...  
Lê a Biblia do amor em Dante e Beatriz.  
Julieta e Romeu dir-te-ão a vereda  
Que tu deves seguir, a florida alameda  
Que tu deves trilhar em manhãs cor de rosa,  
Da cotovia ouvindo a canção maviosa.  
Comtigo irão também, á luz da mesma aurora,  
Petrarca unido a Laura e Tasso a Eleonora,  
Que a rir te ensinarão, nessa jornada, assim,  
O segredo immortal dos idyllos sem fim.  
Ama! e em teu coração, triste como um mosteiro,  
Florirá da esperança o celeste canteiro.  
Se tua alma hoje é como uma campa isolada  
Onde jaz a alegria em treva amortalhada;  
Se te escondes no pó como um verme nojento  
Que foge com terror da luz do firmamento,  
Ama! e serás, então por milagre do amor,  
Jesus transfigurado, a fulgir no Thabor!

### ALMAS

A primeira que eu tive, a alma branca e radiosa  
Que fulgiu dentro em mim na aurora da existencia,  
Tinha a alvura da neve e o perfume da rosa  
Era a alma da innocencia.  
A segunda que eu tive, em plena primavera,  
Era meiga e cruel, era cardo e era flor;  
Tinha luz, tinha treva; era um mysterio, era  
A alma extranha do amor.  
A terceira que eu tive era risonha e calma  
Como a luz do luar; era uma pomba mansa  
A arrulhar, a arrulhar num doce arrulho; era a alma  
Tranquilla da esperanza.  
A quarta, a que hoje tenho, é tetrica e sombria,  
Uma arvore a morrer ás garras do tufão...  
É negra como a noite e, como o inverno, fria...  
É a da desillusão!

### EM GUARDA A' BANDEIRA

Zeus, na estatua que Phidias animara,  
No santuario de Olympia fez-se então  
O deus vivo de um povo; e, cousa rara,  
Todos deviam vê-la, todos, na ara,  
Pela sua bemdicta perfeição!  
Fôra infeliz quem, não na visse um dia!  
Dêra-lhe o Artista a fórma, os traços, tudo  
O que o genio impeccavel concebia;  
E ella fallar do solio parecia  
Deixando o povo extremunhado e mudo...  
Era de vê-la—a estatua—dirigindo  
Os destinos da Helade paga!  
Os outros deuses foram se sumindo  
Deante daquelle novo deus, e o Pindo  
Passou a ser uma planura vã...  
Deus amado e temido, pois a crença  
Fel-o cheio de cóleras mortaes...  
Quem lhe fizesse involuntaria offensa,  
Soffreria, na Grecia, uma sentença  
Da qual talvez não resurgisse mais!  
E' que ao sahir do « studium », certamente,  
Depois do ultimo traço do esculptor,  
O marmore tão frio, de repente,  
Parecia dizer áquella gente!  
—Eu sou teu deus, teu guia e teu senhor!  
Deriva dessa crença tão remota  
O dominio da estatua sobre nós;  
Ella, ás vezes, erécta, denota  
Que vive, que tem alma, sendo immota,  
E nos convence, mesmo sem ter voz!  
Ninguem deve fital-a, sem que a vista  
Caia de joelhos no seu pedestal;  
Quer seja a estatua de um glorioso artista,  
Ou represente acaso uma conquista,  
A bravura e o valor de um marechal!  
Eil-o em guarda á bandeira! O monumento,  
Falar parece ás novas gerações  
Tão cheias de tristeza e desalento:  
—Eia! Sus, mocidade! Eu represento  
A vossa fé nos vossos corações!  
Crêde no meu eterno patriotismo,  
Vencendo, aqui, o Golgotha das eras;  
E não resvalareis jamais no abysmo,  
Porque um povo tão cheio de civismo  
Resurge sempre como as primaveras.  
Odeio a Torre Muda de Ugolino:  
—Expição do traidor morrendo a fome...  
E no Poema do bardo florentino,  
Eu merecera, além dos céos, um hymno,  
Pela sanha guerreira do meu nome!  
Sêde fortes e bravos toda a vida,  
Porque vos eu daqui, forte, governo:  
Para mim foi a morte uma subida,  
Que, dos braços da Patria redimida,  
Me transportou ao bronze sempiterno.  
Novo druida, o meu gládio vigoroso,  
Guarda um « menhir » no patrio pavilhão,  
Onde o Brasil enxúga, doloroso,  
O pranto que lhe causa o meu repouso  
E faz ressussitar meu coração!

Quando o silencio envolve a estatua, creio  
 Que naquella attitude, o marechal  
 E' um livro em cujas paginas eu leio  
 A sentença immortal que delle veio  
 E o fez vencer na lucta desigual...

\*\*\*

Não da Patria! Se, um dia tu perigas  
 Ao açoite dos ventos infernaes,  
 Algo te falta para que prosigas  
 E te opponhas ás vagas inimigas,  
 Buscando a Promissão para onde vaes...

Porem, não desanimes, Patria! O vulto,  
 Que soube repellir a inveja fátua,  
 Para livrar-te de qualquer insulto,  
 Ainda tem pela Bandeira um culto,  
 E o teu valor no coração da estatua!

### DESTINOS...

O ar, morboso e lethal, que te a vida crestára  
 Na formosa manhã da existencia, talvez  
 Fosse quem resecou meu jasmineiro para  
 Golpear-me o coração desolado outra vez!

Que destinos eguaes! Que coincidência rara,  
 Ponho-me a reflectir, vendo, em plena nudez,  
 Esta planta, que teve uma vida preclára.  
 Toda morta e o jardim na mais trista viuvez!

Em garanchos agora, esmarrido, parece  
 Que elle vive a rezar uma infinita prece  
 Mãos erguidas aos céus, meu jasmineiro antigo.

Os jasmims, um por um, foram morrendo na haste,  
 E a planta definhou quando os olhos fechaste,  
 Parecendo que o fez para morrer contigo!



Carlos POVINA CAVALCANTI



### RUSKIN

Ruskin, meu professor di pantheismo,  
 Sacerdote pagão, em cujo altar,  
 Reso a Biblia-Natura e penso, e scismo  
 Em quanto fôste, ó genio, singular!

Os mysterio de Deus, em que me abysmo,  
 Penetraste subtil a proclamar  
 Que em cada folha existe um catecismo  
 Onde Pan, horas mortas, vai rezar.

A Natureza immensa foi teu templo,  
 As arvores gigantes - os teus fieis,  
 Tu mesmo, pantheista, o teu exemplo.

Quando morreste, a natureza em prova  
 Floriu-se das montanhas aos vergeis  
 Para a alleluia dessa missa nova...



### TEDIO

Trabalho em ardua faina o verso e chego  
 A' conclusão de que falliu minha arte...  
 Falseio o rythmo e, com um profundo offego,  
 Desillusões encontro em toda parte...

Um perfil de mulher, um perfil grego  
 Que me enche os olhos e de amor me parte.  
 Só me inspira paixão — dessassocego  
 E não tenho no verso o meu comparte.

Mas se assim ha-de ser por toda vida,  
 Se minha arte falliu e é sem remedio  
 Que busco em vão a minha voz perdida,

O' deuses generosos, de piedade,  
 Amenisae as ansias do meu tedio,  
 Soffrei commigo a dor pela metade!



VIRGILIO GUEDES Correia Lima



*nasceu em Macció, a 2 de janeiro de 1885, ahí estudou humanidades, cursou a Escola de Direito do Rio de Janeiro e bacharelou-se no Recife em 1910.*

*Tem collaborado na imprensa periodica, mas pouca gente sabe que é poeta como ao diante se verá.*

*Ultimamente dedicou-se ao ensino e mostra-se um didacta cuidadoso e apaixonado. A Educação, revista que dirige, bemerece o auxilio do publico que inda nem deu por ella... Para que saber ler?!*

*Virgilio é do Instituto Archeologico, do Instituto da Ordem dos advogados, da Academia Alagoana de Letras e do Telegrapho Nacional.*

*Deste é que elle vive, dos outros... desvive.*

### AO LUAR

...A luz da lua lhe disse:  
 —Meu amor, meu sol, meu eu,  
 Amor que sempre bemdisse,  
 Sou teu!...

Minha amada, á luz da lua,  
 Que guarda tantos segredos  
 Entre receios e medos  
 Me disse terna: sou tua!

E o tempo sempre caminha...  
 Muito depressa passou...  
 Ella deixou de ser minha  
 E nem sabe de quem sou!

Que é feito de tantas juras  
 Que nos fizemos ao luar?  
 Encontraram sepulturas  
 No ar!...





## João RANULPHO GOULART



*nasceu*  
menestrel e só mesmo as contingencia da vida te-lo-iam jungido ás redeas de uma funcção publica que lhe não permite demasias de liberdade. Mais do que eu, di-lo seu retrato que é um livro aberto em lingua Esperanto.

*Lida desde os quatorze annos. A principio no commercio, depois na alfandega; mas, de uma familia de poetas, espreme uma vez por outra os furculos d'alma, dando-nos sonetos e canções.*

*Alem de poeta e funcionnario, é musico e pintor. Mas a nota verdadeiramente original desta creatura é que tendo nascido a 27 de maio de 1872, em Maceió, á rua da Igreja, jamais residiu em outra rua, nem pensa nisto.*

*Ufa! que é ter paciencia!...*

### SEU RETRATO

Eu o tenho commigo, em minha mão,  
Collado aos labios meus, tenho-o na mente,  
Ponho-o sobre o meu peito e o coração  
Sinto bater descompassadamente.

Anima-te, papel, na febre ardente  
Que alimenta o vigor dessa paixão;  
Eu desejo pulsando em ti latente,  
Como bate em meu peito, um coração.

Miseravel és tu, que não tens vida,  
E's immovel, és frio, és triste, és nudo,  
Nessa calma de morte indefinida!

Miseravel sou eu, que embalde estudo  
Um meio de animar-te, e a voz, querida,  
Faltando-te, bem sei, falta-me tudo.

### NUNCA MAIS.....

Obra d'arte perfeita. Aquella imagem,  
Por mãos de mestre um dia concluida,  
Era a admiração de toda a gente,  
A sentir palpitar na pedra a vida.

Quantos sei, curiosos, que corriam  
A ver uma tão rara perfeição,  
E por não satisfeitos de miral-a,  
Muitos delles tocavam-n'a com a mão.

Mas um dia, partio-se o lindo busto,  
E habeis mãos de mestres, por mais geito,  
No concerto empenhadas, não poderam  
Recompol-a de todo, sem defeito.

Por mais que se conjugue o saber d'arte  
Com o humano esforço, n'uma lucta infinda,  
Vereis na imagem, que já foi partida,  
Signal de imperfeição restando ainda.

Tambem consegue o tempo algumas vezes  
Restaurar já desfeita, uma alliança,  
Mas quando ella retorna, vem trazendo  
Comsigo o germen da desconfiança.

Assim, tal qual se deu com a linda imagem,  
Dá-se na vida, em casos semelhantes:  
— Uma vez a amizade estremecida,  
Nunca mais volta a ser como era dantes.



## LOBÃO FILHO



### A DANÇA DOS PERFUMES

Penetrantes perfumes delicados  
Em volutas voluveis e votivas,  
Que aos sonhos meus são sempre consagrados  
Em sensações subteis de sensitivas,

Sois a causa maior dos meus peccados  
De amor: — alma das cartas affectivas!  
E os corações por vós apaixonados,  
Soffrem sonhando sombras primitivas.

Nevróticos perfumes odorantes,  
Que as emoções agudas do desejo  
Exaltam nas vertigens excitantes,

Perfume és a maior felicidade:  
E o amoroso vortice de um beijo,  
Na triste evocação de uma saudade!

### GIOCONDA

Flor de Florença a florada em sorriso;  
Esphingético symbolo perfeito;  
Alma da Renascença, que a despeito  
De ser arte sonhava um paraizo.

Eras na Italia a dama de um eleito,  
Que em sendo poeta perderia o sizo.  
Mas elle amou de mais o teu sorriso,  
Esquecendo a paixão dentro do peito.

Emquanto, o olhar dolentemente triste,  
Reparavas no bem de um céo tão alto,  
E sorrias do mal que sempre existe;

Leonardo, alheio ao sêr que amôr inspira,  
Copiava o modelo que ora exalto  
Como expressão maior da minha lyra.



F. Cavalcante de ALMEIDA LINS



*Este rapaz é da velha cidade de Alagôas, onde nasceu outro dia: 13 de julho de 1895.*

*Estudou primeiras e segundas letras em Maceió até ao ponto de metrificar alexandrinos, depois do que mandou ao diabo todos os cursos! Fez mal.*

*Não quiz ser bacharel. Fez bem.*

*Mas é funcionário publico. Fez mal.*

*Andou na caserma. Fez bem.*

*E tambem na imprensa. Fez mal.*

*Hoje escreve para si mesmo. Faz bem.*

*E quer entrar na Academia de Letras. Faz muito mal!*

*Para maiores e melhores explicações dirijam-se ao poeta, no Thesouro do Estado.*

## JULIETA

Amava. Amou na vida e na morte. E' que outrora  
Era o amor que exprimia o viver immortal:  
Quando no coração, findava a humana aurora,  
Na alma, vinha nascendo a aurora divinal.

Era pura, e era bella... A belleza lyrical  
Que lhe dava a feição de uma divina Flora,  
Tal se unia á pureza em que sua alma mora,  
Que em Julieta a belleza era á pureza igual!

Era de vel-a quando, ao balcão medieval,  
Revelava, no amor, o bello que se adora...  
Traduzia, no amor, o puro sem rival...

Morta, morta de amor, a Poesia é que chora:  
Ella alcançou do amor a aurora divinal,  
Mas, ah! morreu do amor a mais humana aurora!.....

## DESEJO POSTHUMO

Quando, á terra que o espera, o meu corpo volver,  
O' natureza, no teu seio tão fecundo  
Eu quero renascer — no bello renascer  
Que me parece o ideal mais humano do mundo.

Que transfiguração sublime: previver  
Na árvore que traduz o sentimento a fundo...  
Tão a fundo que o seu tristissimo gemer,  
Com o gemer immortal dos mares eu confundo!

O salgueiro a que der toda a minha materia,  
Não cantará somente os mortos: eu supponho  
Que cantará da vida a passagem mais seria.

Porque eu, que estou sentindo e pensando na dor,  
Jamais hei-de esquecer do poeta o longo sonho  
De pesadellos, de descrenças, de terror!...

## EPOPEÁ HUMANA

O' humanidade! Ao pé de ti, sempre me abysmo  
Para te comprehender, para te desvendar...  
Mas quanto mais, ao pé de ti, venho ficar,  
Mais fico abstruso, mais me quedo, mais eu scismo!

Nesta ancía de seguir o teu proprio atavismo,  
O teu destino tão estranho e singular,  
Quero ainda mais soffrer, quero ainda mais amar,  
Em mim mesmo quebrando, a fundo, o teu mutismo.

De lutar em lutar, vaes soffrendo e passando...  
E eu, que soffro e que passo os bons e os máos olhando,  
Embalde, sempre em vão, quero te desvendar!

Mais que o mar de Neptuno, o teu é cruel e insano!  
Só entendi por isso o viver mais humano  
Dos que vivem soffrendo e não deixam de amar....



TAURINO BAPTISTA



## ALMA FORTE

Ambos, o Céu e o Mar, têm trações e grandeza,  
Um, abysmo de azul e de verde o outro é abysmo.  
Se este espelha daquelle a indomita fereza,  
Da symbiose nefasta explóde o Cataclismo.

— Ruge, ás vezes, bem sei, na mesquinha estreiteza,  
De altivo craneo humano um absorvente egoismo,  
Feito de ancias, paixões, de inveja e de torpeza,  
Que dos dous é pequeno o aluinte paroxismo. —

No alto da Rocha heril — gigantea haste de púa —  
Se queda o Céu de borco, á feição de pantalha,  
E a ira do Mar branqueia a base negra e núa.

Galopa a ondina cohorte e logo se esfrangalha  
E chuacha e symphonia e freme e arfa e recúa.  
Assim contra alma forte é o riso da canalha.

## INTIMO EMBATE

O seu radioso olhar, como uma estiva restea  
De sol, entrou no cáos de meu olhar vasio...  
Meu intimo devassa até minha alma e veste-a  
De clamysde auroral feita de um céu de estio.

O Tedio, meu algoz, a traçoieira molestia  
Dos que se vão ao léo no estigio e torvo rio  
Da tristeza, me induz que a renegue e detéste-a  
E de novo me empolga o espirito doentio.

O seu olhar, porém, subtilissimo e pulchro,  
Tal se infiltra o louvor do animo no recesso,  
Como hera pertinaz que profana um sepulchro,  
Viola o meu peito e tenta exular, indefesso,  
A saudade que o occupa, o derradeiro fulcro  
Do abençoado Alcazar de um Bem que não esqueço.



EZECHIAS DA ROCHA



## FASCINAÇÃO DE MARCO ANTONIO

<sup>1</sup> Que importa o Imperio e salvação de Roma?  
Roma não vale um só dos beijos della!....<sup>1</sup>

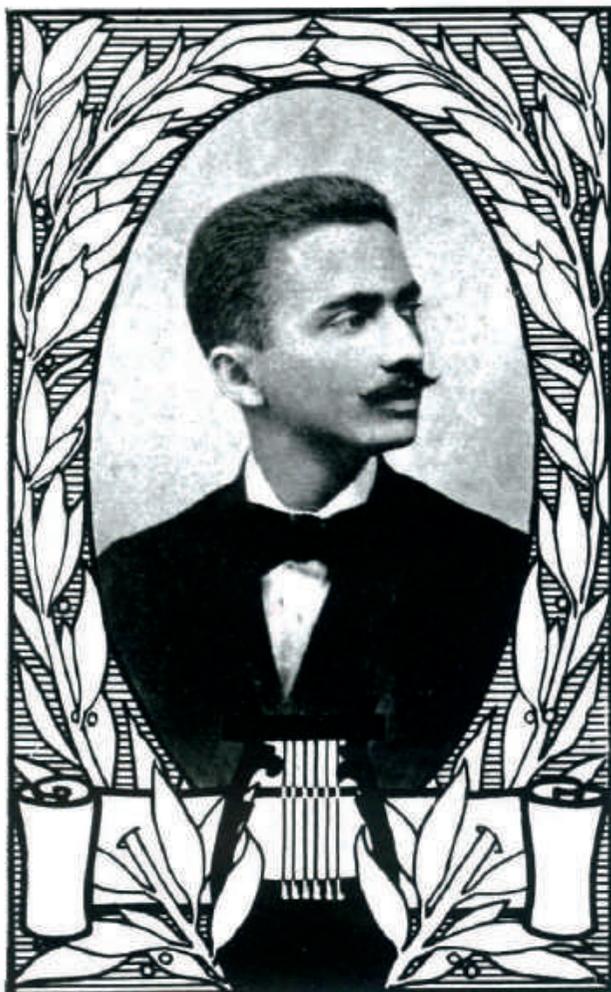
OLAVO BILAC.

— Não me deslumbram mais as grandezas de Roma;  
No seu poder immenso eu nunca mais medito;  
Outra gloria maior, um imperio inaudito,  
No horisonte doirado, a fascinar-me, assoma.

E' o coração, o amor da rainha do Egypto,  
Prodigiosa mulher feita de som e aroma...  
Nume que o peito meu, nunca vencido, doma,  
Anjo que tem no olhar toda a luz do infinito!

Cleopátra! embora Roma avilte-me com apodos,  
Só ambiciono, na vida, o teu corpo, que encerra  
Toda a luz, todo o olor, os resplendores todos...

Amo-te! Dá-me, agora, o teu amor profundo,  
E serás, para logo, a rainha da terra,  
E eu serei, desde então, o imperador do mundo!



PAULINO SANTIAGO

*nasceu em Maceió em 1888, em dia que não quer revelar a ninguém. Coisas!...*

*Amou os livros por acaso: foi caixeiro de livrarias onde começaram a espicaçar-lhe a alma os primeiros pruridos literários.*

*Fazia versos, escrevia cartas amorosas, mas nada disto rendia vintem. Resolveu pois ser guarda-livros e o foi com emoção.*

*Estava escripto que o destino havia deleva-lo até à prova do homem de letras para que nasceria.*

*Na casa bancaria de que é contador, lida com letras de cambio. Neste ponto a Academia Alagoana interveio, arrastando-o a seu seio.*

*Bôa lembrança, porque é um dos dez que salvam a lingua entre os 39 de lá.*

### O ALBATROZ

O Mar, o velho Mar de lendas e sereias,  
De nymphas e amphytriões, de perolas e espuma,  
Vem de manso beijar as limpidas arcias  
Em vagas que ao partir se escacham de uma a uma.

E' de vê-lo arrastar-se — o liquido gigante —  
Com a tona desbrochando em floculos de neve,  
Agora sacudindo as aguas para diante  
E as aguas retrahindo ao seu lugar, em breve.

Ora modula um canto em que a alegria impera,  
Ora um canto de dor e agonia modula:  
— E' que ao Mar, como a nós, visita a Primavera  
E, como a nós, do Outono o frio vento o açula.

Sonda-lo é ter á vista o lugubre contraste  
Da existencia — perfidia, amor, vingança, affectos —  
E' ver abrir-se a flor candidamente na haste  
E o batrachio arrojado aos pantanos infectos.

Do seu seio voraz que tumido palpita  
Acachante, brutal, horivelmente grande,  
Não raro se desprende a pavorosa grita  
Em que elle a magua insana e o agro pezar expande.

\*\*\*

Vai despertando o Mar do seu quasi lethargo:  
Macias virações procedentes do largo  
O encrespam suavemente. Agora, nas escarpas  
Da rocha negra e abrupta, a agua bate e se altera,  
Levantando-se aos ceos em branquejantes farpas  
Que o vento agarra no ar e a zinzir dilacera.

O vento que inda ha pouco era brisa fagueira,  
Já agora se sacode em rapida carreira.  
E lá fóra, onde o olhar prescrutador se perde  
Entre vagas subtis de alvura soberana,  
O velho Mar alteia o immenso dorso, verde  
Como enorme lençol de marmor de Campana.

Adeus, tranquillidade e mansidão de ha pouco!...  
Meiga quietude, adeus! O vento ulula rouco,  
Por tudo se distende, espraia-se por tudo,  
Feroz, a sibilar nos asperos penêdos,  
Produzindo um concerto estriduloso e agudo  
Pela immensa extensão dos turbados rochedos.

O Mar, o velho Mar, as aguas sacudindo,  
Fá-las vagas que vão se esbrôando, partindo,  
Pelas fraguas afóra, estrepitosamente.  
Aqui se abre um abysmo, outro allí se escancara  
E ás tontas pelo espaço o vendaval potente  
Regouga uma canção de furia extranha e rara.

Chocam-se as aguas. Grita o furacão. Uma onda  
Com a rocha herculea e bronca, impavida esbarronda.  
E mais outra e mais outra e inda outra mais, seguidas,  
Vão, rolando e a rugir, contra o petreo gigante  
A cujos pés se vêem laceradas, partidas,  
Entre o féro rumor de um grito lancinante.

O céu se vai toldando. As nuvens amontoadas,  
Superpostas, formando enormes almofadas,  
Como que vêm pousar no magestoso anfracto  
Da rocha colossal. Estrepitoso e bruto  
O Mar, que era inda agora um placido regato,  
Raiva, berra, se estorce em ancias dissoluto.

Abafando o estridor das aguas — luta insana  
Do Mar contra si mesmo, horrivel, sobrehumana —  
Ronca, ribomba, estala, os ares sacudindo  
Como enorme legião de machinas de guerra,  
— Catapultas varrendo os céos e o espaço infindo —  
O trovão, que retumba estremecendo a terra.

\*\*\*

Paira por sobre o Oceano um clangor de batalha.  
Douda, uma ave soluça e foge e se agasalha  
Num desvão do penedo. Os alces, as gaivotas,  
Os colymbos e alcyons, rodopiando no espaço,  
Gemem, gritam, soltando estrepitosas notas,  
Abatidos de horror, cahindo de cansaço.

Tal a fimbria do Mar, abatida, roçaga,  
Tal foge ao rebentar de immensuravel vaga.  
Esta desdobra inteira a curvatura enorme  
Das azas e pragueja. Aquella, distendendo  
As pennas, mal retem suspenso o corpo informe  
Por cima dos bulcões do pelago estupendo.